



**BIBLIOTHECA**  
DE  
**\*VICENTE THEMUDO\***

N. 1359

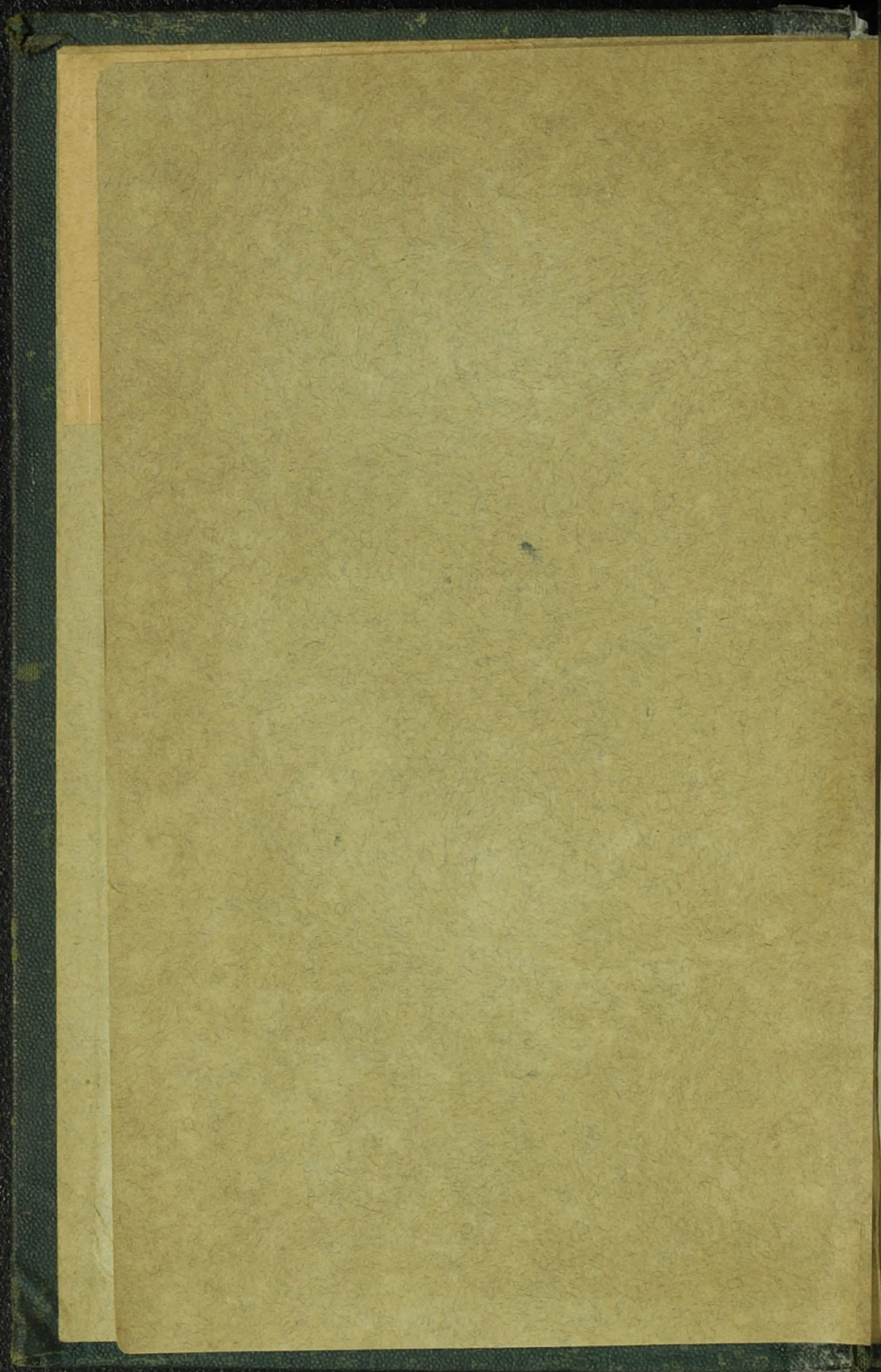
VOL. 1

DATA 17-8-918

BIBLIOTECA MUNICIPAL

"ORIGENES LÉSSA"

Tombo N.º 2595



*q. 5 Femio*

*S. 6 arts, 17-8-918*

D. IGNEZ DE CASTRO

---

PARIS. — IMP. SIMON RAÇON E COMP., RUA DE ERFURTH, 1.

---

# D. IGNEZ DE CASTRO

DRAMA EM CINCO ACTOS

E EM VERSO

PO R

JULIO DE CASTILHO

---

RIO DE JANEIRO

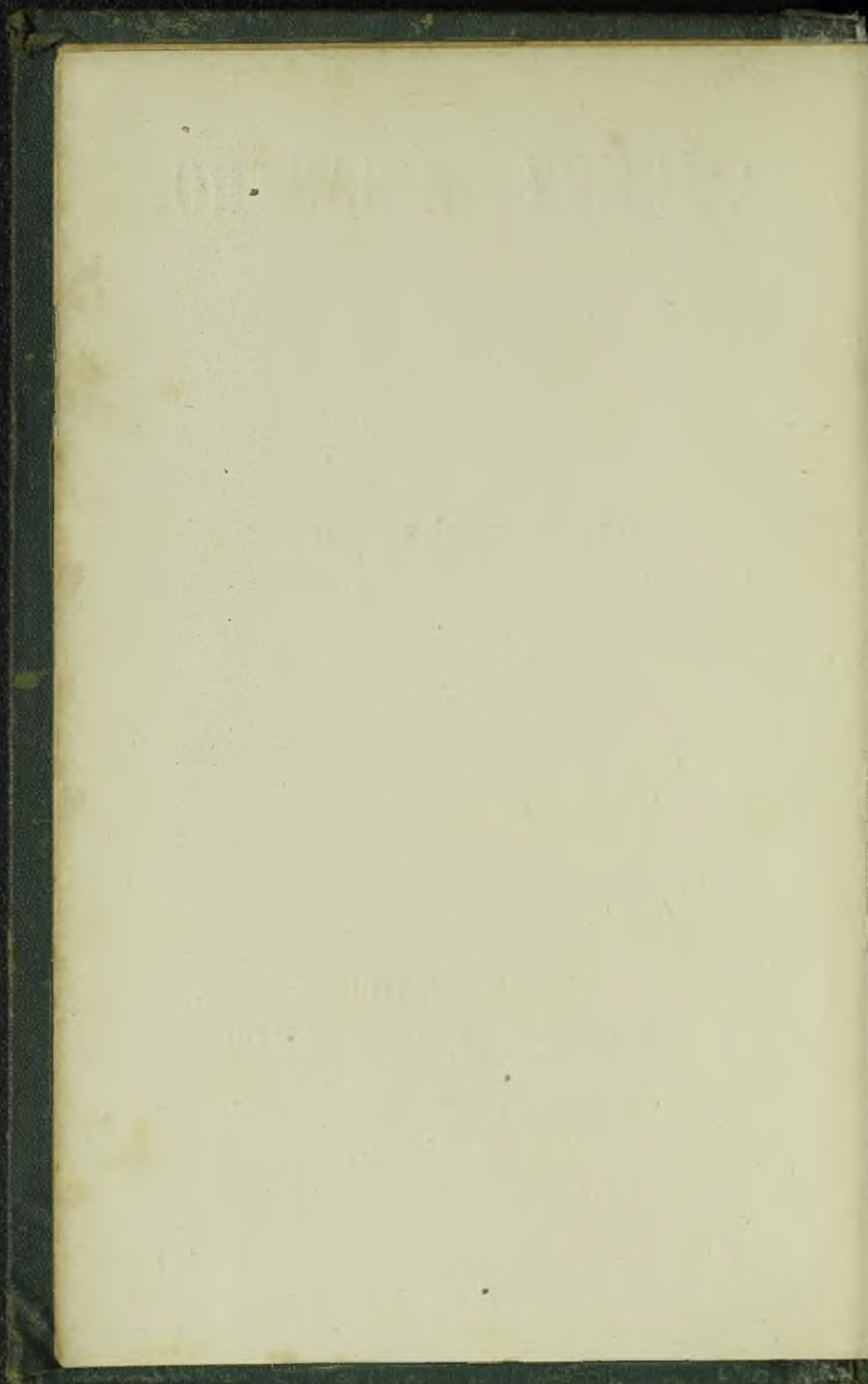
B. L. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

69, RUA DO OUVIDOR, 69

PARIS. E. BELHATTE, LIVREIRO, 14, RUA DE L'ABBATE

1875

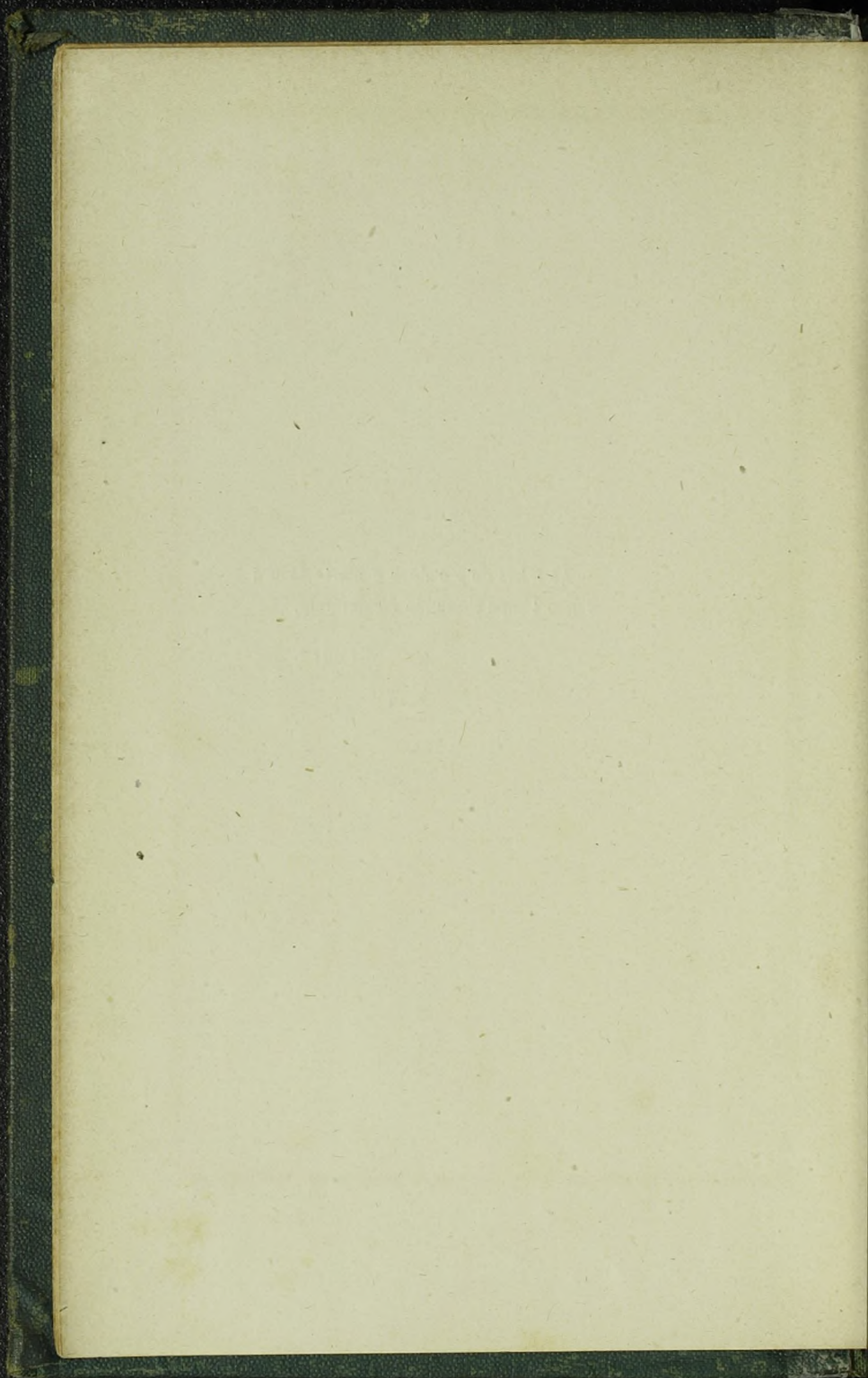
Ficam reservados todos os direitos de propriedade





As filhas do Mondego a morte escura  
longo tempo chorando memoraram.

CAMÕES.





Á MEMORIA

DE

SUA CHORADA MÃE

A SENHORA

VISCONDESSA DE CASTILHO

OFFERECE

*O Autor.*

LIBRARY

OF THE

UNIVERSITY

OF TORONTO

1880

## PROLOGO

### I

Nunca esta obra saberia aspirar aos altos fóros litterarios de tragedia; a não ser pelo assumpto, que esse é dos mais tragicos da chronica portugueza. Não podendo pois edificar uma *tragedia*, na vasta significação d'essa palavra, contentou-se o autor com uma tentativa de drama.

Ao sentar-se á meza do trabalho, descortinou o escritor, logo desde a primeira hora, a lugubre grandeza da narrativa; não lhe era dado porem alterar os topicos essenciaes.

Era um caso memoravel, já poetisado e engrandecido pela imaginação meridional; mas, historia ou lenda, importava ao autor de um drama com

o titulo d'este ressuscita-a inteira, com os seus antecedentes proximos, com o prenuncio das suas consequencias, agrupando em volta dos nomes do Infante D. Pedro, de El-Rei, e de Ignez, alguns dos principaes factos e nomes do tempo.

## II

Abramos o livro da nossa historia. Lancemos um olhar a essas paginas doiradas, que têm por titulo Affonso IV, e que mancha para sempre uma nodoa de sangue. Contemplemos !

Um reinado interessante, grandioso, revólto, de altas aspirações.

Um Soberano cavalleiro, de agigantada estatura moral, creado na cõrte poetica do Rei trovador.

Ideias generosas; arrojos epicos; pendencias, ora com El-Rei de Castella, por motivos de verdadeiro brio dos nossos ricos-homens, ora com a moirisma, pela Cruz e pela Fé.

Junto do throno de seu pae aquelle enigmatico e pensativo Infante D. Pedro; no vigor da mocidade, e viuvo. Pela noite da sua viuvez desenhouse-lhe já fatalmente no espirito a figura luminosa

de Ignez de Castro. Constança é talvez ainda uma saudade; Ignez assoma como um sorriso.

Domina a ambos esse amor com todo o seu impeto, esse amor celebrado nas lyras de todo o mundo, esse amor que ha-de inspirar a Camões um dos trechos mais populares do poema nacional.

Turvam-se os ares; lampejam os punhaes homicidas; consumou-se ás escuras, a furto, em Santa Clara de Coimbra, a covardissima façanha.

Quando, entre as folias e o estrondear de uma caçada, voltava a Coimbra o sequioso amante, a noticia traspassa-o. Em vez da voz da sua juvenil namorada, só lhe responde o ecco pelos corredores ermos de Santa Clara; em vez da figura risonha de Ignez a esperal-o entre as primeiras arvores da alameda, apontam-lhe para uma loisa n'um canto do templo.

Desde esses instantes entenebreceu-se na demencia o espirito do Principe. Uma certa secura nativa do seu genio cambiou-se em ira; o immenso amor de Ignez de Castro, tão limpido, tão verdadeiro, tornou-se odios; o Infante, que era todo dedicação, é todo só vinganças.

Atroou o rebelde, e atroou-a de cima a baixo, toda a antiga sociedade portugueza com o seu rugido leonino de alta rebellião; e cego de ira, e mal

ferido, arrojou-se em som de guerra ás comarcas do Minho e Traz-os-Montes.

Tal periodo de assolações e insultos reciprocos, cerra-o o mez de Agosto de 1555, em que os dois poderosos contendores se reconciliaram em Canavezes, por intervenção da Rainha D. Brites, digna successora de Izabel de Aragão.

É essa, em dois traços, a historia-lenda da *collo-de-garça*.

### III

Ouvimos a lenda. Examinemos agora de espaço a obra da arte. Vejamos como esse enredo tenebroso, urdido em nome e á sombra de um Rei, foi pelo autor d'esta obra transformado, não em tragedia, repitamol-o, mas em drama, com os altibaixos e multicores da vida de familia.

Eis o que o artista ousou fazer.

Primeiro, escolheu. A riqueza e abundancia é a principal difficuldade d'este assumpto. Escolheu portanto, e escolheu muitissimo.

Depois, tingiu o fundo do novo quadro na côr quente e vaga do seculo; deixou por um recorte ou outro lobrigar-se o perfil gothico da rumorosa



Lisboa ainda moirisca; preparou os largos accessorios antes das figuras; e fez que os retratos historicos (porque o são quasi todos) se projectassem com a sua verdade rude na tela assim debuxada.

Eleita a scena e chamados os actores, agrupou-os, metteu-os na sua perspectiva; depois pôz-se a escutal-os. Escutar os personagens é o melhor meio de compôr drama; é talvez o unico. Os personagens não são titeres; são homens, ou foram-n-o. Ouvil-os é a arte.

## IV

Vejamos alguns d'elles de per si.

Quanto ao Infante D. Pedro: ha no caracter d'este senhor, em quasi todas as tragedias da Castro, muitissimo mais d'El-Rei D. Pedro o cru, do que do proprio Infante; grave erro historico, que urgia rectificar; porque o Infante D. Pedro, antes da morte de Ignez, é totalmente outro do Infante D. Pedro viuvo d'aquelle desditoso amor. Isso attestam-n-o mil vestigios nas chronicas.

Houve de um para outro um reviramento, uma completa metamorphose. Suspeitamos até que o monstruoso Rei, a que alguns chamam *Justiceiro*,

não tem perfectas as faculdades mentaes. Só assim lhe atenuamos a imputação das inqualificaveis e sanguinosas demasias.

Fez-se pois do Infante o que elle necessariamente fôra : um mancebo ardente, impetuoso, mas bom; grande caçador, grande folião, e coração leal. Adora Ignez de Castro, adora sua mãe, ama e teme seu pae.

Era porem necessario deixar suspeitar uns indecisos prenuncios do que veio a succeder : isto é : a altiva reacção com que o misero respondeu ao assassinio. O germen de todas as subsequentes iras do rebelde, as quaes pela sua natureza não cabiam inteiras na moldura do quadro, contêm-n-o logo nas primeiras scenas, e depois no acto IV, algumas fallas, com que o Infante verbéra os validos de seu pae.

Assim, n'estas manifestações tão diversas do seu character, julgamos haver bosquejado a difficil personalidade do Justiceiro.

## V

Quanto a El-Rei D. Affonso : disse-nos a meditação que as suas constantes tergiversações n'este

demorado negocio, taes como nol-as apresenta a tradição, eram um signal de que se pode ser o vencedor do Salado, e um dos homens mais valentes do seu seculo, e ao mesmo passo trepidar, hesitar, cair, quando a sangue frio se planeie, n'um recinto pouco menos que domestico, a morte de uma mulher que não tem culpas.

Para explicar esse dubio comportamento em tal homem, posémol-o como que entalado entre a pressão energica dos seus conselheiros, e as persuasões suaves de uma esposa presadissima, e digna de o ser; indeciso entre o temor das suas altas responsabilidades reaes para com o povo, e a affeição paternal que dedicava a seu filho, e dedicaria á propria D. Ignez. D'essa luta de opposições saiu o character, que (bem ou mal) ali supposémos a El-Rei.

Era convencimento nosso que o seu retrato moral anda falseado por todos quantos crêem epilogar-lhe o julgamento com dizerem : foi mau filho, mau pae, mau irmão, e sogro cruel. Não ; El-Rei D. Affonso IV não foi isso. Aquelle coração nobilissimo, aberto a todos os rasgos, era (principalmente na madureza dos annos) cheio de mysteriosos cambiantes, que a poesia, bem mais do que a fria observação da historia, pode adivinhar, sur-

prehender, e fixar. Aquella alma austera mas terna; leal, e fraca; desinteressada, e cavalleirosa, padeceu muito! e do seu estirado supplicio não poucos vestigios restam no longo, no trabalhoso fluctuar de tantos annos, entre os deveres de Monarcha, tal como lh'os pintava a barbaría do tempo, e o suave pendor de pae.

Entendeu pois o autor d'este drama dever pôr em evidencia, e com imparcialidade, o duro papel que as circumstancias forçaram o Soberano a aceitar na inaudita condemnação de Ignez. Para quem meditar, tem consideraveis atenuações um tão brioso homem de armas, que assim se tornou, sem o querer, um algoz.

## VI

De Ignez que diremos? que forcejámos por lhe insufflar vida propria, e fazer da *cordeira* paciente das tragedias, quasi todas, nada menos nem mais que uma mulher. Quizemos que amasse, que amasse muito, que esperasse, que temesse, que orasse, que tivesse lagrimas. A empreza era immensa.

Era Ignez de Castro hespanhola de nascimento

e linhagem; portugueza de coração e convivencia. O caracter impetuoso e meigo que lhe prestamos, foi o resultado logico do embate das situações. Poderão observar-se contradicções em tal caracter; respondemos porem : assim como o quebrado e montuoso das serranias desdobra a cada instante, ao perto, ao longe, ao baixo, ao alto, panoramas imprevistos de enfeitiçar ou aterrar, assim tambem se rasgam nas almas sensitivas, segundo as situações anormaes e extraordinarias, aspectos inesperados, abismos ou pincaros, abobadas de estrellas, ou oceanos sem fundo e sem fim.

Ignez de Castro é uma mulher de grande raça; com o legitimo orgulho de uma neta de Reis, com a meiguice de uma donzella de palacio. Ora hombreia de plano com os thronos, ora se encontra a infima das servas. A convivencia com a melancolica D. Constança, e com a santa D. Beatriz, deu-lhe a doçura e distincção do porte; o desespero e os riscos da sua posição falsa prestam-lhe temores e lagrimas de condemnada. É amante, e é mãe. Treme pelo seu Pedro, e pelos seus filhos; é umas vezes a leôa ferida nos seus intimos amores, outras a corça mal segura, que um perpassar de zefiro amedronta e afugenta.

## VII

Uma figura que n'este drama avulta a par de Ignez é a Rainha D. Brites. Julga o autor haver sido dos que trataram o assumpto *Ignez de Castro* o primeiro que fez da Soberana um retrato dramatico estudado e fiel. Era a Rainha D. Brites uma digna representante de Santa Izabel, e uma das Princezas que mais honraram o nobre throno portuguez. Fôra pena, fôra crime desaproveitar tão suave physionomia. Aproveitou-se pois na composição d'este quadro, dando-se-lhe um papel de tal natureza, que, se ella na vida real o não desempenhou, podera sem inverosmelhança tel-o desempenhado.

## VIII

Para variar quanto possivel o character dos tres historicos matadores, fez-se de Pero Coelho um intrigante politico vendido aos castelhanos, e op-

pondo-se, pelo muito oiro que lhe chovia da banda de Castella, ao casamento do Infante com D. Ignez, casamento que, de um modo ou de outro, cedo ou tarde, podia roubar (como com effeito esteve talvez a pique de roubar) o sceptro ao primogenito, o senhor D. Fernando, vindo a caducar assim certas influencias de Castella na côrte de Portugal. Alvaro Gonçalves por conveniencia scenica ficou mais em sombra, sem deixar de conspirar no mesmo conluio de rufiães.

A alma porem da conjuração é Diogo Lopes Pacheco, que fizemos (carreguem os seus *lémures* com mais esta) amante repudiado da linda Ignez. É pois elle quem, por um ciume concentrado e constante, vai movendo a trama, que perdeu a innocente; é elle quem, sempre prompto, doble e flexivel, tem na mão as chaves que lhe abrem, ora os cofres de Castella, ora o coração da Rainha, ora a annuencia *pusillanime* d'El-Rei (permittanos esse tremendo qualificativo a memoria do valoroso Monarcha).

Poderá parecer ousadia insustentavel a indole do papel que distribuimos a Diogo Pacheco; e poderá objectar-se-nos que nada auctorisa a crelo rival do Infante D. Pedro. Ao reparo contestariamos o seguinte :

No meio de tammanho esquecimento, como o que ennevoou este caso todo, a verdade guardou-a Deus para si; mas a tradição e o grande instincto nacional não desligam o Senhor de Ferreira de Aves do attentado de 1555. Assim pois, ficava á poesia dramatica a liberdade ampla de fazer entrar esse cavalleiro do modo que mais conviesse.

De tantas negruras como as que encerrou esta lugubre tragedia, inspiradora de lyras em todo o mundo, temos por certo que a historia não disse tudo. A historia calou-se com a chave de um cerrado enigma : com o verdadeiro *porquê* d'aquelle iniquissimo assassinamento de uma mulher. Ali havia causa latente (que hoje não sabemos rastrear) para tão acirrados odios, para enredos tão porfiados, para desfecho tão indigno dos punhaes de tres fidalgos.

Supposémos amores n'esse motivo occulto ; a cinco seculos de distancia era já licito no theatro interpretar assim livremente a historia patria ; e Deus sabe se a intuição do dramaturgo não acertaria!

Suppra mais esta conjectura em cinco actos o silencio das chronicas.



## IX

Quanto ao andamento e distribuição da peça, diremos só que procurámos collocar tudo nos seus eixos, e dar a esses personagens, que todos tiveram alma, e corpo, e representaram na vida o seu papel, um theatro que lhes fosse natural, e onde elles proprios se achassem motivadamente nos seus nativos ares. Restaurámos, quanto soubermos, o viver d'aquelle tempo, no scenario, nas alfaias, nos usos, na topographia. A narrativa, essa foi quasi fielmente debuxada pela reminiscencia das chronicas. *Famam sequere*. Os tratamentos não são já exclusivamente aquelle *tu* das tragedias, muito tragico, e muito latino, se quizerem, mas para cá muito pouco verdadeiro; são o *tu*, o *vós*, e a *Mercê*, que n'esse tempo (quem tal diria hoje!) foi realenga.

## X

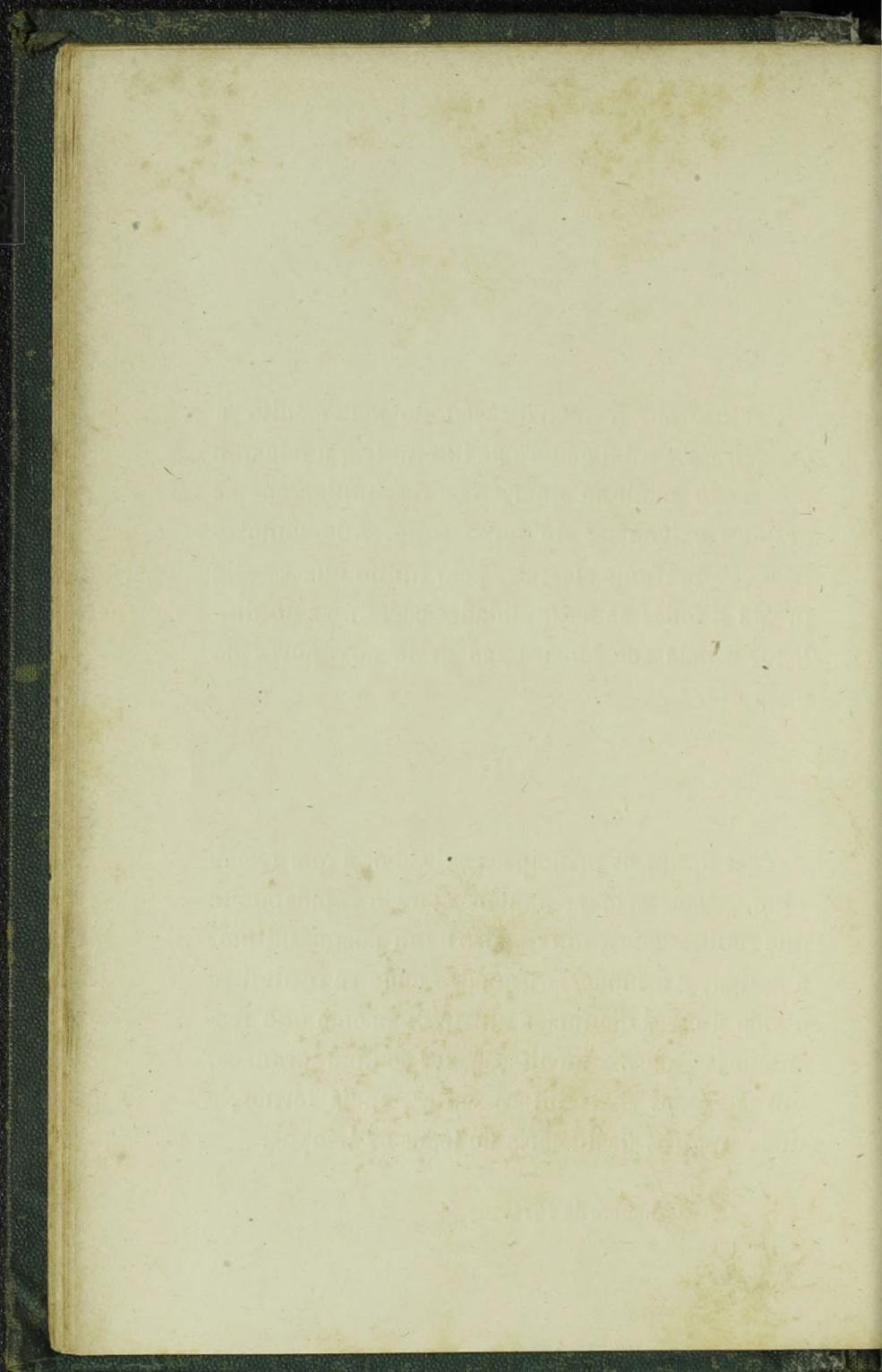
A linguagem em que deve ser escrito um drama de assumpto portuguez como este, figurou-se (não o dissimulemos) outro escolho muito para temer. Era mister que as pessoas do drama fallassem uma lingua equidistante da nossa lingua hodierna, e da intricada loquella do seculo XIV; algaravia inintelligivel hoje para o geral dos ouvintes. Tentámos tomar um meio termo, achegando-nos quanto podessemos (infelizmente podémos pouco) ao nobre e opulento latim peninsular que usaram nossos maiores ha menos de quatro seculos, mina que dá de sobra aos mais incontentaveis. Como amostra porem do curioso idioma do tempo, deixámos que os anões do Infante D. Pedro arranhassem um portuguez mais proximo ao portuguez plebeu d'então; será uma antigualha bem vinda quiçá para entendedores.

## XI

Pareceu-nos a metrificacão do verso solto a mais propria a tal genero de litteratura, ainda que por modo nenhum queriamos dissimular-nos as grandes exigencias do verso solto. Adoptámol-o pelo seu perfume classico, pelo muito que se elle presta a todas as naturalidades correntias do dialogo, e pela sua muzica tão grata aos povos do meio dia.

## XII

Taes foram os principaes subsidios a que recorremos, para armar, o mais clara e rapidamente que soubessemos, um quadro e um poema intimo, á antiga, e á moderna; quadro onde se restituísse a vida a esses defunctos illustres; poema que resuscitasse, para a meditaçãõ dos contemporaneos, um dos casos mais interessantes, mais ternos, e mais tragicos da historia de todos os tempos.



D. IGNEZ DE CASTRO

DRAMA EM CINCO ACTOS

THE HISTORY OF THE

ROYAL SOCIETY

## PESSOAS DO DRAMA

---

### EL-REI D. AFFONSO IV.

Sessenta e quatro annos. Presença nobre e paternal. Longa barba branca. Já não é o bravo heroe do Salado; é um ancião veneravel e austero, envolvido, mau grado seu, no mais complicado negocio de familia. Luta como sabe e pode, por bem de seu filho, e do reino.

O INFANTE D. PEDRO, viuvo a este tempo da Infanta  
D. Constança Manuel.

Trinta e quatro annos. Character versatil; em tudo extremos. Grande monteiro e cavalgador. Desabrido, e meigo. O grande amor da sua vida é Iñez de Castro.

### JOÃO ANNES DE ALMADA.

Constante e leal conselheiro e amigo dos nossos monarchas desde El-Rei D. Affonso III e El-Rei D. Diniz. Ancião de 92 annos, robusto e nobre. Antigo amigo e companheiro de armas de D. Pedro Fernandes de Castro (denominado nas chronicas *o da Guerra*) pae de D. Iñez de Castro. Presença em tudo veneranda. Calvo; longa barba branca. Pelas suas acções mereceu dos chronistas o epitheto de *Grande*.

## PESSOAS DO DRAMA.

## DIOGO LOPES PACHECO.

Senhor de Ferreira de Aves, Fidalgo do Conselho d'El-Rei D. Affonso, e muito seu privado. Entra na acção como amante occulto e desaceito de D. Ignez de Castro. Um gigante de orgulho, e uma vibora de odios. Vingativo até ás raías ultimas da crueldade. 51 annos.

## PERO COELHO.

Fidalgo grande privado d'El-Rei; creatura toda dos castelhanos, e toda nos interesses de D. João Manuel, o grande senhor de Castella, que foi sogro do Infante D. Pedro de Portugal. Ambicioso, e arteiro.

## ALVARO GONÇALVES.

Meirinho mór do reino. Mancebo imprudente e fogoso, amigo de Diogo Lopes e Pero Coelho, e empenhado como elles contra os amores do Infante.

D. JORGE, bispo de Coimbra.

D. GONÇALO PEREIRA, arcebispo de Braga.

O ALCAIDE mór de Coimbra.

GONÇALO VASQUES DE AZEVEDO, escrivão da puridade d'El-Rei D. Affonso IV.

O DOM PRIOR DE SANTA CRUZ.

## BELIAL.

Anão do Infante D. Pedro; alma boa, quanto o sabe e pode ser a de um bobo. Capaz, lá no meio da sua penumbra intellectual, de um grande sacrificio de coração. Trajo pardo avivado de côr de fogo; gorra com pluma vermelha.



## ZEBRÃO.

Outro anão do Infante; intrigante e atraçoado; lingua viperina; macaco, e serpe. Trajo amarello e encarnado; capuz; guizos.

## A RAINHA D. BRITES.

Filha d'El-Rei D. Sancho de Castella, e mulher do senhor D. Afonso IV. Grave, e serena. Formosa e gentil ainda, apesar dos seus annos. Caridosa, e cheia de sentimento. Grande mãe, grande esposa, grande Rainha. Reflecte-se-lhe no character a angelica piedade da sua educadora e segunda mãe, sua sogra D. Izabel de Aragão, ao diante canonisada.

## D. IGNEZ DE CASTRO.

Illustre senhora da côrte de Portugal; ex-dama da Infanta D. Constança Manuel (já fallecida), e actual dama e intima amiga da Rainha D. Brites. Alta, loira, formosissima; *collo de garça*, como lhe chamavam. Amante impetuosa e dedicada.

## URRACA MONIZ.

Mulher de João Annes de Almada; camareira da Rainha. Sessenta annos. Pessoa discreta; partidaria do tempo antigo, e devotada a seus reaes amos.

## ALDONÇA.

Moça da camara da Rainha. Vinte e cinco annos.

## HELOIZA.

Moça da camara da Rainha; dezoito annos cheios de todo o enthusiasmo louco d'essa idade. Creança arrebatada e formosa.

## PESSOAS QUE NÃO FALLAM

## O INFANTE D. DINIZ.

Filho do herdeiro da Corôa o Infante D. Pedro, e de D. Ignez de Castro; menino de cinco para seis annos.

## O INFANTE D. JOÃO.

O mesmo que o precedente; menino de quatro annos.

## A INFANTA D. BEATRIZ.

O mesmo que os dois precedentes; menina de tres annos.

## FREY GERARDO.

Italiano de nascimento, Ermita de S. Agostinho de Portugal, Lente de prima de Theologia, e Reitor do Estudo geral de Coimbra.

## CORTESÃOS, MONTEIROS, DONZELLAS, e PAGENS.

---

A acção corre toda no paço de Santa Clara defronte de Coimbra, nos primeiros dias do anno de 1335 : o 1º e 2º actos na tarde e noite de 6 de Janeiro; o 3º, 4º, e 5º, na manhã, no serão, e na noite de 7,

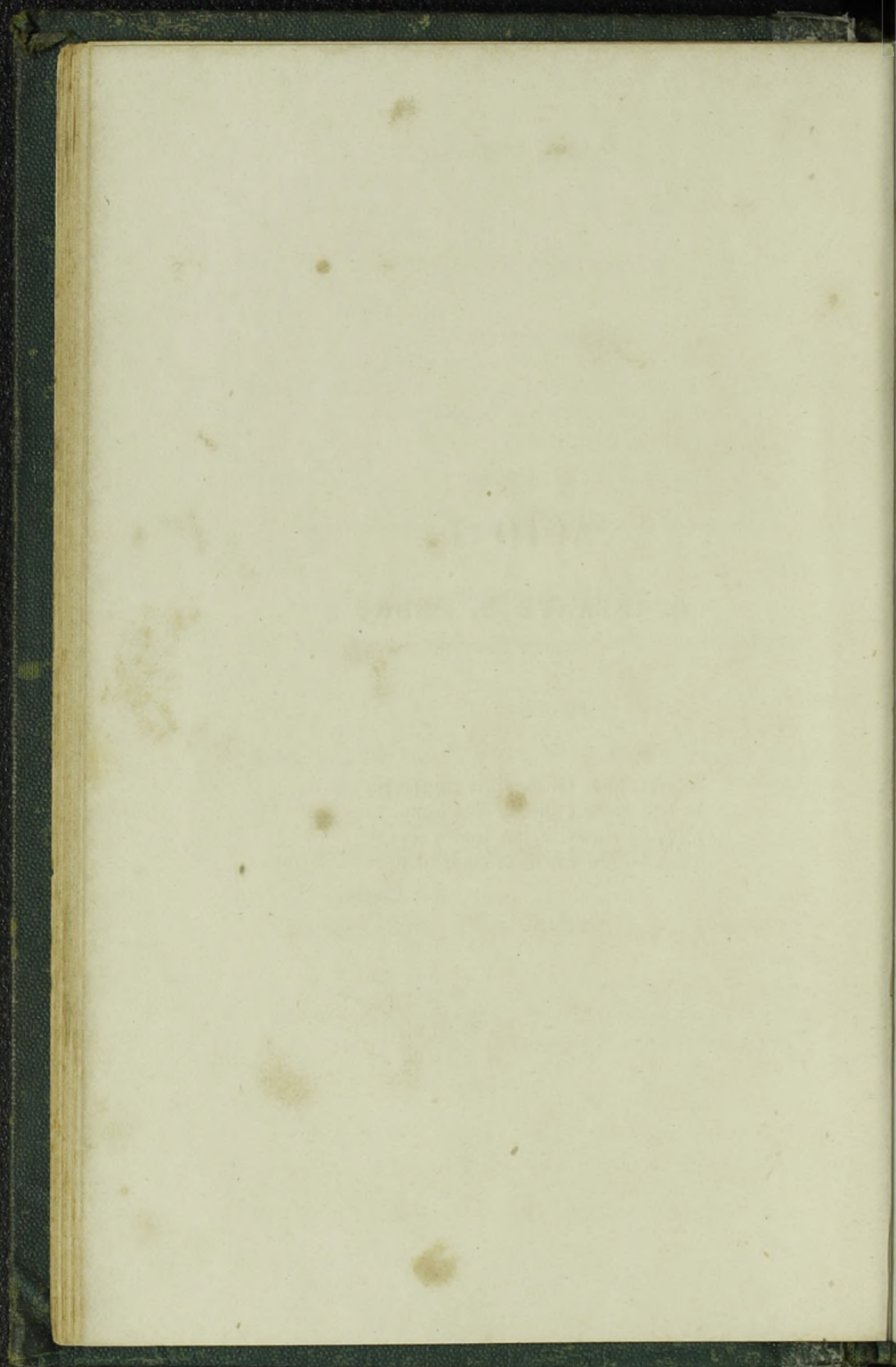
## ACTO I

### O INFANTE D. PEDRO

---

Estavas, linda Ignez, posta em socego,  
de teus annos colhendo doce fruto,  
n'aquelle engano d'alma ledó e cego,  
que a fortuna não deixa durar muito.

CAMÕES.



## ACTO PRIMEIRO

Sala gothica no paço de Santa Clara, pegado ao mosteiro das Donas de Santa Clara a velha na margem esquerda do Mondego, defronte de Coimbra. Ao fundo portas largas ogivaes ornamentadas com as armas reaes de Portugal e Aragão em duas pallas, n'um escudo em lisonja. Em tudo estylo severo e simples. As portas dão para um eirado, alem do qual se avista uma nesga de rio, e a acastellada Coimbra banhada do sol poente. Pouca luz em scena. Mobilia sumptuosa, mas pouco imbrincada. Algumas armaduras. A um lado um retrato de corpo inteiro d'El-Rei D. Affonso IV.

---

### SCENA I.

JOAO ANNES DE ALMADA, DIOGO LOPES PACHECO, URRACA,  
ALDONÇA, HELOIZA, DAMAS.

Ao levantar o pano ha dois grupos em scena. No primeiro plano conversam animadamente Diogo Lopes Pacheco (trajo negro mas opulento, maneiras refalsadas e apparencia de cruel), com o venerando João Annes de Almada; bella figura de ancião, barba branca, maneiras austeras de quem se criou na cõrte antiga. Está João Annes n'uma cadeira; e n'um tamborete, quasi a seus pés, Diogo Lopes. Ao fundo junto á portada um grupo de donzellas em pé ou sentadas, umas conversando, outras entretidas nos seus labores feminis. São damas da Rainha D. Brites mulher do senhor D. Affonso IV;

algumas são personagens mudas; só fallam Aldonça, Heloisa, e entre ellas Urraca Moniz, camareira. A conversação vai alternada nos dois grupos. Quando um se cala, e só falla por gestos, ouve-se o outro grupo.

**No grupo das damas ao fundo.**

ALDONÇA, distrahida, e levantando do seu lavor a cabeça.

Não achais que já tarda o nosso Infante?  
é quasi posto o sol. Dez longos dias  
ha que anda a montar.

URRACA MONIZ.

Sim ; e as caçadas  
bastas vezes delongam-se. Essas serras  
tem aosadas bruxedo. Os monteadores  
vêem n'ellas tal encanto ! Eu montarias!!...

(Faz um gesto de quem não as approva.)

HELOIZA.

Naõ digais isso, Urraca. É taõ alegre  
ver ir em som de guerra os caçadores !  
saudal-os da varanda ao romper d'alva !  
ouvir nos pateos tropear os urcos !  
vozear moços ! cainçar matilhas !  
ver os garbosos pagens ostentando  
nossos brazões no trajo, e a abuzinarem  
as trompas ! Dizei vós : saõ caçadores,

os que assim vão aos javalís e aos ussos ?  
guerreiros são. Tal caça é quasi guerra.

URRACA.

Que triste coisa é a guerra ! Eu que vi tantas !  
de Castella ! do moiro ! E Deus louvado,  
quando não é de irmãos no chão da patria.

HELOIZA, com o juvenil enthusiasmo dos seus dezoito annos

A guerra sempre é guerra ; é sempre nobre.  
Que fidalgo de prol não ama a guerra ?  
seus brazões onde os ganha ? onde conquista  
gloria a si e aos seus Reis ? Os portuguezes  
têm odio á longa paz ; e por furtar-se-lhe,  
buscam guerras na brenha ; e ás bestas feras  
vão n-as reptar nos seus covis. É nobre  
montear assim. Viva a caçada ! e viva !

**No grupo dos cavalleiros no primeiro plano**

DIOGO LOPES.

Nas boas horas pois, meu grande Almada !  
sorriu-nos a ventura. E se nosso amo,  
meu senhor Dom Affonso, um' hora visse  
quanto urge dar remedio a tal desgraça,  
cortar o mal, calar os maldizentes,

socegar este reino!... Oh! que se eu fôra  
a mão que rege e pode...

JOÃO ANNES.

Alguns privados  
(bem o sabeis) perante El-Rei bradaram  
duramente do amor em que enlizado  
vemos o Infante; mas, bófé! que esp'ranças!  
se El-Rei adora Iгнеz! se igual feitiço  
enleia o filho, e o pae!!

DIOGO.

Tente El-Rei mesmo  
convencel-o... aramá!

JOÃO ANNES.

Já (quantas vezes!)  
elle o tentou... por bem. Mas outras tantas  
o repelliu o Infante; e ou mil protestos  
(falseados protestos!) ou mil supplicas,  
mil queixumes de amor e de constancia,  
El-Rei lhe ouvia. E por sua parte, amando-o  
a elle como filho, e mais querendo-lhe  
a ella como a filha, retrahia-se.  
Assim que, entre o clamor do seu Conselho.  
a sua alma paterna alanceada  
abençoava aqueste amor maldito.  
Que lhe quereis?



DIOGO.

Quero hombridade. Quero  
Rei que o seja ; senão...

JOÃO ANNES.

E o meu aviso  
é darmos todo o feito por não feito ;  
e o mais...

(Aponta para o ceo.)

DIOGO, levantando-se, e com energia.

Sim ; mas no emtanto, o reino e os grandes,  
e os senhores de terras, e os alcaides,  
e os barões de mais prol, que assistam mudos,  
humildes, sem um brado, sem um gesto,  
a tamanha deshonra ! a ver o Principe  
neto de tantos Reis, curvado ao jugo  
de uma obscura vassalla de Galliza !  
de uma moça de sangue duvidoso !  
de uma formosa aventureira !

JOÃO ANNES, erguendo-se.

Tento,  
meu bom Diogo Lopes, não se acoima  
assim sangue de Castro e Valladares.  
De Reis tambem descende Iгнеz ; seu padre  
(o da Guerra) entroncava a sua estirpe

na casa de Navarra ; e sua madre  
 não menos alto remontava a sua.

DIOGO, com desprezo.

Uma serva ; não mais.

JOÃO ANNES.

Que honrara um throno

DIOGO.

Uma bastarda.

JOÃO ANNES.

Neta de Monarchas.

DIOGO.

Uma manceba.

JOÃO ANNES, muito commovido.

Oh ! basta ! Igeuz é pura.  
 Jurára-o pela cruz do meu montante.

DIOGO.

Jurae, muiteramá ! bom cavalleiro  
 sois vós ; mas sôa... e (bem sabeis) atoardas  
 ha para estremecer ; sôa...

(Segredando-lhe.)

que ha filhos.

(Alto.)

(Visto querêl-o, ahi vai) que os têm occultos

ahi, n'uma quinta, e que...

JOÃO ANNES, solemne e severissimo.

Mancebo mano,  
não m'a afronteis assim.

DIOGO.

Pois bem ; protesto  
que hei-de sabel-o.

JOÃO ANNES, como meditando.

Filhos !!

DIOGO.

Filhos.

JOÃO ANNES.

Misera!

de tamanina a conheci. Dom Pero  
seu pae, era irmão meu por mutuo affecto.  
Pelejámos os dois. Quanto valia,  
só o eu sei. Foi a mim, foi n'estes braços,  
que elle entregava Ignez inda menina,  
quando o destino a trouxe apoz Constança.  
Seu pae sou eu.

DIOGO, com alegria intima que lhe transluz no semblante.

E jurais?...

JOÃO ANNES, estendendo o braço.

Juro.

DIOGO, para si.

Oh! jubilo!

bem pode ser calunnia de refeces.

(Á parte.)

Satanaz, a minha alma, e eu que possua  
uma só vez aquelle archanjo loiro!

(Vão conversando animadamente por gestos, e caminhando para o fundo até se sumirem no terrado, d'onde mais logo, e n'esta mesma scena, tornam a apparecer.)

**No grupo das damas ao fundo.**

URRACA.

Pois não hei-de lembrar-me! Inda a estou vendo,  
a Rainha Izabel (a Esposa Santa  
do meu Rei Dom Diniz, que em paz descance  
no seu grande moimento de Odivellas)!  
Inda a estou vendo, por suas mãos levando  
paõ aos mais desvalidos cazaleiros,  
já remedios a enfermos, já conselhos  
ás que não tinham mãe; e em toda a parte  
colhendo, em troco da bemdita esmola,  
lagrimas de alegria. Oh! santa! oh! santa!  
no altar te eu veja ainda!

HELOIZA.

O que é verdade

é que a nossa Rainha, sua nora,  
segue de perto o exemplo.

URRACA.

Caridade

até li!

ALDONÇA.

Se hoje mesmo anda na faina!  
no giro caridoso dos seus pobres!

URRACA.

Não lhe alquebram os annos a vontade.

(Ouve-se muito ao longe a buzina do Infante D. Pedro.)

HELOÍZA.

Não ouvis buzinar? eil-os; não tardam.

**No grupo dos cavalleiros.**

A este tempo vão elles entrando na sala, e param á portada  
do fundo.

DIOGO para Almada, estremecendo de raiva.

Ouvistes a buzina?

(Continuam a conversar mais baixo ao passo que se aproximam  
do proscenio.)

**No grupo das damas ao fundo.**

ALDONÇA.

E mas que é feito  
da nossa Igenez!

URRACA.

Foi co' a Rainha.

HELOIZA.

Eu mesma  
as fui ver cavalgar nas hacanêas.  
A Rainha nossa ama ia sosinha  
com dois pagens, e Igenez.

ALDONÇA.

Hei-de dizer-vos  
uma coisa de Igenez. Lembrou-me...

**No grupo dos cavalleiros no primeiro plano.**

DIOGO.

Logo,  
convem sem mais delonga prevenil-o ;  
mostrar-lhe quanto El-Rei...

JOÃO ANNES.

Voluntarioso

é, bem sabeis, o Infante ; e eu tremo (oh ! tremo !) de que ao forçal-o a mão paterna, esqueça o filho, que inda é filho, e irrompa indomito, como um rio prorompe em catadupas.

DIOGO.

Não n-o ousará. Seu padre é Rei.

JOÃO ANNES.

E é homem.

DIOGO.

Vamos pois com brandura... convencêamol-o...

(Pausa.)

Se se afastasse Ignez ?

JOÃO ANNES.

Quer-lhe a Rainha como a filha. Inda hoje, a sós com ella, foi ao giro usual pelos seus pobres. Harto custára a convencel-a.

DIOGO.

O medo...

JOÃO ANNES.

Não sabe a côr ao medo o nosso Infante.

DIOGO.

Se a Rainha quizesse...

JOÃO ANNES.

É mãe.

DIOGO.

Mintámos.

O Infante meu senhor creia atraídoado  
esse amor...

JOÃO ANNES.

Tredo gume é o da mentira.

(Senta-se João Annes de Almada n'uma cadeira do primeiro plano, e fica absorto largo tempo nos seus pensamentos, em quanto Diogo Lopes sobe distrahidamente o palco, e vai galanteando por gestos entre duas donzellas que iam conversando, e saem todos tres pelo cirado, onde desaparecem alguns instantes.)

**No grupo das damas ao fundo.**

ALDONÇA.

Mas pensei-o eu tambem ; quiçá veremos  
Ignez Rainha nossa? O nosso Infante  
quer-lhe muito ; é bem certo ; El-Rei deleita-se  
em praticar com ella ; e quer ouvir-lhe  
muita vez na tiorba as lindas xácaras,  
e os soláos de Galliza.



(Canta.)

Remando vão remadores  
barca de grande agonia,  
e na barca vai a Infanta,  
rio abaixo, e tão asinha.  
— Onde a levais, remadores,  
a vossa Infanta tão linda?

HELOIZA.

E não só isso :  
a Rainha é por ella. Quantas vezes  
a fallar sós por sós não levam horas  
no eirado, sobre o rio !

URRACA.

Deus a fade,  
se tem de ser Rainha !

ALDONÇA.

E os do Conselho,  
e o Clero, consentiam ?....

URRACA.

Mas que monta,  
se tiver Deus por si ? Olhae é tanto,  
que se diz que El-Rei mesmo é já por elles.

HELOIZA.

Hontem andou Zebrão, aquelle perro  
anão do Infante, em sua algaravia  
papeando á Rainha umas historias !....

IGNEZ DE CASTRO.

URRACA, admirada.

E a Rainha?

HELOIZA.

Anojada mandou pôl-o  
algemado ao canil; e que em sua vida  
mais não volvesse a tal ousío.

ALDONÇA.

E ess' ora  
sabeis o que elle fez? fez lá no pateo  
uma tal cainçada! e entre os ladridos  
contava muito conto!... E os pagens rindo,  
com mui grande arruido o estimulavam.

HELOIZA.

Mas não o soube o Infante? anão maldito!

ALDONÇA.

Virgem Mãe! se o soubesse!... É de outra casta  
o pobre Belial. Esse tem alma  
n'aquelle triste corpo escarnecido.

HELOIZA.

Que anda mysterio, isso anda.

URRACA.

Em al não fallam  
os cortezãos.

ALDONÇA.

Machina-se no escuro

alguma trama.

(Aponta desconfiada para os dois cavalleiros. Para junto de João Annes de Almada acaba de tornar Diogo Lopes, e lhe está dizendo o que quer que seja por gestos, ao que Almada ora responde por gestos, ora sômente com meneios tristes de cabeça.)

URRACA.

Os grandes de Castella,  
lembrados de Constança, amaldiçoam  
novo enlace, que pode acazo um dia  
roubar o throno ao Infantinho.

ALDONÇA.

Nunca.

Esse tem já direitos.

URRACA.

E os Infantes  
que nascessem de novo? se os amasse  
muito seu pae... Lembrae-vos dos ciumes  
que poseram em fogo o nosso reino  
por El-Rei Dom Diniz e o Infante Affonso,  
por Affonso, hoje Rei, e Affonso Sanches,  
o senhor de Albuquerque.

ALDONÇA.

Em mal, que é certo!

HELOIZA.

E os Castros? os irmãos de Ignez? esqueces  
o que senhores taes, de tal linhagem  
e de tal poderio... se emprendessem...

**No grupo dos cavalleiros no primeiro plano.**

DIOGO, para Almada.

E depois (dir-vol-o-hei), que segurança  
tem a vida de Ignez no throno? O Duque  
de Penafiel, Dom João Manoel, o sogro  
do Infante, não soffria esta alliança.  
Sei-o de boa parte; e tenho lettras  
em que o protesta. Assim de novo o reino  
em refertas! e a causa? Ignez. Incumbe  
a vós só o impedil-o; e a não fazerdes  
quanto em vós caiba... não vos quero a affronta.

JOÃO ANNES.

Oh! como isto me custa!...

URRACA, interrompendo com certa intenção os dois interlocutores  
do primeiro plano.

Andae, senhores,  
grande conspiração, que uma palavra

vos não leixa siquer para estas donas !  
Oh ! bem outra era a usança dos bons tempos !

(Suspira.)

DIOGO, passando affectadamente, e sem transição, da grande  
exaltação para a frivolidade do galanteio.

Para bons cavalleiros portuguezes  
leis da antiga nobreza inda hoje valem.  
Sem vós, que fôra o paço ?

HELOIZA .

Pois contae-nos  
alguma coisa nova. Ai que saudades  
de Lisboa ! ali sim, tinhamos sempre  
muitos donzeis galantes ! toda Alfama  
é uma continua festa de tiorbas !  
Que trafego !

DIOGO, ironico. (É a unica figura em pé no meio do theatro,  
equidistante de João Annes de Almada no primeiro plano, e do  
grupo das damas ao fundo.)

E Coimbra ! gran cidade !  
Este anno então, co' a vinda das Escolas,  
tudo é clerzia, e doutos, e doutores !  
que mais quereis, senhora ?

HELOIZA .

Sim, Coimbra  
é uma namorada ; o nosso paço,

a nossa Santa Clara, é um paraizo.  
Só estes laranjaes ! só esta varzea  
de choupaes ! e este esplendido Mondego !  
mas... que quereis ? deixae-me estas saudades.

ALDONÇA.

Que fazia Lisboa, cavalleiro ?

DIOGO.

Lisboa ? enfastiava, como é de uso.  
Olhava para a barra a ver quem vinha ;  
passeava a rua nova ; distrahia-se :  
de noite em arruaças, e de dia  
n'algum momo, em que ao som dos atabales  
passava a Biblia em pezo. O mais... violas.

URRACA.

Em vinte annos, Lisboa rompe a cerca  
da Lissibona velha, conquistando  
á campanha ao redor todas as villas  
que lhe acenam dos proximos oiteiros.

HELOIZA.

Vejo co' os olhos d' alma a gran Lisboa  
invadir, invadir, até á ermida  
que El-Rei Affonso Henriques pôz aos martyres.

ALDONÇA.

Dizei-me, cavalleiro, eram já findas

as obras lá na Alcáçova?

DIOGO.

Já findas.

HELOIZA.

A rua nova está já muito garrida?  
tem já tendas francezas? ali vive-se  
n' aquella gran Lisboa. Aquelles momos  
e festas não ha cá.

URRACA.

Nem tangedores  
como lá.

ALDONÇA, para Diogo.

Sois mui primo na tiorba,  
cavalleiro; cantae.

DIOGO.

Senhora minha,  
escusae-me.

HELOIZA.

A canção de Violante!

DIOGO, com desprezo.

Velharias!

ALDONÇA, muito admirada.

E ousais?

URRACA, com leve ironia.

Os cancioneiros  
do meu Rei Dom Diniz são já (má hora!)  
coisa ruim! Não era esse o estylo!

(Suspira)

DIOGO.

Cancioneiros (bofé!) tenho-os em pouco.  
Mais me praz um chilrar de pintasirgo.  
Eram bons para outr' ora. Eu prézo as armas,  
que não lettras.

HELOIZA.

Abem. Tanjo uma xácara.

(Levanta-se, e despandura uma tiorba que pende da parede.)

DIOGO, encostado a uma das columnas do fundo.

En hora buena!

HELOIZA.

E qual?

ALDONÇA.

*A bella Infanta,*  
*a bella Infanta em seu jardim sentada.*

URRACA.

Que lindo! *Com seu pente de oiro fino...*



HELOIZA.

Pois seja... *Seus cabellos penteava.*

(Toca os primeiros harpejos no instrumento, mas interrompe-se mal se escuta no pateo um tropear de cavallos, e o festival rebate das buzinas annunciando estrepitosamente a tornada do Infante. Algumas guardam os seus labores, e se levantam.)

HELOIZA, depondo a tiorba

Buzinas! matinada de buzinas!

é o senhor Infante!

(Corre para o eirado a ver a cavalgada.)

ALDONÇA, correndo tambem.

É elle! é elle!

DIOGO, atravessando a passos largos o theatro em diagonal, e vindo junto de João Annes de Almada.

Chegou. Agora vós. Cumpri comvosco, veneravel ancião, que no cumprirdes, cumpris co' a salvação de todo um reino.

JOÃO ANNES, levantando-se.

Benção de Deus nos cubra.

URRACA, que ouviu estas palavras.

Amen.

(Até ao fim da scena continua a escutar-se, de modo porém que não impeça ouvir-se fallar, uma melodia alegre e semi-marcial das buzinas dos caçadores.)

HELOIZA, entre um grupo de donzellas na varanda.

Não vêdes?

todo o arredor restruge ! é o cortejo  
 dos bravos monteadores ! Lá desfilam  
 os pagens ! lá vêm vindo os trombeteiros  
 co' as suas trombas de prata ; é (não é este ?)  
 o João Matheus ? e este o Lourenço Palos ?  
 Lá vêm os falcoeiros ! lá vêm moiros !  
 Vede os moços do monte ! olha a matilha  
 como insofrida se arremessa ás portas  
 dos seus canis ! É descancar, valentes !  
 Lá vem Fuas ! lá vem Dom Lopo ; mira  
 como traz o pelote ! e alem Guterre  
 já mal soffreia o intrepido ginete !

URRACA, para Aldonça.

Larguemos o lavor ; é quasi noite.

HELOIZA, sempre na varanda.

Lá está Pero Coelho ! E vós dizieis  
 que não é bella uma jornada de armas !  
 E um torneio ! entre o estrondo das buzinas  
 vel-os chegar co' os seus pendões da liça  
 os gentís vencedores ! Cá vêm estes,  
 vencedores tambem ; são vencedores,  
 pois não são ? elles são Roldão, Dom Duardos,  
 ou Amadiz de Gaula, que ora chega  
 de correr mil cançadas aventuras  
 no seu cavallo branco. E nós, no eirado,

somos as suas Fléridas e Orianas;  
 não somos?

(Dá uma grande gargalhada infantil.)

Vinde! vinde! o que é aquillo!  
 tres javalís tamanhos! a caçada  
 foi real. Senhor Deus! Virgem da Atocha!  
 que tem o Infante? vês? elle traz sangue!  
 e tão pallido vem! Lá desce a custo  
 do seu branco andaluz. Pero Coelho  
 lá segura no estribo...

ALDONÇA, vindo para dentro.

Alguma coisa  
 teve o senhor Infante! Já lá sobe  
 amparado no braço de Coelho.  
 Lá vem! lá vem!

## SCENA II.

OS PRECEDENTES, O INFANTE D. PEDRO, e o seu sequito. En-  
 tram primeiro uns pagens com brandões de cera, e vão collocar-os  
 nos candelabros gothicos que adornam o aposento. Vem depois um  
 troço de caçadores em vestes pittorescas, com suas trompas e facas  
 á cinta. Formam semi-circulo em volta da sala. Entra por ultimo  
 o Infante em magnifico traje de caçada, encostado ao braço de PERO  
 COELHO. Traz á trela um grande cão, e precedem-n-o com muitas  
 momices dois anões variegadamente alfaiados: ZEBRÃO e BELIAL.

É o Infante um gentil homem de trinta e quatro annos, alto, ner-

voso, e sombrio. Tez pallida ; barba cerrada curta e ponteaguda emoldurando-lhe o oval do rosto.)

(As damas ficam a um lado ; e apenas o Infante entra em scena o recebem com uma profunda mesura. JOÃO ANNES DE ALMADA e DIOGO LOPES PACHECO, foram aguçosos até fora da portada esperar o Infante, e voltam traz elle.)

PERO COELHO, que vem desde longe conversando em voz alta com o Infante.

São, são mui traíçoeiros ;  
n'elles não ha fiar. Antes me eu veja  
com duzentos moiriscos no Salado,  
que não co'um javali.

(Entram em scena ; cessam as buzinas.)

D. PEDRO, jovial mas preocupado.

Senhoras minhas,  
vivais ! um desastrado cavalleiro  
vos saúda, que á beira do outro mundo  
esteve para ir ver a barba ao demo.

(Depois de pausa.)

Triste agoiro, oh ! meu Deus !

PERO.

E se o cá tendes.  
deve-o quiçais ás orações e aos psalmos  
em latim, que offertais á Virgem Santa.

D. PEDRO.

Prougue a Deus que chegassemos.

Eh ! zotes !

(Falla com os anões.)

eh ! villõesinhos, ao canil levade  
o meu mollosso. Presto.

(Os anões obedecem, e agarram ambos no cão, um pela coleira outro pela cauda. — De repente pára Zebrão, e fazendo varias momices ao animal lhe diz.)

ZEBRÃO.

Hão ! hão ! samicas  
cainças tu coma eu ? hulo teu mestre ?  
Cant'eu, a cainçar me ensina, aosadas,  
qualquer páção de cá.

BELIAL, empurrando Zebrão.

Sume-te, sume-te,  
negregado Zebron ! mui meu é o perro ;  
é atás irmão meu. Dá-m'o, vá, larga-m'o,  
entirrado !

(Chora com grande e burlesco estampido, arremedando uma creança muito mimosa.)

ZEBRÃO, olhando-o de revez e com o punho fechado.

Hás grã coita, tençoeiro ?  
e um bofete, aramá ! de prão que o levas,  
como soes.

BELIAL, deixa de chorar e engalfinha-se em Zebrão.

Quê ? dou-t'o eu. Trás !

(Chora Zebrão estrepitosamente por sua vez, e saem todos tres n'um reboliço, entre muitas festas, esgares, e guinchos, o canzarrão muito grande e muito manso, e os anões muito vivos e pequenitos. Quando vão á porta impertiga-se muito Belial, á maneira de galan, e vai cantando com uma voz estrídula e afinada.)

Si dormis, doncella,  
despertad y abrid,  
que venida es la hora,  
si quereis partir.

### SCENA III.

OS PRECEDENTES menos ZEBRÃO e BELIAL.

D. PEDRO, sem sequer mostrar que attentou n'essa scena, que aliás deve ser rapidissimamente desempenhada pelos anões.

Meu Pacheco,  
nada ha melhor, sobre dez longos dias,  
nada ha melhor, que os ares da poisada  
quando se andou com javalís ás upas!

PERO, que na confusão tem ido misturar-se no grupo das raparigas,  
e com ar de galanteio.

E os olhos feiticeiros de taes damas.

D. PEDRO, senta-se para descansar.

Que dizes?

PERO.

Que, bem certo, a meu juizo,

deveis, senhor, aos anjos o milagre.

DIOGO, aproximando-se.

Mas que foi, meu senhor? tempo é que oiçamos.

D. PEDRO, sorrindo.

Um torneio no monte. Um moiraz bravo  
que andava a cumprir fado na figura  
de um cerdo, e quiz romper comigo lanças.  
Pagou caro a ousadia!

DIOGO.

E magoastes-vos,  
senhor?

D. PEDRO.

Não.

DIOGO.

Voi na serra?

D. PEDRO.

Foi na serra.

(Levanta-se.)

Já o sol tramontando entrava a custo  
no denso carvalhal. Tinha eu pouco antes  
ferido um javali, que rechaçado  
dos meus mastins achara bom reparo  
n'uma apartada furna. Os meus coiteiros,  
perdido o rasto á fera, andavam longe;

longe os sentia a abuzinar. Embrenho-me  
affeito matta a dentro. O meu cavallo  
n'um vago estremeção bem me agoirava  
besta má por li perto ; e eu dava brios  
co'a voz e o gesto aos seis mollossos grandes  
que iam comigo. A subitas, remessam-se  
todos á mesma banda ; e da espessura  
rompe, rasgando a brenha intonsa, e ás roncás,  
salta, escumando, e mal ferido, e horrendo...  
o javali. Detenho-me ; avistou-me ;  
pára ; furta-se aos cães (fareja imigo  
que possa oppôr-lhe braço ás armas feito) ;  
e arremeça-se a mim. N'este entrementes  
o meu corcel, que eu soffreava a custo,  
empinado, perdido, se desboca,  
e parte. O javali vem-me no encalço.  
Pendo-me á crina ; curvo-me ; e este aceiro  
bem brandido, e com furia, arranha a coira  
do javardo. Elle açanha-se ; remette  
co'a espada do cavallo. Eu caio em terra ;  
mas logo em mim volvendo, e acezo em odio,  
provoco o Satanaz, e encontro aberta  
de enterrar-lhe no flanco inteiro o gume.  
Tanjo a buzina, acabo o monstro, e enfreio  
o meu pobre cavallo, que escorria  
de suor e de sangue.



(Signaes de grande admiração e susto em todos os circumstantes.)

(Repara o Infante D. Pedro com certo gosto jovial e familiar em  
João Annes.)

Em boa hora  
és vindo, meu Almada, meu bom velho.  
Déste conselhos a meu pae, meu dono  
ouviu-t'os; mais que os dois careço eu d'elles.

(Bate-lhe no hombro.)

JOÃO ANNES, inclinando-se.

A vossos pés, senhor.

DIOGO, com fingida alegria.

Oh! Deus louvado!  
mas, meu senhor Infante! em que perigos  
que estivemos por vós!

D. PEDRO.

Passou.

PERO, continuando a narração que o Infante interrompera.

No emtanto,  
todo o mais da caçada percorria  
em trilha errada o monte. Já não viamos  
o Infante meu senhor. Trôa a buzina  
dentro no carvalhal. Quando chegámos,  
já o bravo caçador em si volvera.  
Caía a noite; e em quanto os cães exhaustos

resfolgavam em torno, elle, afagando-os,  
e anediando o corcel espavorido,  
sereno encavalgava, e ao nosso espanto  
respondia a sorrir.

URRACA.

Em tudo grande !  
Santa Maria val ! em tudo Principe !  
Mas, meu nobre senhor, vindes ferido ?  
aqueste sangue ! oh ! se a Rainha o sonha !

PERO.

Senhora, socegae, que ao nosso Infante  
ia de escolta a flor dos seus monteiros.

D. PEDRO, para as damas.

Onde está minha mãe ? correi dizer-lhe...  
Dez longos dias ha que nos não vemos.  
Quero ir beijar-lhe as mãos.

URRACA.

Inda a Rainha  
não fez tornada. Ao romper d'alva, ind'antes...

D. PEDRO.

Saiú ; sim, para os pobres. Sigue em tudo  
o que fez minha dona, aquella santa !

(Descobre-se ; todos se inclinam. O Infante continua em voz mais  
baixa para João Annes.)

Não praza a Deus que tenha de imital-a  
em fazer pazes entre um paé e um filho!  
Coração, coração, que me adivinhas!!

(Pausa.)

Não vejo Ignez.

(Alto.)

Que sequito levava  
minha madre?

URRACA.

Nenhum.

D. PEDRO.

Pardeos! mil raios!

URRACA.

Dois pagens.

D. PEDRO.

Só?

URRACA.

Mais uma só das damas.

D. PEDRO.

Qual?

URRACA.

Dona Ignez.

D. PEDRO, socegando visivelmente.

Bem. Vive Deus, que um anjo

a foi velando!

(Reprime-se) Depois de pausa; alto.)

Andae , meus companheiros.

É quasi noite, e eu temo as cercanias ;  
procurae minha madre, e alfim trazci-m'a.  
João Annes, ficae. Diogo Lopes,  
ide vós. Pero, fica. Vós, senhoras,  
occultae... á... Rainha o que ora ouvistes.  
E adeus. Sabeis? quando chegar, desejo  
beijar-lhe a mão. Tenha-vos Deus em guarda.

(Despede as damas com um gesto. Ellas inclinam-se, e saem. Saem  
tambem os monteadores.)

#### SCENA IV.

O INFANTE D. PEDRO, JOÃO ANNES DE ALMADA, PERO  
COELHO.

D. PEDRO , que foi até á portada do fundo para se certificar de  
que todos saíram, desce rapido o palco até ao primeiro plano,  
onde estão os dois cavalleiros.

Ora sus, manos meus, meus bons amigos,  
quero desabafar. Comvosco ao menos,  
sente-se á larga a doida de minh'alma.  
Que tormentas crueis têm n'estes dias  
rasgado este meu peito ! Hoje, respiro

Vou ter com minha madre ; hei-de dizer-lhe  
que Ignez, a minha Ignez (porque, senhores,  
heis-de saber... que adoro Ignez !)...

(Pausa.)

Que vejo ? !

(Attenta em que os dois cavalleiros estão cabisbaixos, e nem de  
longe tomam parte na alegria de seu amo.)

E não folgais ?

(Pausa.)

(Para Almada.) Vieste de Lisboa ?

JOÃO ANNES, muito severo e triste.

De Monte-mór ; de ao pé d'El-Rei.

D. PEDRO.

Meu padre

em Monte-mór ? !

JOÃO ANNES.

Meu senhor, sim.

D. PEDRO, com sobresalto.

E acaso...

meu padre jaz enfermo ? ...

JOÃO ANNES, a custo, e intercortadamente.

A Deus não praza.

No emtanto o vosso padre traz no mundo  
uma coita mui grande ! e com soluços

me ordenou, meu senhor e meu Infante,  
viesses eu...

(Pausa.)

D. PEDRO.

Falla.

PERO, baixo a João Annes.

Avante!

JOÃO ANNES.

Oh ! que não ousou...

PERO, como acima.

Valor ! valor !

D. PEDRO.

Ordeno-te que falles.

JOÃO ANNES.

Fallarei.

(Pausa.)

Meu senhor, o vosso padre  
curte agonia grande. As atoardas  
levaram-lhe outra vez a nova estranha  
do vosso indigno amor.

(O Infante D. Pedro fita-o atonito, e com sobranceira.)

E o vosso padre  
chora ; chora por vós ; por estes reinos ;

por si ; por vossa mãe ; por...

e no pranto

acompanham-n-o todos.

Sim deixae-me

dizel-o. Os mais privados não ousaram  
confessar-vol-o ainda ; ha-de este velho  
como expiação tragar inteiro o calix.

(D. Pedro fica-se como sobresaltado, e aperta com ambas as mãos os copos da espada. João Annes de Almada com a maior serenidade ajoelha.)

Meu senhor, heis-de ouvir-me, em que vos pese.

Heis-de ouvir-me. Depois, co' a nobre espada

degolae-me, e calmae-vos no meu sangue,

que é leal ao seu Rei.

(D. Pedro deixa cahir a cabeça sobre o peito, e permanece como quem subitamente passou de juiz a reo, e na maior anciedade espera a sua sentença. João Annes continua, n'um crescendo de energia.)

El-Rei chamou-me

(hontem foi) e me disse : « Almada amigo,

« vivo a tratos aqui. — (N'isto, caíam-lhe  
as lagrimas em fio pelas barbas). —

« Tu, que és tão nosso, acorre-me ; a meu filho

« dize o que outra vez sôa aos meus ouvidos :

« que um tal amor não cabe ao alto estado

« em que nasci ; que em quanto é tempo, é força

« que o recalque no peito, e se aparelhe

« para viver como homem de armas, neto  
 « de tão reaes avós; que de Castella  
 « se me enviou pedir a mão do Infante :  
 « de França ; de Aragão ; que me praz logo  
 « tome Infanta ; e lh'ò ordeno.

« Quantas vezes  
 « lh'ò aconselhei ! — clamava o vosso padre —  
 « hoje ordeno-lh'ò. Andae, dizei-lhe ess'ora  
 « que se elle porfiar, pondo em tal risco  
 « a terra do seu Rei, não já por filho,  
 « não por Infante o haverei já ; vassallo  
 « trédor e fé perjuro hei-de chamar-lhe,  
 « como tal o hei de haver ; e sem menagem  
 « ha-de entrar n'uma torre...

D. PEDRO, rompendo os diques.

Oh ! basta ! basta !

(Pausa.)

Surge, Almada.

(Levanta-se de pé o ancião.)

Oh ! sustende-me este peito,  
 que assim m'ò estoirá o coração.

Com ussos  
 da montanha, com cerdos, e com tigres  
 me quero eu ; não com pae de tal avença,



que, depois de queimar-me a fogo lento,  
me aniquila.

Tornae ; tornaes, dizei-lhe,  
senhor embaixador, ao Rei sem alma,  
dizei-lhe que o renego ; e que esta terra  
vai ver de novo o incendio que lavrava,  
quando um braço de Infante em rebeldia  
ergueu pendões, sobresaltou castellos,  
alarmou legiões, contra seu padre,  
o grande Dom Diniz.

Dizei-lhe claro  
que alfim me insurjo ao seu poder paterno ;  
(Desembainha a espada.)  
que espero os seus em campo aberto ; e juro...

JOÃO ANNES, com um grito, e segurando-lhe no braço.  
Meu senhor ! meu senhor ! voltei. Delirios  
são... meu Infante...

D. PEDRO, reparando no retrato de seu pae, que o encara sereno  
e firme.

Oh ! meu bom pae ! perdoa !  
perdoae-me, senhor.

(Cai-lhe a espada das mãos).

E tu, Deus grande !  
ó Paé dos nossos paes, em que miseria

me estorço ! dá-me alento ! sinto as forças  
fugir-me.

(Cai sentado n'um tamborete com a cabeça entre as mãos. Almada o abraça amimando-o. Pero Coelho depois de apanhar a espada do Infante, permanece a um lado do palco, no terceiro plano, encostado a ella. Longa pausa de silencio )

### SCENA V.

OS PRECEDENTES, DIOGO LOPES PACHECO, que entra sombrio e respeitoso, e se dirige ao Infante D. Pedro.

DIOGO.

Sã e salva. E as vossas ordens  
cumpridas, meu senhor. Logo a Rainha  
perguntou se ereis vindo ; respondemos-lhe.  
« Quero vel-o » disse ella.

D. PEDRO, confuso da turbação e exaltamento em que se achava

N' este estado...

co' este semblante... não me atrevo...

(Com as mãos concerta o cabello, e compõe o traje.)

Avante!

Oh ! minha pobre Iгнеz !

(Repara no pellote ensanguentado.)

E este pellote !

Almada, vem comigo; e dá-me aquesto.

(Aponta para uma samarra de veludo forrada de arminhos, que ao entrar lhe traziam os anões. Veste-a.)

Bem; vou mais concertado.

(Vai para sair encostado ao hombro de Annes de Almada; volta atraz, como que para desabafar ainda seus pensamentos intimos com João Annes, Pero Coelho, e Diogo Lopes.)

Este era o dia...

Mal sabeis! hoje mesmo, ia entre jubilos  
pedil-a a minha mãe;

(Para Diogo Lopes com impaciencia, vendo a sua expressão atonita.)

(não adivinhas?

a minha Iгнеz, Iгнеz de Castro); e pôl-a  
na esteira que lhe cabe; e buzinando  
aos quatro ventos o seu nome, erguel-a  
á minha beira, e segredar-lhe: és minha.  
Não sabeis? e meu pae por seus privados  
me ordena...

Triste Infante! que nem logro  
furtar-me aos meus tiranos! que assim vivo  
oppresso como escravo!

Iguaes mensagens  
já m'as trouxe Coelho; a cada hora  
ordens, intimações... ; E que é um sceptro  
que se tornou tagante, e me espedaça? &

PERO.

Ordens d'El-Rei, senhor.

D. PEDRO.

Mas poude outr' ora  
 Dom Sancho, um Rei, casar-se baixamente,  
 como lhe prougue e o seu amor lhe impunha.  
 Um Rei.

PERO, altivo.

Um Rei, senhor. Mas que fizeram  
 ricos-homens e povo?

D. PEDRO, sem o escutar.

E o que os mendigos  
 podem, não pode o Infante !

PERO.

Meu Infante,  
 attentae que ha direitos; vosso filho,  
 meu senhor Dom Fernando...

D. PEDRO.

E inda aporfias  
 co' o meu pobre Fernando! quem n-o esbulha?  
 (triste creança!) o reino é d'elle.

PERO.

O reino!

E os de Castro, senhor! E Alvaro Peres,

peito audaz de leão, braço de ferro,  
não virá, quando menos o cuidarmos,  
retalhando esta patria, se um Deus grande  
a Dona Igenez der filhos?

D. PEDRO, olhando-o com soberania.

E nós outros  
nada somos, villão?

PERO.

Somos um troço  
de valentes leaes. E se esses filhos  
(já malquistos co' o povo antes de nados,  
e á nobreza importunos), imprenessem  
dar por cimeira a escudos de bastardos  
uma C' roa Real! Logo em Castella  
vosso sogro, senhor, com a possança  
que tem de villas e homens de armas, Duque  
como é de Penafiel e de Vilhena,  
e Senhor de Escalona, e adiantado  
de Murcia, e que sei eu! surge n' um prompto,  
e eil-o em campo co' os seus, em prol pugnando  
de seu Neto. E depois... o já cançado  
reino vosso eil-o a arder em novas guerras;  
e o castelhano talará seus campos;  
e mão de estranho algoz nas vossas torres  
ha-de atear o pendão da labareda.

Tudo... por vosso amor insano.

D. PEDRO.

Embora !

se Castella assim temem os covardes...

PERO, com altanaria.

Não faltarão soldados portuguezes,  
meu senhor ; mas...

(Pausa. O Infante D. Pedro impõe-lhe silencio com um gesto de insoffrido. Faz desvairado uma volta em redor do theatro, e pára no centro do palco.)

D. PEDRO.

Em berço de Monarchas  
nasci ; criei-me entre os tropheos herdados.  
Aguia Real sou eu ; de pequenino  
me costumei a topetar co' as nuvens.  
Nada me falta ; não é assim ?

(Cruza os braços, immovel.)

Dizei-m' o,  
vós outros ; o meu sangue, as armaduras  
que ahi vejo penduradas, as façanhas  
dos heroes meus avós, o poderio,  
a riqueza...

(Com amargo sorriso.)

Oh ! ludibrio ! escarneo ! opprobrio !  
Infante vil ! peão ! jogral !

Se um dia  
me encontrasse co' a morte, oh ! que benvinda  
no meio d'estas glorias meu supplicio,  
não fôra a morte !

Outra vez sinto n' alma  
a ira dos leões !

(Pausa ; com explosão.)

- Iгнеz é minha ;  
mau grado teu.

(Encara altivo o retrato de seu pae ao dizer estas ultimas palavras,  
e sai rapido pela porta da esquerda com João Annes de Almada.  
Pero Coelho, que ia para o acompanhar tambem, muda de tenção, e  
aproximando-se de Diogo Lopes lhe diz o que quer que seja em  
tom mysterioso ; ao que responde)

DIOGO, baixo a Pero.

A Monte-mór ? !

PERO, baixo e rapido.

Trazel-o.

DIOGO.

Ide.

PERO.

Corro.

(Sai correndo pelo fundo.)

## SCENA VI.

DIOGO LOPES, que durante o final d'esta scena se conservou immovel ao lado direito do proscenio, de braços cruzados, ironico, e offegante.

DIOGO, vendo sair o Infante D. Pedro, e seguindo-o alguns minutos com a vista.

Vai, vai, damnado !

(Pausa. Com resolução subita.)

Embora !

aceito o repto.

(Virado sempre para a porta lateral por onde elle saíu, e ameaçando-o com o braço direito estendido, e a mão esquerda apertando o punhal que lhe pende da cinta.)

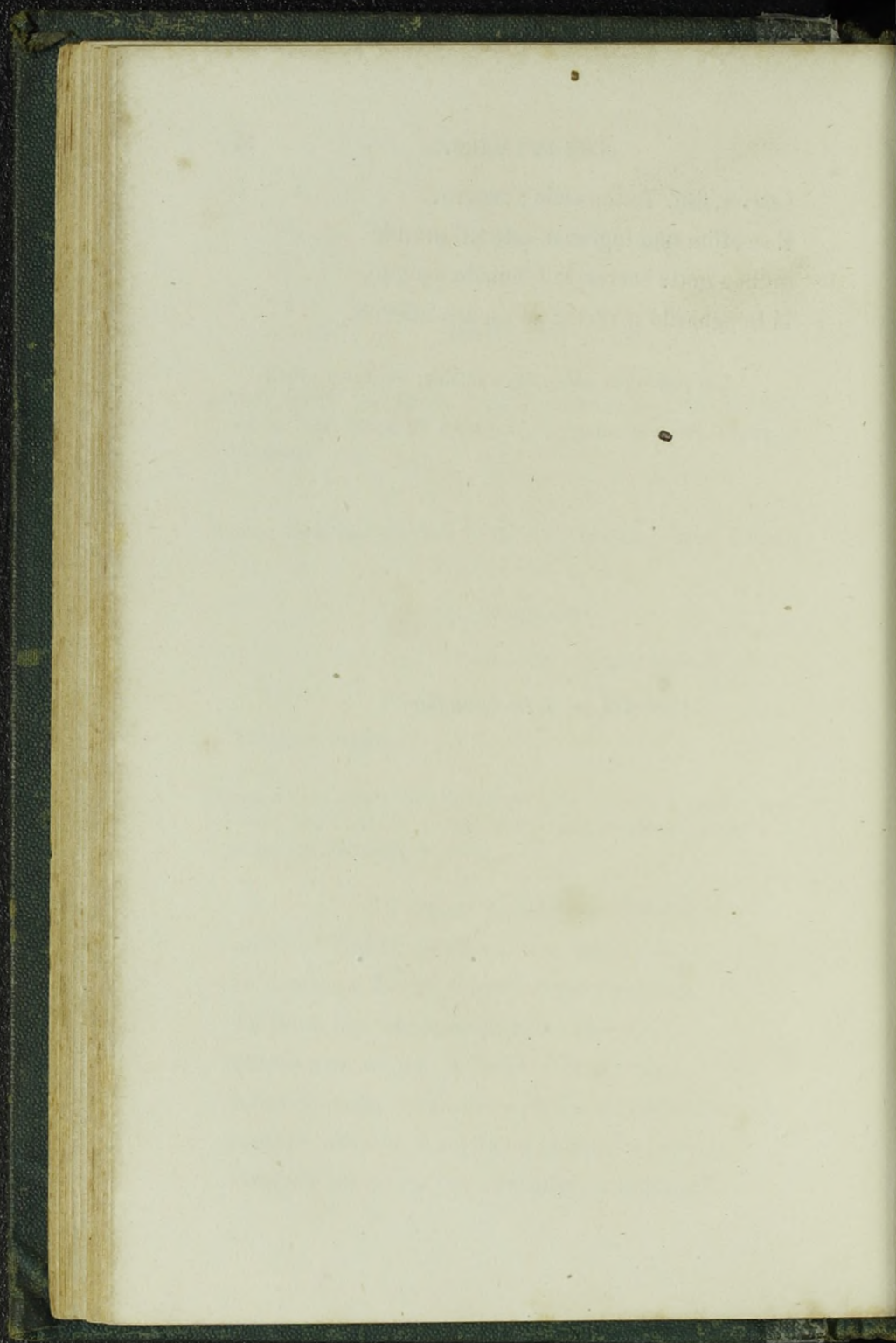
Ambos os dois a amamos ;  
 ouviste? ambos os dois ; co' o mesmo fogo ;  
 co' a mesma febre ; e igual amor ; ouviste ?  
 Tu como Rei, eu como escravo. Guerra,  
 guerra sem tregoa. A divida é tremenda ;  
 e has-de pagar-m' a inteira. E has-de encontrar-me  
 sempre velando, e alerta, e sempre o mesmo,  
 (socega) em pé no teu caminho, e immovel,



sereno, fito. Tenho sede ; espero.  
E se alfim não lograr n' este vil mundo  
gotta a gotta sorver-te o odiado sangue,  
lá te aguardo a raivar no escuro inferno.

(Sai rapido por onde saíra o Infante, — Cai o pano.)

FIM DO ACTO PRIMEIRO.



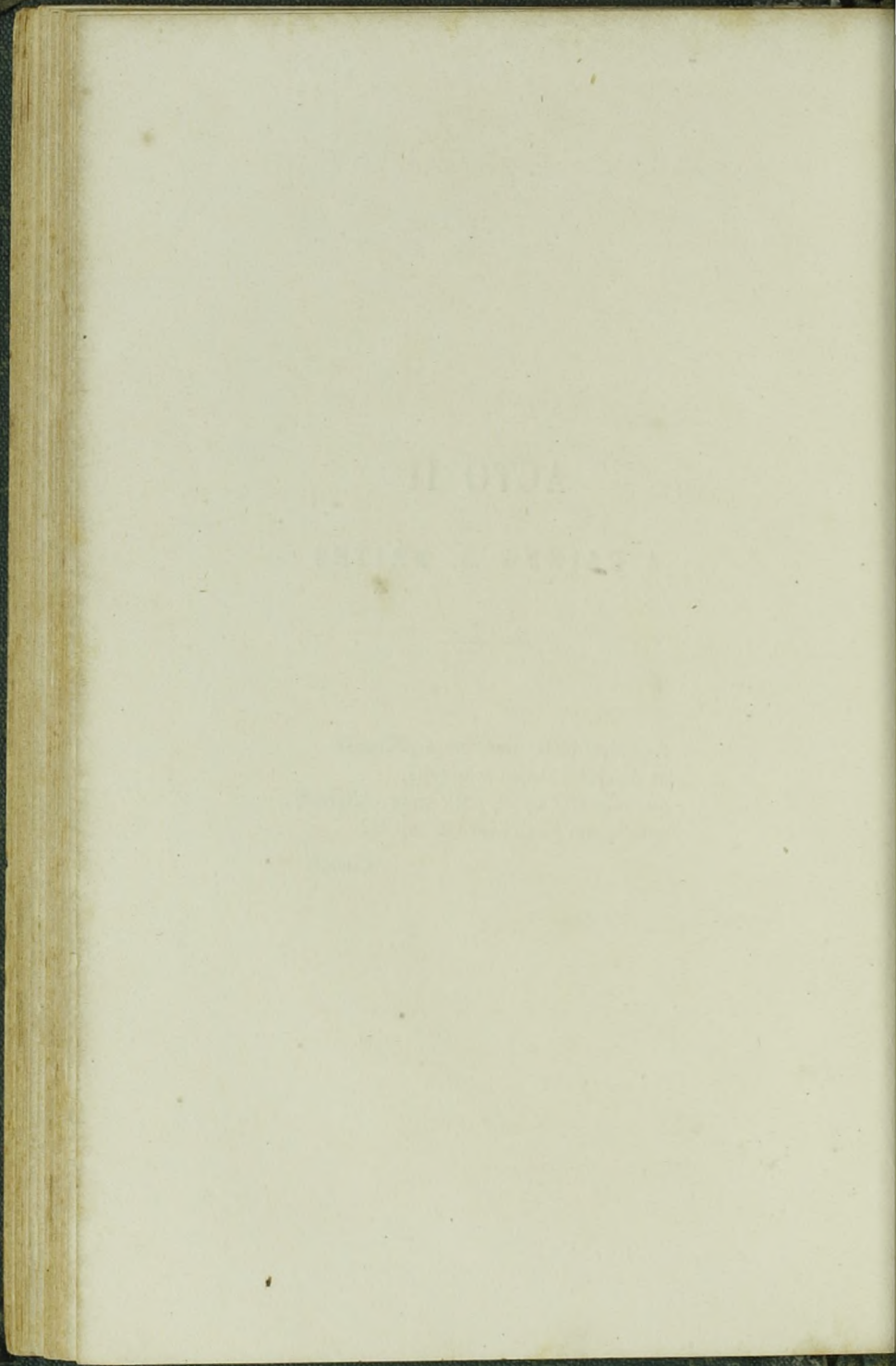
## ACTO II

### A RAINHA D. BRITES

---

De outras bellas senhoras e princezas  
os desejados thálamos engeita,  
que tudo emfim, tu, puro amor, desprezas,  
quando um gesto suave te sujeita.

CANÇÕES.



## ACTO SEGUNDO

Na camara particular da Rainha D. Brites. Tecto muito alto, e em caireis, doirados a partes, de carvalho escuro muito ressaídos. Ao fundo a alcova, cerrada com cortinas de damasco. Alcatifa em todo o chão. Ao canto da esquerda, oitavando a sala, um grande oratorio gothico, cheio de imagens devotas e illuminuras, e allumiado de lampadas de prata arrendada. Em frente d'elle um genuflexorio de veludo. Ao canto da direita, oitavando tambem a sala em simetria, uma janella gothica muito alta, de vidraça de côres e rotula. Portas lateraes com pesados reposteiros adornados de escudos em lisonja, com as armas de Castella e Portugal em duas pallas, sobrepujadas da corôa real, e com paquife da mais arrogante feição heraldica. As portas da esquerda são para o interior do paço; as da direita para os aposentos da entrada. Moveis escuros e severos. A parede colgada de custosos brocados. É alta noite. Alem dos lampadarios um brandão de cera aclara o sombrio aposento.

---

### SCENA I

A RAINHA D. BRITES, E O INFANTE D. PEDRO.

(Ao levantar o pano, está a Rainha D. Brites (trajada com um vestido de longa cauda barrado de arminhos, e bordado na frente com as armas esquarteradas de Castella e Leão) sentada n'uma grande cadeira de braços gothica, no primeiro plano á esquerda. De joelhos

a seus pés o Infante D. Pedro, muito pallido e de parecer abatido, com as mãos da Rainha apertadas nas suas, em attitude de muita submissão e affecto.)

A RAINHA D. BRITES.

Quando te vejo assim, meu pobre filho,  
nem pareces o mesmo, que anda a monte  
na fragoa das caçadas, das pelejas,  
n'essa faina sem trégoa! Esses perigos  
em que andas sempre, ó filho bom d'est'alma,  
matam a tua pobre mãe.

Quando elle  
vem meigo ao pé de mim, quando me é dado  
pôr estas mãos no meu leão querido,  
oh! como sou feliz!

O INFANTE D. PEDRO.

Mãe santa e boa!

Bem sabeis: este amor com que vos amo  
é o maior que tenho. Quero muito  
á Virgem Mãe de Deus; quero outro tanto  
á minha doce mãe. Pois não foi ella  
que me embalou no berço? não foi ella  
que me dava o seu leite, e me ensinava  
a orar a um Deus supremo? não é ella  
que tanta vez me ha sido companheira,  
e tanta vez irmã? que nos trabalhos,

que até nos desvarios, me aconselha  
como uma Providencia? e não é ella  
que eu invoco a chorar, quando me sinto  
algum'hora infeliz?

A RAINHA.

Dizem que é bravo,  
desamoravel, que sei eu! pois vejam  
como elle ama esta mãe! se bem soubessem  
que ternura, que amor ha n'este peito!!  
Meu filho!

(Beija-o na testa.)

D. PEDRO.

Minha mãe!

A RAINHA.

Vamos, dizias  
que vinhas implorar-me, e que...

D. PEDRO.

Sim; venho;

venho ajoelhado a vossos pés; sim, venho  
como um pobre perdido, que de noite,  
ao voltar de um caminho, acha, no escuro,  
oscillando ao sabor da ventania,  
alguma triste e pallida lanterna  
acceza á Mãe de Deus; e sente a subitas  
a oração desnuvear-lhe a mente.

A RAINHA.

Sim? pois que foi, meu filho?

D. PEDRO.

Oh! se soubesses,  
minha mãe, minha irmã, tudo que soffre  
em silencio o teu filho!

A RAINHA.

Elle! o meu filho!  
o meu Infante!

D. PEDRO.

Infante destruido;  
Infante que o não é.

(Levanta-se, e dá uma volta agitado pela camara.)

A RAINHA.

Mas encontraste  
o nicho co'a lanterna; então, meu filho,  
conta-lhe a tua dôr, e não afflijas  
duas almas a um tempo.

D. PEDRO.

Embora; ousemos.

A RAINHA.

Toda eu sou attenção.

(Pausa.)



D. PEDRO, sentando-se n'um escabello de veludo aos pés  
de sua mãe.

Vós sabeis, madre,  
sabeis... não ; não sabeis.

(Pausa.)

Tinha eu vinte annos.

Era Agosto ; o ceo ria ; a nossa Alcáçova  
tremolava pendões nas suas torres ,  
ressoavam as nossas charamelas !  
Que festas em Lisboa ! não vos lembra ?  
que justas ! que torneios ! que alegrias !  
Era vinda Constança ; eram findadas,  
depois de tauto sangue e tantas lagrimas,  
as guerras com Castella ; e d'essas pazes  
era penhor o riso de um noivado ;  
como apoz a tormenta em ceo de outomno  
brilha sorrindo o arco da alliança.  
Casámos. Fui feliz. Feliz ? Deus grande !  
perdôa-me, Constança !

(Pausa longa.)

Entre as suas damas  
viera a linda Ignez. Maior linhagem  
não a sei. Já de Castro o honrado nome  
troava nas Hespanhas, quando ainda  
nem nascera este reino ; e era Dom Pedro  
(seu nobre pae) de vossa irmã gerado ;

sobrinho vosso.

(Levanta-se.)

A RAINHA, oscillando brandamente a cabeça

Aosadas.

D. PEDRO.

A donzella

era o enlevo dos olhos!... Oh! deixae-me  
lembrar;... pois não se vive de saudades?

(Pausa.)

Era de ver quando assomava o sequito  
da Infanta, que Deus tem. Todos os olhos...  
(depois da Infanta) Ella os levava. Aquelle  
garbo! aquelles cabellos fios de oiro!  
e o seu collo de garça! e o seu sorriso!  
eu revia-me n'ella; a pouco e pouco  
foi-se-me a liberdade, e sepultei-me  
n'uma longa, mortal melancolia.

Porquê? não sei. Eu não a amava; amava  
o ar que ella respirava, o aroma estranho  
que exhalava ao passar, o veio que usasse,  
a sua voz, se á tiorba a desprendia,  
as flores que apanhava, as hacaças  
que montava, os seus passaros, as côres  
do seu brazão, o seu lavor;... sentia-me

trenier; ante ella achava-me cobarde.  
Que era isto?...

A RAINHA.

E cuidais, meu bello Infante,  
que olhos de mãe não viram tudo? Oh! quantas  
quantas vezes pensei, que se seu padre  
vivesse ainda, ou sua madre... havia  
afastal-a d'aqui! Mas como? a triste  
adorava Constança; era adorada  
por mim, por ella; aqui tinha o seu mundo;  
que podia eu fazer?

Tentei (de balde!)

ver se algum cavalleiro lhe prazia;  
se a distrahia em momos' e torneios;  
se embelecava os seus dezasseis annos.  
Mas tudo era de balde!...

D. PEDRO, que veio, em quanto sua mãe fallava, encostar-se-lhe á  
cadeira, e inclina para ella a fronte.

Não lembredes,  
não? não? madre, esse tempo de loucuras!  
Amei-a muito; e ella... nem soube.

(Com energia:)

Mentem

os que assacam a morte de Constança

aos ciumes, ao odio. Oh! por mui grande  
que seja o inferno, e ardentes as fornalhas  
em que nos queima Belzebut, não cuido  
que haja outro inferno igual ao meu. Constança  
ignorou tudo, e Ignez bem mais do que ella.  
Eu m'o impuz, e cumpri.

Que vezes, morto  
de amor, não lhe fugi! que vezes, surdo  
a tudo, não busquei nas estacadas,  
de peito aberto, a morte! e quando menos,  
longe d'ella, em caçadas, em corridas,  
por algares e inhospitos despenhos,  
insensato, perdido, eu remoinhava.  
Embriagava-me o sangue das batalhas;  
e por fugir-lhe a Ella, a mim fugia.

Cinco annos devolvidos, foi Constança  
para o seio de Deus; e vós, que amaveis  
como filha a gentil *collo de garça*,  
e nem scnhaveis meu tormento, honrastes  
o seu sangue leal, tomando-a logo  
por donzella de honor.

Vivi. Cresceu-me  
a paixão; fui só d'Ella.

(Pausa grande.)

Um dia... (ó santa,  
deixais-me dizer tudo? e, com ser madre,  
não vos offende este papear de filho?)

A RAINHA.

Mas quero saber tudo. Avante!

D. PEDRO.

Um dia...

(eu vou contar-vos tudo; perdoae-me;  
sois o meu confessor.)

(Torna a sentar-se no escabello aos pés da Rainha.)

A RAINHA.

Que penitencia  
te hei-de eu dar a final? vamos.

D. PEDRO.

Um dia...

(Pausa.)

Passára um anno sobre os nossos lutos.  
Foi uma tarde; ali por Maio; o sangue  
corria mais veloz!... Volvi da caça,  
matado de saudade. Era sol posto;  
caía a branda noite; pela varzea  
tintinavam rebanhos; e Coimbra  
banhava rindo os pés no seu Mondego,  
como as moças de cantaro, que se iam  
chilreando com vozes crystallinas.

Ignez, alem, no eirado, descuidosa, olhava... para a tarde; o rosto lindo poisava-lhe na mão. Cheguei ; dos olhos gottejavam-lhe as lagrimas sem nome, que não são de tristeza, e nem tão pouco de alegria inda são ; lagrimas doces, de saudade talvez ! Cheguei ; fallei-lhe. A hora, a solidão... não sei : caíu-me nos braços, a chorar ! Ousei dizer-lhe tudo, tudo, e n'essa hora dos archanjos, renasci ! senti-me outro ! amava ! amava !

Desde então, mãe do ceo, não houve dia em que nos não fallassemos. Queríamos muito um ao outro. Ella tambem curtira supplicio igual ao meu. De longos dias me adorava. E eu dizia : — « Descontámos « bem caro este momento, pelas penas ; « que ambos hemos curtido. »

E ella dizia-me :  
— « Não, meu senhor, aquellas penas foram  
« do mandado de Deus, que nos queria  
« mostrar depois o que era o ceo dos anjos. »

(O Infante enchuga lagrimas.) ;

A RAINHA, depois de uma pequena demora, e com muito interesse

E depois?

D. PEDRO.

E depois entrei na vida ;  
fiz-me de veras homem. Começava  
a sentir que por Ella é que eu vivia ;  
percebia-lhe... (é o mais que sei dizer-vos)  
achava-lhe no gesto, no carinho,  
o quer que era de vós.

(Pausa.)

Este segredo  
durava solapado ia em dois annos ;  
soube-se alfim.

Meu padre aconselhou-me  
um dia vagamente, a que esposasse  
não sei que Infanta ; recusei. Passaram  
mezes ; fallou mais claro ; prometti-lhe...  
mas não pude cumprir. Instou ; carpi-me ;  
rojei-me ante seus pés ; beijei-lh'os ; disse-lhe  
que este amor me era a vida. Enfureceu-se ;  
chamou-me o seu verdugo ; e eu de joelhos  
traguei a affronta. Os do Conselho accezos  
clamam a vozes, que o sei eu. Meu padre  
mandou-me tres dos grandes a admoestar-me ;  
e (dil-o-hei ?) mandou-me hoje Annes de Almada

de industria a ameaçar-me! a deshonrar-me!!  
a mim.

(Levanta-se. A Rainha levanta-se tambem.)

Clamei; mas, minha mãe querida,  
contive-me; pensei em vós... e... n'Ella.

(Pausa.)

Agora emfim, que todos já de muito  
dormem no paço, e que estais só, vim presto,  
surprehender-vos na oração da noite,  
dizer-vos o que em balde entre essa turba  
procurára dizer-vos. Mãe querida!  
mãe d'est'alma! valei-me! esconjurae-me  
a tormenta, e deixae que o vosso filho  
deva ao condão do maternal affecto  
o antegosto do ceo... na posse... d'Ella!...

(Pequeno intervallo.)

A RAINHA, com o mais doce dos sorrisos.

Meu Pedro, eu não dizia? essa cabeça  
é o volcão de Napoles.

(Tomando de repente uma grande seriedade.)

Socega,

filho; o Conselho, e os grandes, o que podem  
quando El-Rei não quizer? (e o meu Affonso  
ha-de ter-me por guia).



Agora o povo...

dizem que anda agitado...

D. PEDRO, com ira e desprezo.

E que é o povo?

o que são os villões? com o azorrague  
se ensina a villanagem. Povo!!!

A RAINHA, solemne.

Filho,

o povo... é o povo; é o nosso filho; o povo  
é o pobre que não tem; é o faminto  
que só sabe chorar; é o chocarreiro...  
que pensa muita vez por nós; é o triste  
servo da gleba, oppresso, expatriado  
no seu proprio torrão. Vão-se-lhe as noites  
na vela das tuas torres solarengas,  
e não tem casa; os dias se lhe arrastam  
sem um ai sob o açoite; e serve sempre.  
Sim; mas o povo, o povo é a força, o braço  
que anda aos teus charruões, brande os teus piques,  
edifica ao teu mando os teus alcáçares,  
ou derruba cidades. Filho, o povo  
de teus regios avós foi companheiro;  
pelejou pela Cruz; deu o seu sangue  
pelas quinas de Affonso. E n'essa orla  
que teu grão Bisavô cingiu nas quinas,

(Chega ao reposteiro, e aponta.)

vês? castellos refulgem sobre sangue ;  
é o sangue do povo. Pedro, o povo  
é que eu temo por ti.

(Longa pausa. O Infante permanece em pé com a fronte pendida  
sobre o peito ; a Rainha continúa.)

Vai alta a noite ;  
é tarde ; essa cabeça quer descanso.  
Vai dormir ; por ti vela a tua madre.  
El-Rei teu pae chega amanhã. Por ora  
nada posso dizer-te ; hei-de fallar-lhe.  
Vai.

(Amimando-lhe a testa.)

Como elle está pallido ! Veremos  
o que se faz. Prudencia, e adeus, meu filho.  
Boa noite.

(O Infante ajoelha ; a Rainha impõe-lhe as mãos sobre a cabeça,  
e invoca o ceo.)

Ó meu Deus ! a vossa benção  
para este vosso servo !

D. PEDRO, beija-lhe a mão, e levanta-se, muito mais alegre.

Ó madre minha,  
vou mais sereno ; estou mais livre ; a espr'ança  
penetrou no meu peito. Sinto-me outro ;  
vou mais ligeiro até.

A RAINHA, com affecto maternal.

Sim?

D. PEDRO.

Mas que muito!  
tive por confessor... o Anjo da guarda.

A RAINHA, beijando-o na testa.

Adeus, meu filho, adeus!

D. PEDRO.

Adeus, mãe santa.

(Chegado á porta, o Infante volta-se outra vez para traz, atira Rainha um beijo com a mão, e sai.)

## SCENA II

A RAINHA D. BRITES, só.

(Apenas o Infante saíu, a Rainha cai de joelhos diante do oratorio, a chorar.)

Ó Padre nosso! ó meu Senhor divino!  
não vês esta afflicção? Pois tu não ouves  
no alto Ceo d'onde estás esta agonia  
de uma mãe?

De Castella só recebo  
novas negras da minha pobre filha.

Aqui, o meu Infante, a minha gloria...  
n'este azar !

(Levanta-se.)

Quem suspeita, na cidade,  
que entre o somno de um povo, aqui, sosinha,  
n'est'hora morta, ao Crucifixo orando,  
entre estes arremedos de ventura...  
esta mãe, triste e em lagrimas, vigia,  
como lampada acceza... sobre um reino !!

(Pausa de meditação.)

Meu filho !

Fiz-me forte ; elle nem soube  
o que eu soffro tambem. Funebres coisas  
me presagia o coração.

Pensem os :

que hei-de eu fazer ?

Ao menos, não presume  
que sei tudo ; que ha muito que trabalho  
por convencer a El-Rei ; que ha no Conselho  
oposição bem clara ; e que medonho  
é o cariz do povo. Oh ! não ; não sabe ;  
vive longe do mundo, no casulo  
d'aquelle amor ; e o que lhe vai por fóra  
nem o suspeita.

(Pausa. A Rainha parece meditar alguma ideia repentina.)

E se... Pois bem; vejamos :  
vou tentar arrancar este segredo  
ao coração de Ignez.

Se eu conseguisse  
vel-a feliz !

(Pausa.)

Oh ! Deus me traga Affonso  
amanhã. Vou tentar ; tentar ainda ;  
e quem sabe ?... Redobro as penitencias ;  
prometto-te, ó meu Christo, ir em romagem  
a Bethlem !

(Recai de joelhos.)

humildar no pó santissimo  
d'aquella terra a c'roa de Rainha !  
cerrar meus breves dias n'um moesteiro !  
Dize, que hei-de eu fazer ?

Ó Padre nosso !  
ó meu Senhor divino ! pois não ouves  
esta minha afflicção ? !...

## SCENA III

A MESMA e D. IGNEZ DE CASTRO.

(Levanta com a mão um reposteiro, e apparece parada á porta, vestida de escuro e elegantissima, com as tranças loiras caídas sobre os hombros; presença de soberana; expressão angelica; gesto simples, e respeitoso.)

IGNEZ.

Senhora minha,  
ouvi chorar, appareci. Dar-se-hia  
que me enganasse?

A RAINHA, levantando-se á pressa, enchugando os olhos, e falando como quem foi colhido com um furto entre as mãos, á parte.

Ignez de Castro!

(Alto.)

Filha,  
aproxima-te. O quê? chorar!

(Forceja por sorrir.)

Não choro;

creio que até sorrio.

(Pausa)

Ainda erguida  
a esta hora!?

IGNEZ, descendo o theatro, a passos muito lentos.

Eu aguardava as vossas ordens  
na ante-camara, alem. Não vos cuidava  
dormida por em quanto, e vim...

A RAINHA.

Velavas

tu só?

IGNEZ.

Senhora, sim.

(Pausa.)

Sente-se enferma  
Vossa Mercê, Real senhora?

A RAINHA.

Enferma?

não.

IGNEZ.

Não? Só, n'esta camara... eu temia...  
esperei; não chamaveis; ia a noite  
muito alta; esperei sempre; ouvi soluços...  
(ou pensei que os ouvia) e vim correndo...  
Perdoae-me...

A RAINHA.

E porquê? Só n'uma coisa

te enganaste, anjo : em crer-me a sós, pois era  
comigo ha pouco um lindo cavalleiro !

IGNEZ, olhando em roda da camara.

E um conto de fadas ; cavalleiro  
que se encantou !

A RAINHA.

Não rias ; cavalleiro ;  
porque não ? e forinoso entre os formosos !  
um perfeito Amadís ; de grande esforço,  
de mui bom sangue (estirpe de Monarchas),  
grão caçador, grão lidador, e... Infante.

IGNEZ, em sobresalto.

O Infante meu senhor ?

A RAINHA.

Sim ; esse.

IGNEZ, com muito cuidado.

E o Infante  
chorava ?

A RAINHA, com intenção.

E se chorasse ?

IGNEZ, com crescente angustia.

Se chorasse ?  
chorou ? ! dissei-m'ó vós...



A RAINHA, como acima.

Talvez...

IGNEZ, rebentando-lhe involuntariamente as lagrimas.

Chorava?

e de quê? Mas que tinha o meu Infante?

chorava! e eu longe d'elle!!

(Repara na irreverencia d'esta explosão de affecto.)

Oh! perdoae-me,

minha ama! perdoae-me! eis-me em giolhos!...

(Ajoelha.)

A RAINHA, fingindo-se atonita.

Que é isto, Ignez?!!

IGNEZ, confusa.

Senhora...

A RAINHA, com acintosa insistencia.

E por acaso

esqueceste onde estás? tu sempre grave,

tu sempre respeitosa, tu, que és minha,

e me acompanhas sempre, acaso olvidas

quem é tua ama?

(Pausa.)

Ergue-te.

IGNEZ, levantando-se aniquilada.

Oh! não olvido!

ai! por meu mal que o sei. Uma vassalla  
sou eu, senhora minha, eu uma serva;  
e uma Rainha vós; e elle... um Infante!...

A RAINHA.

Não entendo... não sei...

IGNEZ, com subita ousadia.

Dil-o-hei? sim, custe  
o que custar, senhora. Amanhã mesmo  
vem a Coimbra El-Rei. Sei a que é vindo,  
e vós o não sabeis. Se amanhã mesmo  
me quizerem matar, matem-me embora!  
hei-de desabafar! Vós, sempre boa,  
sempre Real, sempre tão minha, ouvi-me;  
não tenho mais ninguem.

Orphã na terra  
vivo aqui n'este paço ao vosso mando;  
nada mais sou do que uma serva; nada;  
e espero aqui morrer.

Já não invoco  
esse grau tão chegado, que vincula  
meu sangue ao vosso; não invoco as glorias  
dos meus nobres avós; invoco (e invoco-os  
cheia de fé, cheia de amor!) os nomes

tão doces que me dais : *Amiga ! filha !*  
eu *filha !!!*

Haveis de ouvir-me ; atraíçoei-vos  
co' o meu longo silencio ; ouvi-me agora !  
por caridade!!

(Pausa.)

Era uma tarde. O Infante  
voltava da caçada. A hora... o sitio...  
a angelical tristeza do semblante...  
aquelle ar soberano... Ousei dizer-lhe  
que o amava ; e enlaçada no seu collo  
ousei beijar os seus cabellos ! Madre,  
não m'o culpeis a elle ! a criminosa  
é esta ré desventurada !

Quanto,  
até aquella hora dos archanjos,  
eu não tinha soffrido ! Que de vezes  
não intentei fugir-lhe ! libertar-me  
d'este jugo dulcissimo ! ir ao longe,  
no Aragão, na Castella, em algum ermo,  
comer comigo a minha dor ! fartar-me  
de lagrimas ! viver de saudades

do meu Pedro! morrer de desconsolo!  
 Ao meu segundo padre, ao bom João Annes,  
 que vezes não mostrei que me abafava  
 este ar de Portugal! que me finava  
 de lembranças das terras de Galliza!...  
 que era força partir...

Partir! para onde?  
 quem tinha eu lá? nem madre, nem familia,  
 ninguem! meu padre, morto em Algesiras!  
 Fernando ausente em Londres! o meu Alvaro  
 longe! Joanna, morta!... eu... só no mundo!  
 Ninguem!! a minha casa... era esta vossa.  
 Aqui nasci, quando um destino amargo  
 me trouxe apoz a misera Constança.

(Pausa; a Rainha chora muito. Iгнеz continua.)

Meu pobre pae!. . . . .  
 . . . . . « Senhora, é minha filha; —  
 (lhe dizia elle outr'ora ajoelhado) —  
 « orphã de mãe, dos meus avós herdeira;  
 « se o meu sangue leal, se as cãs de um velho  
 « algo podem valer, eu vos supplico  
 « acceiteis esta serva. É pequenina  
 « a offerta do vassallo, mas é grande  
 « a dadiva do pae. Um Deus clemente

« Ihe furtou sua mãe; nos vossos braços  
« ache outra mãe. »

Sorriu-se a nossa Infanta,  
beijou-me, e disse : — « A minha filha é esta. »

Desde então, bem sabeis (vós bem o vistes),  
fui sempre a sua filha ; o braço d'ella  
foi na minha orphandade o meu arrimo.  
Perdi meu pae ; a casa d'ella, a vossa,  
a vossa casa, ó minha santa madre,  
foi o meu lar paterno ; fui crescendo  
ao seu bafo ; aprendi no seu exemplo  
tudo que sei. Tambem (posso jurar-o)  
nunca a noite se esvai, sem que algum sonho  
venha trazer-me a doce imagem d'ella!  
Inda esta noite a vi! chorava! a longa  
veste, negra! os cabellos de oiro, soltos!  
o sorriso, de archanjo! E veio vindo!  
vindo! vindo! acordei! Desvaneceu-se  
a visão, e eu fiquei lavada em lagrimas.

. . . . .  
(Esconde horrorizada a face em ambas as mãos. Depois recomeça  
em tom lugubre.)

E aquelle espectro me dizia mudo :

— « Atraiçôas-me, Ignez de Castro!!! » — e ouvia

a fantasma ulular ! e entre os soluços  
— « Atraçoada!!!! » — repetia.

(Grande transição de tom.)

Embora !

Estou louca ; bem sei ; chamae-me louca ,  
chamae-m'ó. Eu nem atino o que dizia.  
Sois tão boa ! perdão ! perdão ! mas custe  
ou não custe, é mister que vol-o diga :  
tinha um remorso ; um pesadelo erguia-se  
entre nós.

(Transfigura-se-lhe o semblante.)

Minha mãe ! senhora ! é tempo  
de vol-o descobrir. Amo-o, co'as veras  
de uma alma pura e boa ; amo-o, com o fogo  
do meu primeiro amor ; com a ternura  
com que o amais vós, minha rival querida !  
Amo-o como a meu pae, como a meu Principe,  
a minha mãe, a meu senhor ! (quem sabe?)  
amo-o, como amo a Deus.

A RAINHA, com um grito.

Ignez !!!!...

## SCENA IV

AS PRECEDENTES e EL-REI D. AFFONSO.

(El-Rei vem em trajo de jornada; botas; esporas largas de prata afiveladas. Um capuz ponteagudo pela cabeça. Grossas luvas de anta. Espada de copos cinzelados. Pende-lhe de uma corrente de oiro a Cruz da ordem de Christo ao pescoço. Por sobre tudo um mantão escuro até aos pés. Entra pela direita, afastando cauteloso mas com familiaridade de dono da casa o reposteiro. Pára um momento ao entrar, admirado do que vê, mas com um sorriso franco e brusco de castellão vellio. Iгнеz fica por segundos hirta na postura em que estava. A Rainha, mais mestra, compõe o semblante, e sorri com benevolencia.)

A RAINHA, estendendo para El-Rei a mão.

Affonso!

EL-REI, gracejando.

Temos sarau no paço? a taes deshoras, senhora minha! e mas julguei, de longe, que fallaveis renhindo!

IGNEZ, para si mesma em voz que mal se percebe.

El-Rei!!

A RAINHA.

Renhindo?

« A taes deshoras » — direi eu. Pensava que vinheis amanhã. Que novidade! para nós que agradavel novidade!

EL-REI, despindo, em quanto falla, a capa, e tirando o capuz.

Nenhuma. De longada vim, por noite,  
de Monte-mór a cá. Foi-me Coelho  
buscar ; viemos n' um galão ; são bravos  
os nossos alazões ; devoram legoas ;  
de outros nem sei, nem quero. Ainda agora  
os meus sessenta e quatro não refusam  
a gineta.

(Acabando de descalçar as luvas, que entrega sem cerimonia a Ignez de Castro, a qual submissamente lhe viera tambem tirar a capa, desce El-Rei o theatro estíregando as mãos.)

Abem vós, meus olhos bellos,  
como vamos por cá?

(Abraça com affecto a Rainha. Ella estende-lhe a testa, que elle beija.)

A RAINHA, com galanteio.

Vós bem sabeis  
que estaveis longe...

EL-REI.

Dever meu. Importa-me  
ver tudo por meus olhos ; sou o mordomo  
d'esta pequena casa lusitana ;  
não posso ficar quedo ; ando na faina ;  
ergo-me ao romper d'alva, e sem delongas  
visito o meu celleiro, os meus lagares,  
as minhas sementeiras, os meus gados,



as minhas tulhas; amerceio os servos;

(Com intenção clara.)

ou premeio ou castigo os que o merecem;  
e apercebo de novo as salas de armas  
de elmos leaes, montantes valorosos.

A RAINHA.

Porquê? dar-se-hia que os moiros...

EL-REI, passeando rapido no proscenio, e anediando a formosa  
barba branca.

Não.

A RAINHA.

Dar-se-hia

que meu sobrinho Pedro de Castella  
pedisse...

EL-REI.

Não.

A RAINHA, sorrindo.

Dar-se-ha que os ricos homens  
se insurjam contra vós, como fizeram  
contra o senhor Dom Sancho vosso Tio?

EL-REI, parando.

Não; não; peor que tudo. O meu inimigo  
mora comigo; aqui.

Vamos; é tarde:

hemos mister fallar. Davam quatro horas  
em Santa Cruz, quando eu passava á ponte.

IGNEZ, em vos muito sumida, e percebendo que querem que saía.

Vossas Mercês ordenam algo ?

A RAINHA, seccamente.

Nada ;

podeis ir.

IGNEZ, ajoelha, e beija a mão á Rainha.

Deus vos tenha em sua guarda,  
Rainha nossa.

(Para El-Rei.)

Meu senhor...

(Vai para beijar a mão a El-Rei ; este recusa-lh'a cruzando os braços. Ignez faz lentamente uma profunda mezura, e encaminha-se para a porta ; mas no momento de saír pára, e exclama para si mesma com muita doçura, e no tom da maior angustia.)

Perdida !

Perdida para sempre !!

(Sai.)

## SCENA V

A RAINHA e EL-REI.

(El-Rei está no primeiro plano do lado direito, de braços cruzados, na postura glacial de uma estatua, durante o pouco tempo que precede a saída de Iгнеz. Quando ella saíu encara na Rainha, que egualmente solemne, em pé no lado opposto da scena, sustenta por alguns instantes o olhar severo d'El-Rei, mas afinal abaixa os olhos.)

EL-REI.

Desde quando,  
senhora minha, não sou eu quem manda  
n'esta casa?

(Pausa.)

A RAINHA, atonita.

Senhor!... E desde quando  
esqueceste, meu Rei, que é á Rainha  
que fallais?

(Pausa.)

EL-REI.

Desde quando se viu nunca  
um Rei mandar, e a sua companheira,  
sua mulher, contrariar-lhe o mando?

A RAINHA.

Senhor meu...

EL-REI, com explosão.

E até quando ha-de este reino  
 á mercê dos villões ir barra em fora  
 a caminho do inferno ?

A RAINHA.

Não entendo,  
 Affonso, o vosso desusado entono.  
 Por favor...

EL-REI.

Entendeis-me de sobejo !

A RAINHA.

Por vida minha...

(Pausa.)

EL-REI, depois de dar calado e agitado um passeio no proscenio  
 pára.

Hoje por noite, estava  
 em Monte-mór, chega-me asinha um servo  
 dedicado e leal, Pero Coelho,  
 um fidalgo ás direitas. De cá vinha ;  
 chegava a bom galope, e me dizia :  
 « Meu senhor, urge estardes em Coimbra ;  
 « o perigo recresce, ameaça ; o Infante

« bramou, rugiu como um leão ferido,  
 « quando de vosso mando lhe fallámos.  
 « Amanhã, pela noite, é que intentaveis  
 « saír de Monte-mór ; já fôra tarde  
 « quiçá. Venho pedir-vos em joelhos  
 « que nos partamos esta noite, e logo. »  
 Cavalguei, e eis-me aqui.

A RAINHA, com leve ironia.

Mas que perigos  
 são esses taes de que vos falla Pero?!  
 São na Almedina os bravos de Castella?  
 El-Rei de Tunes penetrou na Alcáçova?  
 o moiro de alem-mar sobe o Mondego?  
 ou El-Rei de Granada entrou forçando  
 o arco da traição?

EL-REI.

É pouco azado  
 o ensejo para rir.

A RAINHA.

Então...

EL-REI, com insolito rompante.

Senhora,  
 mór é o perigo. O nosso imigo vive  
 aqui ; sois vós que á vibora damnada

dais báfo e ousío, e á vil manceba entradas  
para vir deshonnar o vosso filho.

A RAINHA, com muita serenidade.

Basta, Affonso, essas praticas são boas  
co' os vossos homens de armas ; a Rainha  
não as entende ; e se aporfiais...

Encaminha-se para a porta dos aposentos interiores. Depois de pausa,  
e respondendo a si propria.)

Calumnias !

Ai ! pobre Ignez ! tão pura como os lyrios!

(Nova pausa de silencio em ambos.)

EL-REI, como meditando, com a fronte erguida para o ceo, em  
solemne postura.

Deus ! Senhor d'esta terra ! de mim juro :  
fiz quanto em mim cabia. Aos desvarios  
de Pedro oppuz as supplicas, o mando,  
a ameaça... tudo em balde.

Os meus privados  
pul-os na casa d'elle. O meu Pacheco,  
no intento de frustrar estes amores,  
como leal que é sempre, envidou tudo.  
O meu valente Almada (nobre velho !)  
tem-lhe soffrido... insultos ; o meu santo  
Pero Coelho, homem de prol, e amigo,

fez-se por elle caçador, de industria  
para captal-o; anda com elle a monte,  
gasta grão cabedal de suas rendas.  
Eu proprio... e pensais vós que me não torço?  
que não fujo a meu filho? (eu! eu! fugindo!)  
que não o temo?

Onde se viu (dizei-m'o)  
onde se viu, vivendo El-Rei, o Infante  
pôr em alarma uma nação? Que espere;  
já não pode tardar; que espere; a loisa  
talhei-a eu mesmo; já me aguarda, e breve,  
lá na Sé de Lisboa.

(Pausa; com muito sentimento.)

Onde se ha visto  
um filho, que era os sonhos do seu padre,  
que era a ambição do meu caduco inverno,  
calcar aos pés o sceptro, o rogo, o mando,  
do seu Rei, seu senhor!? Não. Isso nunca.  
Não tirou inda a brica de suas armas; }  
seu banco de pinchar não é meu throno.  
Recolha-se! é vassallo!...

(Transição dolorosa para amargo e submisso arrependimento.)

Oh! mas entendo!  
entendo-vos, meu Deus! ai! triste! ai! misero!

Curvo, Senhor meu Deus, a fronte ; acceito  
o calix da expiação.

E vós, ó sombra  
de meu pae venerando ! sus ! vingae-vos !  
Sôa a hora ao mau filho.

(Cai sentado na grande cadeira gothica, e com a fronte entre as mãos.

A RAINHA, vendo a afflicção d'El-Rei.

Affonso !

EL-REI, depois de pausa e como que fallando para si.

Oh ! lagrimas !

Mau filho ! fui. Mas quê ? não me arrastraram  
mil falsas suggestões ? não fui trahido ?  
Mal haja o trahidor !

A RAINHA.

Meu pobre Affonso,  
delirais !

(Amimando-lhe a testa.)

Perdoou Deus que vê tudo  
os vossos desvarios de mancebo !

EL-REI, em tom amargo.

Não perdoou.

A RAINHA.

Sim perdoou. Deus grande !  
É mister que nós outros perdoemos  
os de Pedro tambem.



EL-REI, levantando-se.

E ousais?

A RAINHA, pondo-lhe os braços sobre o hombro com muito affecto,  
e encarando seu marido.

Oiçamos

o que nos diz o coração ; sigâmol-o  
por mais leal que os votos dos Conselhos !  
Vós sois bom ; elle é filho. O seu peccado  
qual foi? amar. Vós não amais ?

EL-REI, com orgulho.

Mas ame

na sua esteira ; ame a sabor do reino ;  
ame...

A RAINHA, em tom muito gracioso.

E quem ha-de impôr a um peito ardente  
essas leis, meu Alfonso ? Lá diziam  
os romãos ser Cupido um deus que ás cegas  
anda per hi ; coitado ! aquella venda  
não ha tirar-lh' a, não.

(El-Rei sorri a medo, com benevola expressão de quem teme, mas  
quer, ser vencido na contenda. A Rainha continua.)

Supponde um' hora,  
vós Rei de Portugal, vós, Rei do Algarve,  
vós a quem sempre amei, que amastes sempre  
a vossa... impertinente castelhana...

(El-Rei sorri outra vez.)

que em vez de neta de Monarchas, era,  
 , tinha sido... ora... eu sei! gentil pastora,  
 que passava a cantar cada alvorada  
 co' o seu rebanho de ovelhinhas brancas,  
 que iam balando atraz da sanfonina ;  
 vós, cambiando o sceptro em cajadinho,  
 sorrieis á pastora ; ella, travêssa,  
 pelas suas meiguices vos raptava  
 do peito o coração ! Dizei : não dereis  
 de bom grado a corôa, o sceptro, o manto...

(Com certa intenção magana.)

e até Pero Coelho, e até Pacheco...

(El-Rei sorri de novo com bonhomia.)

por ser d'ella ? E as Infantas e as Rainhas,  
 valiam mais ?

EL-REI.

Mas... Pedro...

A RAINHA.

Esperre um pouco

co' o seu gado o meu regio pegureiro ;  
 já lá vamos. Pergunto. Iгнеz de Castro  
 é alguma vaqueira ? o sangue d'ella  
 não é do nosso ? e minha irmã Violante  
 não lhe era avó ? e Iгнеz minha sobrinha ?  
 Que nos damna esta alliança ? traz per caso  
 ao brazão portuguez a faxa negra ?

não, porque a linha pura a representa  
o filho de Constança, o meu Fernando,  
que ha-de reinar, mercê de Deus!

EL-REI.

Sereia!

A RAINHA.

São tudo isto verdades, meu Affonso.  
Depois, trazer em tratos, sem respiro,  
o nosso triste Pedro! Se soubesseis  
tudo que elle padece!! Não nos basta  
ver Maria infeliz! Nós já chorámos  
o meu pobre Affonsinho; depois d'elle  
Izabel, Leonor, João, perdemos  
Diniz... De tantos filhos resta Pedro,  
o orgulho d'este reino. Não sejamos,  
meu pastor, tão crueis. Aquesta ovelha  
que mal fez? no seu pasto escolheu flores;  
foi o seu crime.

EL-REI, sem grande insistencia.

Embora!

A RAINHA.

Quantas vezes  
tentei eu convencer-vos! quantas supplicas  
vos fiz! vós sempre surdo ás minhas preces.  
Ainda aporfiais?... Heis-de render-vos;  
não é assim? vencedor de cem batalhas,

n'esta ireis de vencida. O meu Salado  
ha-de ser este.

EL-REI, sorrindo.

Ah! maga encantadora!  
mulher marinha! angelica sereia!

(Muda de tom, e de physionomia.)

Só vos peço uma coisa. Pela vida  
da nossa filha (a martyr de Castella!)  
e pela do meu Pedro, heis-de jurar-me...

A RAINHA.

O quê?

EL-REI.

Que antes que eu falle a Ignez de Castro  
não lhe heis-de fallar vós.

A RAINHA.

Juro.

EL-REI.

Em vós creio  
como n'um Avangelho. Leixae-me ora;  
vou fallar-lhe.

A RAINHA.

Hoje mesmo?

EL-REI.

Hoje é mui tarde;

seja amanhã. Quero pedir-lhe...

(Transição.)

Vinha

tão cheio de ira ! e a angelical doçura  
que opposte aos meus bravos desvarios,  
quebrou-me a força.

A RAINHA, com affecto.

Affonso !

EL-REI.

Venho cego,

esbravejo, mas dou com esta Circe,  
tão nobre, tão fidalga... e já não rujo ;  
aos pés lhe quero estar.

(Beija com galanteio a mão da Rainha.)

A RAINHA.

Meu pobre Affonso,  
e ha quem inveje os thronos !! Se soubessem...

EL-REI, respondendo a pensamentos intimos.

Bem sei que a nossa Igeez... é uma cordeira,  
não tem culpa ; ou se ha tem... não tem de certo.  
Em summa ; é isto abysmo, a que nos leva  
este insensato amor !

(Para a Rainha.)

Vós perdoae-me :

consentir n'esse amor...

A RAINHA.

Sim.

EL-REI.

Não; não posso.

A RAINHA, com meiguice.

Sim.

EL-REI, continuando.

Mas furtar ás iras dos meus grandes  
a fraca Ignez, devo fazel-o.

A RAINHA, com intenção.

Embora;

nós fallaremos amanhã.

EL-REI, muito serio.

Mandae-m' a

quando fôr dia; quero vel-a; tento  
este recurso. Triste Ignez!...

(Chega El-Rei á janella em quanto vai conversando, entrecabre-a, e vê  
que rompe a manhã.)

E é dia!

Rompe a alvorada. Ó doce amiga, aosadas  
perdoareis o ter-vos dilatado  
tanto... Bem vedes...

A RAINHA.

E que tinha eu n' isto  
para vos perdoar, meu nobre Affonso!  
Ambos os dois tratavamos de filhos;  
do nosso grande filho primogenito,  
o reino, e, depois d'elle, do meu Pedro,  
nosso filho tambem!

EL-REI.

Vamos; é tempo;  
vou deixar-vos. Ouvís? as raparigas  
a descantar nos pégos do Mondego!

(Ouve-se uma toada de vozes argentinas que vem das raparigas da  
banda do rio.)

A RAINHA.

Que felizes que são!

EL-REI.

Não são? Coitadas!  
e julgam-se infelizes! Dia claro.  
Adeus! adeus!

(Beija a Rainha na testa, e sai apressado.)

A RAINHA, vendo-o sair, e com muita amizade.

Adeus!

## SCENA VI

A RAINHA D. BRITES, só.

(Caíndo de joelhos, e levantando as mãos ao ceo.)

Ó Virgem santa !  
ó santa Mãe de Deus ! Pois tu não ouves  
esta minha afflicção ? ! Tu padeceste ;  
sabes o que é a dor.

Tu, que és Rainha  
das legiões luminosas dos Archanjos,  
baixa o teu doce olhar, lá das alturas  
da summa divinal serenidade,  
á esplendida miseria em que me afundo !

.....  
(Continúa orando em extase, em quanto pela janella entreaberta se vai  
ouvindo uma toada muito sentida do canto das lavadeiras, toada que  
se prolonga ainda alguns momentos depois de cair o pano, que vem  
descendo com muito vagar.)

FIM DO ACTO SEGUNDO.



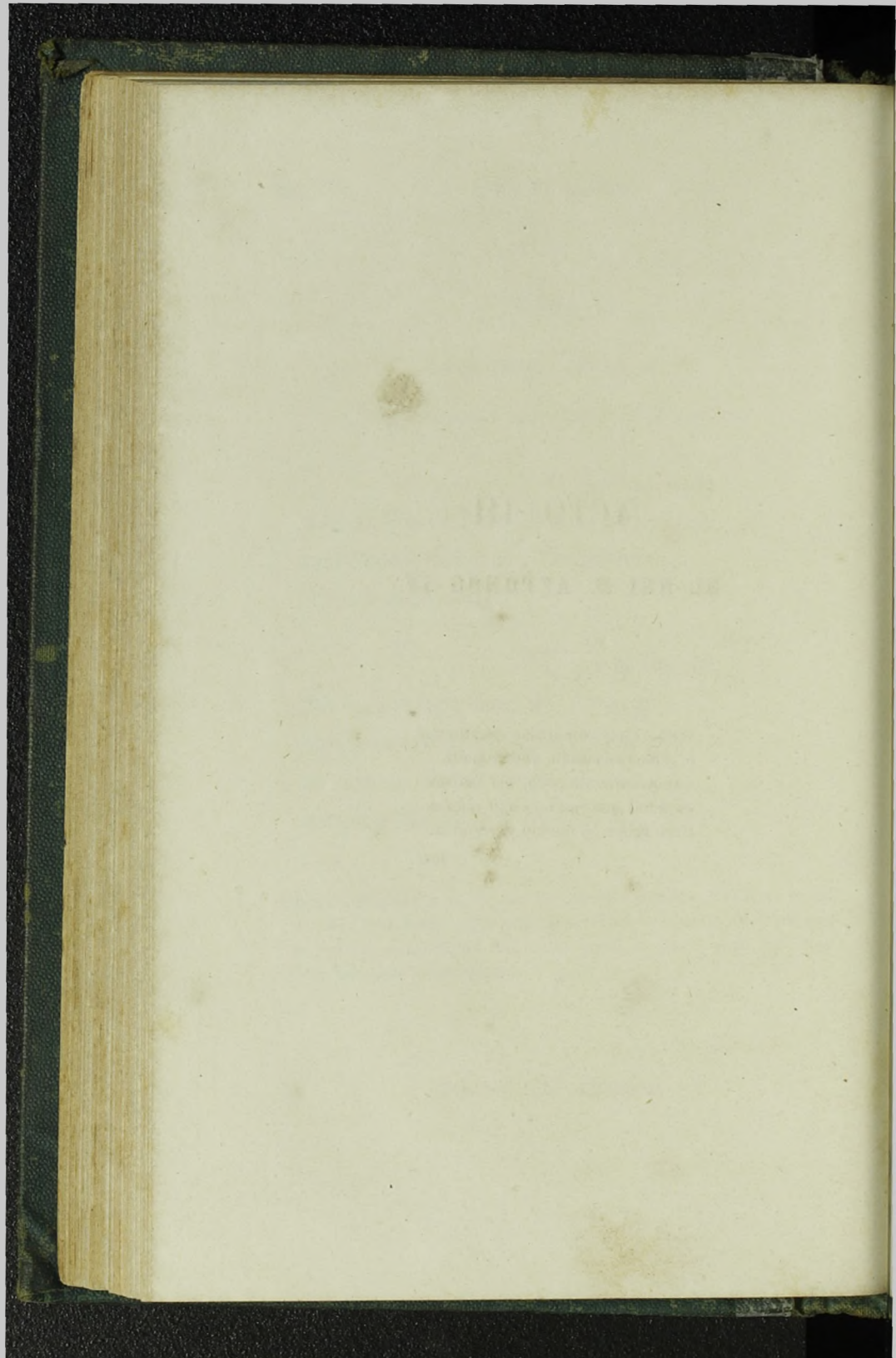
## ACTO III

EL-REI D. AFFONSO IV

---

Vendo estas namoradas estranhezas,  
o velho pae sizudo, que respeita  
o murmurar do povo, e a fantasia  
do filho, que casar-se não queria,  
tírar Ignez ao mundo determina.

CANÕES.



## ACTO III

A camara d'El-Rei. Sala opulenta, e de estylo carregado. Porta ao fundo e portas lateraes. Do lado direito uma janella. A um canto a panoplia completa do heroè do Salado. Pendem das paredes os retratos em pé dos seis Reis predecessores do senhor D. Affonso IV.

E manhã.

---

### SCENA I.

A RAINHA D. BRITES e DIOGO LOPES.

Entra cada um por seu lado; ella pelo esquerdo; elle pelo direito.  
Encontram-se em scena.

A RAINHA, com certo agrado.

Ah! e és tu, cavalleiro?

DIOGO, mellifluo e respeitoso.

As boas fadas  
andam comigo esta manhã.

A RAINHA.

E acaso

El-Rei...

DIOGO.

N'este momento, em sua camera

(Aponta para uma das portas da direita, e diminue um pouco a voz.)

dava audiencia ao Alcaide de Coimbra,  
e ao Reitor das Escolas. Tomei logo  
este ensejo, e corri, senhora, a subitas,  
para onde me disseram que ereis vinda.  
Peço audiencia tambem eu.

A RAINHA.

E eu vinha

saber se Affonso já surgira ; quero  
fallar-lhe. Como achaste El-Rei ?

DIOGO.

Senhora,

merencorio, a-la-fé !

A RAINHA.

Grã coita é ella.

Triste officio o de Rei !

DIOGO.

Nem são minguidos,  
antes crescem a olhos, os motivos  
para o vosso martyrio ; e mas, senhora,  
(em boa hora o diga !) a magua é vossa,

e é de todos os grandes, e é de todos  
que tenham coração.

A RAINHA.

Meu bom Diogo,  
tu sempre tão subtil, não vês atalho  
que nos sáia d'aqui?

DIOGO.

Pardeos! Senhora,  
se o meu sangue é mister...

A RAINHA.

Oh! de bom grado  
o deras, bem o sei. Vamos, discursa-me  
n'este grande negocio. Quero ouvir-te.  
Leal barão és tu; filho de Lopo,  
que me foi tão leal!

(Senta-se.)

DIOGO, inclinando-se profundamente.

Senhora minha,  
madre de todos nós, benina sempre!

(Põe um joelho em terra, e beija a mão á Rainha.)

Ao que eu vinha dizer-vos já vós mesma  
bom ensejo ora destes.

A RAINHA.

Sim?

DIOGO.

Da Castro

vos vinha fallar eu.

A RAINHA.

Mui bem. Fallemos.

DIOGO.

Manda-o Vossa Mercè, Real senhora ;  
mas que empinado assumpto ! A meu juizo,  
não n-o ha mais. Como os tristes de uns amores  
vão pôr em fogo um reino ! A Providencia  
divina ajude a casa lusitana !  
má trama lhe caíu. Senhora, é tanto  
o pavor dos vassallos, que votámos,  
não poucos, romaria á Palestina,  
se o galeão portuguez lograr victoria  
dos vagaihões de diabril carranca,  
e entrar co'as suas signas triumphantes,  
e o timoneiro a salvo, em porto amigo.  
E havemos de cumpril-o ; havemos todos,  
ensoando os psalmos, fronte nua, e rotos  
como pobres mendigos, arrastar-nos  
n'aquelle chão de benção, tão regado  
do sangue vingador dos de Goffredo !  
Porem, deixemos o porvir ! ponhamos  
peito e braço á manobra do presente ;

conjuremos as nuvens silenciosas  
que se acastellam sobre nós. Peçamos  
a Deus, que á virtuosa companhia  
do invicto do Salado em premio outorgue  
que a intercessão d'esta Rainha santa  
roube das mãos do barbaro destino  
o raio assollador.

A RAINHA.

Triste Rainha!  
não mereçera tanto, ó Deus clemente!

DIOGO, depois de breve meditação.

Vejamos. Quem é causa (involuntaria)  
de mal tamanho? (ousarei eu dizer-vol-o?)  
o Infante meu senhor. Mas d'essa culpa  
do Infante quem é causa? os olhos lindos  
da linda Ignez.

A RAINHA, suspirando.

Ignez!!!

DIOGO.

É meu aviso  
que é pois Ignez quem deve, a todo o transe,  
ser arrancada ao seu amor.

A RAINHA.

Mas como?

é para quê?

DIÓGO.

Longe da vista... a magadou que perdera o seu feitiço; o triste consolava-se presto; não tardaram longos dias, quiçá, que de outros olhos lhe rompesse o farpão!... Senhora, os homens d'aquelle fogo... asinha se deslembra; não tardará gentil consoladora; então alguma Infanta, alguma dona de grande potestade, algum rebento de carvalho Real.

A RAINHA, timidamente.

Mas, cavalleiro,  
a linhagem de Iñez é de Monarchas.

DIÓGO.

Harto o sei; mas olhae que, duas vezes n'estas tres gerações, a bastardia veio dar mate em brilho ás arruelas. A vossa irmã, senhora, era bastarda d'El-Rei Dom Sancho de Castella, e madre de Dom Pero de Castro; e este Dom Pero em Aldonça Soares, dama sua, houve a bastarda Iñez. Já (remontando)



o chefe da linhage era bastardo  
de um dos Reis de Navarra. As fochas negras  
retalham sempre este brazão; figuram-se-me  
vergões de despiedosas zorragadas!

Assim pois, quem é ella a par co'o sangue  
do seu... do nosso Infante! Aquí vêm puras  
sempre as quinas, em lidima alliança,  
ora co'as aureas torres de Castella,  
ora co'as pallas de Aragão.

A RAINHA.

Mas dize,

Diogo, acaba; o que faremos?

DIOGO, com modo solenne e hypocrita, curvando a cabeça  
profundamente.

Venho

offerecer-me ao sacrificio. Dae-me  
vós o auxilio que imploro, e eu vos protesto  
que...

A RAINHA.

Sempre dedicado! falla, falla!

DIOGO.

Fallarei.

(Pausa.)

Não se trata aqui de menos,

que de salvar um reino. Ignez de Castro  
voto que se desterre.

A RAINHA, com um gesto de compaixão.

Oh ! nunca ! nunca !

DIOGO.

— « Nunca ? » — então vosso filho que pereça.

A RAINHA.

Deus meu !

DIOGO.

Não sou tão tredo cavalleiro,  
que desejasse o mal de Ignez. Podera  
a vossa auctoridade de Rainha  
maridal-a, aramá !

A RAINHA.

Com quem ?

DIOGO.

Co'um homem  
de bom sangue, e de prol ; co'um cavalleiro  
dedicado e fiel ; co'um servo vosso,  
que aceitará por vós o sacrificio.

A RAINHA.

Quem é elle ?

DIOGO.

Sou eu.

A RAINHA.

Vós!

DIOGO.

Eu, senhora.

Para mim... posto é o sol da mocidade;  
preciso descansar. A linda Castro,  
por mui nobre que seja, não deslustra  
em mim seu nome. Os meus avós, e os vossos,  
muita vez se encontraram... na peleja.  
Tratâmo-nos, de seculos.

A RAINHA.

E pensas  
que este amor de meu filho, assim truncado  
de repente...

DIOGO.

Senhora, o Infante é homem;  
é mancebo. As caçadas, as folias,  
cedo o guarecerão.

A RAINHA.

E Igenez de Castro?  
quererá?...

DIOGO.

No principio, não o creio ;  
depois... quem não folgára em ver-se a subitas  
de vassalla, senhora? de odiada,  
logo adorada? avante! avante! ousemos!  
Vós que a amais, e sois mãe, podeis, senhora,  
hesitar um momento!?

A RAINHA.

E mas...

DIOGO.

Sumida

lá nos meus morgadios, viveria  
a nova castellã regendo casa,  
que mãos quasi reaes regeram sempre.

A RAINHA, com muita tristeza.

Não podia viver nas nossas terras!

DIOGO.

Abém, pardeos! viviamos na França,  
côrte de altos primores; na Castella,  
patria de tão donosas sidalguias;  
na Galliza, quiçá, que por sua madre  
lhe pertence; na Italia, terra douta  
e formosa não menos; na Inglaterra;  
ou na Navarra; ou no Aragão; na lua

que ella quizesse ir habitar, na lua  
juro a Deus (corpo de oiro!) a esconderia.

(Pausa.)

Ordenae vós, e o grão milagre é feito.  
Sabeis quanto com ella influe João Annes;  
legou-lh' a o grão Dom Pero. Um mero acceno  
vosso ao prudente Almada, e inda esta noite  
nos pomos a caminho.

Oh! grande dona!  
na ousadia real mostrae quem sondes.  
Tudo podeis. Feliz quem tem cerrada  
nas nobres mãos... dos reinos a ventura!

A RAINHA.

E se eu vou, sem saber, a duas almas  
levar a morte! Sabes quanto Pedro...  
adora essa mulher; e que supplicio  
lhe fôra...

HOGO.

Sei que vejo o reino a pique.

A RAINHA.

Basta. Esforçado és tu; discreto e nobre;  
tem-te em muito o meu Rei. De mais, versado  
no mundo, e cavalleiro como poucos.  
E não te enganas?... conto....

DIOGO.

A triste vida  
me estale já no derradeiro arranco,  
se...

A RAINHA.

Basta. Vou pensar. Deixa-me um dia  
para pensar. Que triste coisa é esta !

(Vê-se n'este comenos apparecer a cabeça felina e hedionda do anão  
Zehrão, que espreita, e se esconde ao ver a Rainha. Ella continúa :)

ter na mão a balança ; n' uma concha  
o bem de Portugal ; na outra... um filho.  
E não saber ! e hesitar sempre !! Avante.  
Deus proverá. Retiro-me. El-Rei tarda.  
Não o deixam sequer. Sim. Fallaremos.  
Ignez de Castro ha-de aqui vir. Tem ordem  
de vir fallar a El-Rei. Não quero vel-a ;  
não posso vel-a. Vou sair. Aguardam-me  
os meus pobres por toda essa Bairrada.  
À noite volverei.

(Encaminha-se para sair.)

DIOGO.

Real senhora !

(Inclina-se profundamente, em quanto a Rainha sai agodada por  
onde viera.)

SCENA II.

DIOGO LOPES PACHECO, e o anão ZEBRÃO, que depois da saída da Rainha entreabre a porta do fundo.

ZEBRÃO, espreitando.

Já lá vai?

DIOGO.

Que é, Zebrão?

ZEBRÃO.

Senior, cumpridos  
vossos mandos são já.

DIOGO, com anciedade.

Dize.

ZEBRÃO.

Parti-me  
a correr para o logo que sabeis.

DIOGO.

Alcabideque?

ZEBRÃO.

Aosadas.

DIOGO.

E é deveras  
o que te eu disse ?

ZEBRÃO.

Tudo. É uma quinta  
sumida n' um atalho ; a casa é dentro,  
na metá da arboleda. Fiz que erreiro  
me andava ; dei-me ess' ora por sabido ;  
busquei a quintaneira (prove simpres !)  
patorneei mais ella em senhas coisas ;  
dixe que ali cajuso me perdera ;  
embebedei-lhe um filho, que é parviço,  
e desçarrou a historia ás maravilhas.  
Essa quinta é de Iгнеz. N' ella ás occultas  
se encontravam los dois ; n' ella escondidos  
tem tres filhos o Infante.

DIOGO.

E é certo ?

ZEBRÃO.

Os déchos  
cranguejo me farão, se eu bulro.

DIOGO, atonito.

Filhos!!



ZEBRÃO.

Coma ser eu Zebrão.

DIOGO, fica por momentos como fulminado. Depois exclama em tom  
frio, e como despedindo o anão.

Grão feito é esse  
que ao cabo alfim levaste. Se algum' hora  
temeres algo, foge, e aqui te juro  
que hei-de valer-te.

(Depois de breve pausa.)

Filhos !!!

Toma, bruto ;

(Entrega-lhe uma bolsa.)

Vai beber pela vida de teu padre,  
que é samicas Satan.

ZEBRÃO, inclinando-se servilmente e arrecadando o dinheiro.

Meu Senior, beijo-vol-as.

DIOGO, colerico.

Sume-te, que vem gente.

(Ignez vem entrando ; Zebrão some-se a correr.)

Coos ! e é ella !!

## SCENA III.

O PRECEDENTE e D. IGNEZ DE CASTRO.

IGNEZ.

Vestida de luto, extremamente grave e melancolica; traz o rosto pallido e macerado de insomnia e lagrimas. Entra vagarosa e ab-sorta, como quem não vê nem ouve; adianta alguns passos até ao meio do theatro, sem attentar em Diogo Lopes, que, encoberto pelo espaldar da cadeira onde se sentára, não podia ser visto por Iгнеz. Longa pausa de silencio.

Para sempre perdida !

(Pausa.)

Oh ! como um sonho  
passa depressa !

E que mal fiz, ó Virgem,  
para ser humilhada ! escarnecida !  
aniquilada !

(Pausa.)

Ella !! a Rainha !!! é um sonho  
em que não posso crer.

Que scena aquella !  
como a Rainha me abateu ! sorrindo !

Como a perfidia a demudou ! Pressinto  
no trama o vil Pacheco ; oh ! não me engano .

(Pausa.)

Não pude descansar em toda a noite.  
O modo glacial d'El-Rei ! a subita  
vinda de Monte-mór ! depois... o aspecto  
severo da Rainha !

Hoje, hoje mesmo,  
quando me encaminhava á sua camara,  
como cada manhã me era costume...  
acho-a fechada ; bato ; não responde ;  
pergunto ; ninguem sabe ; insisto ; envia-me  
dizer que hoje não pode receber-me...  
que me encaminhe a esta sala, aonde  
El-Rei me quer fallar.

(Pausa.)

Ignez de Castro !  
foram-se as tuas illusões tão doces !  
foram-se as tuas illusões !

(Pausa.)

Succumbo  
á minha desventura. Já não luto ;  
mais não posso lutar.

O bom Almada,

que tem sido o meu pae, virá comigo.  
Fugirei d'este paço, que me engeita.  
A Galliza, o Aragão, dará guarida  
ao pobre velho, e á filha do soldado.  
Um mosteiro quiçá.

Misero Pedro !

nem me atrevo a pensar na escura noite  
em que te deixo !! ai ! tristes dos meus filhos !  
não ! não tiveram mãe ! Meu pobre Pedro !  
findou teu sonho emfim ; socegue o reino.  
Ignez de Castro foi um sonho !...

(Soluça ; depois contem-se, enchuga os olhos, e adianta-se com  
certa resolução.)

Espero

que El-Rei venha.

(Avista de repente a Diogo Lopes. Dirige-se a elle sem o ter  
reconhecido.)

Sabeis, Dom Cavalleiro,  
se El-Rei...

(Para si, e reconhecendo-o.)

Diogo Lopes !

DIOGO, pallido e aniquilado, pondo-se de repente em pé, como uma  
apparição, e cruzando os braços ; depois de pausa, e em voz lenta  
e mortíça.

Elle mesmo.

Eil-o aqui.

Já não clama ; não implora ;  
não ruge. Aniquilaste-lhe a existencia,  
fatal mulher. O corpo... aqui vagueia ;  
a alma... essa fugiu. Sou a phantasma.

IGNEZ, aterrada.

Senhor !...

DIOGO, depois de longo intervallo encarando-a fito.

Aos vossos pés tenho rojado  
como um cão.

(Com explosão.)

Ora sus, que é pronto o plano ;  
hei-de ver-te aos meus pés ; has-de ser minha.  
Não para o longo amor que desvelava  
esta existencia ; minha (oh ! furias !) minha  
para pagar n' uma hora de vinganças  
dez annos infernaes.

IGNEZ.

Ceos !

DIOGO, fora de si, e respondendo ao temporal que lá lhe vai por dentro.

Filhos ! filhos !

Alcabideque ! e é isto um sonho ?

IGNEZ DE CASTRO.

IGNEZ, dando um grito.

Ai Virgem !

(Corre para elle de mãos postas.)

Senhor ! ouvi-me !

DIOGO, segurando-lhe o pulso.

É tempo ainda ; escuta-me :  
 queres fugir ? aceito tudo : a affronta  
 dos teus filhos, o odio... vem...

IGNEZ, desembaraçando-se e traspassando-o com um olhar nobre  
 e cheio da maior dignidade.

Silencio.

(Pausa. Quadro.)

DIOGO, como quem tomou uma resolução subita.

Aceito.

Oh ! longo amor !

(Para si mesmo em voz cava e sombria.)

É morta. É morta.

(N'este momento ouve-se a voz d'El-Rei D. Affonso, o qual vem  
 chegando da direita, fallando para fora.)

EL-REI.

Adeus, Alcaide mór. Conto comvosco  
 á noite no Conselho.

DIOGO, para si, ouvindo a phrase d'El-Rei.

Ah! no Conselho?

lá serei eu tambem.

(Sai rapido, antes que El-Rei o tenha visto.)

#### SCENA IV.

D. IGNEZ DE CASTRO e EL-REI.

El-Rei vem triste, mas a desfarçar quanto pode; desce o theatro fallando; e em quanto elle falla, Igenez forceja por dominar a exaltação em que se achava, e permantece em pé e immovel no terceiro plano á esquerda.

EL-REI.

Ora aqui venho ;  
emfim! Se me não deixam estes homens !  
eu não tenho um momento. Um'hora o Bispo ;  
outra o Alcaide-mór ; outra é um proprio  
que chega de Lisboa ; outra o Conselho ;  
logo, cartas de França... Triste officio  
o meu! Não é assim, *collo de garça* ?

(Em tom amigavel.)

Dize cá : pois não sabes? dia claro,  
quando vim do aposento da Rainha.  
Quem pensaria tal? Fechemos ora

estas portas; contigo a sós me quero.

(Fecha as portas uma por uma, e vem sentar-se n'uma das cadeiras do primeiro plano.)

Dae-me força, ó meu Deus!

(Para Iгнеz.)

Negocios altos

temos nós que tratar. Peço a Deus força.

(Pausa.)

Aproxima-te cá.

(Ignez aproxima-se pouco.)

Mais cá.

(Ignez adianta alguns passos mais.)

Não temas,

inda mais cá.

IGNEZ, muito espantada, adiantando-se até perto d'El-Rei.

Pois El-Rei quer?...

EL-REI, com um sorriso amargo.

Duvidas?

IGNEZ, baixo e muito triste.

Que estranha novidade! Esta doçura  
regela-me de susto.

(Alto.)

É que não ousou...

hoje, senhor...



EL-REI, muito sereno, apontando-lhe com o gesto um espaldar  
junto ao seu.

Aqui.

(Ignez senta-se. Pequena pausa. El-Rei continúa.)

Sinto-me exausto.

Não dormi um momento. Está perdida  
esta pobre cabeça. Tristes contas  
posso eu dar ao meu Deus do meu reinado!

IGNEZ.

Vós, meu senhor!

EL-REI.

Meus nobres avoengos,  
heis-de corar de mim.

(Pausa.)

Sinto que tremo.

(Alto, e com transição subita de tom.)

Ora pois, meus amores, muito tempo  
ha já que não ouvimos uma xácara;  
não é assim? De todas a dilecta,  
a minha, é a da Infanta Dolorida.  
Já a sei.

(Recita:)

A nossa Infanta levamos,  
mas não lhe queremos mal.

El-Rei seu padre nos manda  
que a vamos botar ao mar.

IGNEZ, continuando, com recitação muito monotona e triste.

Era a voz da linda Infanta :  
« Guai meu padre natural !  
« Meu padre, eu culpa não tinha ;  
« vós me mandastes matar ! »

EL-REI.

Esta xácara é sombria.  
Acho-a tão triste ! Diz co'a minha estrella,  
que essa é triste a mais não.

IGNEZ.

A vossa estrella,  
meu senhor ?!

EL-REI.

Nem suspeitas. Hoje mesmo,  
n'este momento, a estou provando ; estrella  
negra ; sem compaixão.

IGNEZ.

N'este momento ?

EL-REI.

Mal sabes, minha pobre cordeirita,  
por que te quiz fallar !

IGNEZ.

Senhor, a serva  
escutará submissa o vosso mando.

(Grande pausa. El-Rei medita, meio succumbido, com a fronte na mão. Ignez aguarda na maior anciedade.)

EL-REI.

Das mãos de Deus que tremebundo encargo  
aos hombros me caíu, quando meu padre  
em Santarem soltava o ultimo alento!

(Reparando.)

Vê : sete de Janeiro ! e ha já trinta annos !

vê : vê ! que luctuoso anniversario !

(Pausa.)

O que é um reino, filha !! que tristezas  
se escondem sob um throno ! que amarguras !

Depois, que vanidade o nosso mando !

Isto é mandar ? isto é poder ? Escravos

somos nós, mortalhados para escarneo

em manto purpurino. E escravos sempre !!

Quero o descanso ? uma pendencia clama

por El-Rei na fronteira. Quer-se guerra ?

exaurido o thesoiro já não pode

pagar aos homens de armas. Quero ver-me

cada dia com um homem ? não, que a lingua

dicaz dos meus validos m'o exprobrára.

Odeio algum traidor ? mas os serviços

que prestára m'ò impõem, como phantasma  
 á espalda. Quero ir ver a Palestina,  
 a Italia, a França, impedem-me barreiras  
 que não posso transpôr. A qualquer banda  
 que me eu revolva... encontro-me algemado!

(Pausa.)

E não só eu. Vê como Pedro...

IGNEZ.

Pedro!!

Que dizeis, meu senhor?!!

EL-REI, continuando.

Pedro, que é livre  
 (quanto o podemos ser)... contrariára  
 o que deve ao seu reino, o que a seu padre  
 deve, e a si proprio... se...

(Meu Deus! valei-me!  
 como hei-de eu immolal-a á nossa honra?)

(Continuando.)

se não ouvisse a voz dos meus Conselhos,  
 que lhe brada ha já muito, e aporfiasse  
 entregue aos sonhos d'esse amor!...

IGNEZ.

Ai! Virgem

que me matam!...

EL-REI, sem mostrar que percebeu a afflicção de Iñez.

Aos Reis incumbe o exemplo  
como dever primeiro. E como ousara  
Rei que não cumpre as leis do reino, em throno  
permanecer, que os seus avós firmaram  
co'o sangue e a vida?

A universal ventura  
é a harmonia entre Monarcha, e povo.  
E se Pedro...

(Pausa.)

Houve novas das provincias;  
emissarios bandidos de Castella  
chamam o povo a revoltar-se. É tempo,  
misera Iñez, de despertar. A elle...  
mil vezes o admoestei. Foi surdo aos rogos,  
aos mandos, á ameaça. A ti supplico,  
por bem teu, e do reino, e d'elle... (e peço-t'o  
de mãos postas)...

IGNEZ.

Senhor!...

EL-REI.

que no fugir-lhe  
restituas tu propria a liberdade  
ao meu regio leão.

(El-Rei levanta-se. Ignez o imita. El-Rei continúa com crescente commoção e energia.)

Filha! Se um dia,  
escarnecendo o povo, despresando  
os brados de seu padre, o meu Infante...  
(nem tal quero pensar) Pedro, o meu filho,  
apesinhasse os meus cabellos brancos...

IGNEZ, interrompendo-o com um grito.

Meu senhor! meu senhor!

EL-REI, continuando, muito commovido.

caíra um raio  
na nossa antiga casa portugueza.

IGNEZ.

Muito custa a morrer!!

(Pausa.)

EL-REI.

Mas pensa, filha,  
quem mais padece não és tu; nem elle;  
sou eu, que os venho separar, e de ambos  
fazer-me algoz; sou eu. Foge, sim, foge  
ao nosso Pedro! O reino meu t'ordena;  
aquelles seis heroes meus avoengos  
de mãos postas comigo t'os supplicam.  
Foge ao meu Pedro, e serás grande.

Filha,

isto custa a dizer ; mas não conheces  
como custa a ser Rei? Tu não me entendes?  
Vale-me, Ignez, as forças tenho a cabo.

(Depois de longa pausa.)

Vês? isto é um solar. Aquelle Affonso,  
meu quarto avô, co'o seu montante useiro  
a feitos giganteus, ergue em Ourique  
esta casa de Reis.

Á sombra d'elle

se aguerriam no campo os combatentes ;  
o olhar d'elle, a voz d'elle, incendiava  
os nossos infanções. Quando, já noite,  
lidado o dia todo, recolhia  
aos palanques, exausto, pensativo,  
era ver como em grita os homens de armas  
o acclamavam seu Rei ; bons companheiros  
de tanta frágua ! É que elles bem sabiam,  
ao vel-o ensanguentado, aniquilado  
como elles, cheio de suor como elles,  
quebrantado mas firme, bem sabiam  
que era o eleito dos ceos ; viam que ás horas  
de findar a peleja, o seu cuidado  
era prostrar-se, e enviar aos ceos o preito  
do seu troço de ardentes lidadores !

depois... pedir as bençãos de um Deus grande para a nascente casa portugueza.

Esta casa é de Affonso ; as suas quinas m'ò bradam de continuo. Os grandes Sanchos, os Affonsos, meu padre (cujo nome torna mesquinho o meu), e eu hoje, somos depositarios tão somente. A herança passa de mão a mão ; da mão de um morto, para a de um vivo. E quanta vez escuta o Rei vivo a voz rouca dos Reis mortos clamar-lhe um longo alerta, como á noite, na extensão da muralha as sentinellas ! !

Vês, minha pobre filha ? aos Reis incumbe a suprema vigia ; e não se podem deixar dormir assim. Pedro algum'hora ha-de ser Rei. Não queiras que eu, dormido já então sob a loisa do sepulchro, venha, irritado e lacrimoso, a vozes acordal-o ! Que opprobrio !

IGNEZ, em voz que mal se ouve.

Que supplicio !

EL-REI.

Depois... Mas eu que tenho, Iгнеz de Castro ? não me vês a tremer como um covarde ?



Tem dó de mim !

IGNEZ.

Vós a tremer, meu padre ?  
porquê ? Deus grande prevenira tudo ;  
inspirou-me esta noite ; aparelhou-me  
ao sacrificio.

Sacrificio ? ! venho  
tão serena ! não vêdes ? tão serena !

(Pausa.)

Meu senhor, eis-me aqui. Vinha pedir-vos  
licença para entrar n' algum mosteiro,  
para fugir d'este importuno paço,  
e não ver Pedro nunca mais !

Ha muito  
que eu de joelhos pedia a um Deus piedoso  
força, resignação ; alfim m'a trouxe  
a oração d'esta noite. Eis-me ; estou prompta.  
E tão forte ! tão forte !... pois não vêdes  
como estou tão serena ! Não me custa ;  
não. Pensei que custasse. Mas... não custa.  
Vou entrar n' um mosteiro.

EL.-REI.

Em santa Clara ;

Aqui.

IGNEZ.

Não ; em Lorvão ; n' alguma claustra  
 bem triste, meu senhor, onde eu não veja  
 senão o ceo... e um Crucifixo, e d' onde  
 possa, todos os dias, lá nas sombras  
 da cerca, orar... por vós... e cada hora  
 cavar, cavar... a minha sepultura.  
 Oh ! quanto hei-de eu pensar em vós, meu padre !  
 Esta Coimbra ! a grã Lisboa ! as festas  
 da minha mocidade !... hão-de á memoria  
 acudir mil suavissimas saudades...  
 que eu hei-de afugentar, pensando... orando...  
 e cavando na minha sepultura.

Vêdes ! estou serena ; o sacrificio  
 não me custou, que eu não amava Pedro.

O que tão só vos peço, é que á Rainha  
 beijeis a mão por mim...

Não quer já ver-me.

Paciencia ! mas eu quero-lhe muito ;  
 sim ; quiz-lhe sempre muito !

(Rebenta na maior explosão de pranto.)

Ai ! já não posso !  
 quero chorar ! as lagrimas ! as lagrimas !

{Pausa.}

EL-REI, que a amima com carinho paternal durante o maior pranto.

Vais adoecer, meu anjo bom! não chores!

IGNEZ, com um medonho esforço sobre si mesma, contem, domina, engole as lágrimas, passando de repente a uma fingida alegria.

Adoecer? e porquê?

E então! não tinha vontade de chorar? porquê? Não choro; já não choro, meu Rei.

Sou uma louca;  
uma louca, senhor. Vêdes? não choro;  
já não choro. Eis-me a rir.

(Toma sobre posse o aspecto de um lugubre sorriso de desvairada.)

EL-REI, enganado com esta mostra.

Pobre creança!

(Pausa.)

E sentes-te melhor? dize.

IGNEZ.

Já boa;  
nem chorei; não. Mandais-me alguma coisa,  
ou posso ir...

EL-REI, supplicando.

Não te vás; queda comigo!

(Pausa. El-Rei tem-n-a enlaçada paternalmente entre os braços, e contempla aquella doce physionomia, que o encara com olhos arrazados de pranto, meio esgazeados e muito melancolicos.)

Como hei-de agradecer aos ceos aquesta  
 santa resignação? como eu temia  
 por ti... minha formosa sensitiva!!  
 Deus amparou-te. Oh! Deus é muito grande!  
 Nunca descri de Deus. Nunca.

Nas guerras,

é a Deus que levanto o pensamento  
 na peleja maior. Na paz, é a Elle  
 que eu agradeço a vida. Quando um filho  
 me nasce, a Deus elevo as alegrias.  
 Quando os vejo morrer-me, entre os carinhos  
 da sua santa mãe... a Deus envio  
 preces de immenso amor.

Offereçamos-lhe,

ó minha pobre monja, o sacrificio  
 que hemos feito. Aceitae-o, ó Deus clemente!

(El-Rei fica algum tempo com a cabeça encostada ao hombro de Iгнеz. Depois deixa-a, e apertando a fronte com ambas as mãos, senta-se oppresso n'uma cadeira de encosto no primeiro plano.)

Tenho a cabeça a arder. Aniquilado  
 me sinto. Antes de entrar ao meu trabalho,  
 e chamar o Escrivão da Puridade,  
 preciso de dormir; um somno breve,  
 como usamos na guerra.

(Vai-se-lhe enfraquecendo gradualmente a voz.)

Aqui. Sentado.

Aqui.

(Encosta a cabeça no espaldar.)

Está bem. Assim.

(Pausa.)

Sessenta e quatro  
annos d'este lutar, já desgastaram  
o meu vigor antigo. E que outra coisa  
é o reinar... senão luta?

(Pausa.)

Cerra logo  
a janella acolá.

(Ignez obedece.)

Mui bem. E agora  
se cantasses?

Embala o pobre velho  
co' a tua voz, que move os seios d'alma!

Deixa estar : hei-de ir ver-te ao teu mosteiro ;  
não ha-de ser Lorvão ; quero Odivellas ;  
hei-de ir-te ouvir cantar as ladainhas,  
á noitinha, n' aquella grande abobada  
que eu conheço tão bem ;... onde meu padre  
dorme, e dorme o meu filho.

Olha, a tiorba  
alem 'stá. Se cantasses!!

IGNEZ.

Se escuzasseis  
a vossa serva! !...

EL-REI, em voz quasi dormente.

Não n-a escuso. Ordeno.  
Estou quasi a dormir. Canta ; é a prova  
de que não ficas mal co' o velho Affonso.  
Começa. Qualquer coisa.

IGNEZ.

A Dolorida?

EL-REI.

Sim ; sim ; sim.

(Ignez despendura a tiorba, senta-se n'um tamborete razo junto a El-Rei, toca os primeiros harpejos no instrumento, e depois começa n'uma toadilha dolente e singela (meio termo entre melopêa e recitação) a seguinte xácara. A cada estrophe porem faz uma pausa, pela obrigarem as lagrimas.)

IGNEZ, para si mesma.

Cantar eu ! Virgem ! valei-me !

XÁCARA.

Remando vão remadores  
barca de grande agonia ;  
e na barca vai a Infanta,  
rio abaixo, e tão asinha !

— Onde a levais, remadores,  
a vossa Infanta tão linda? —

Remando vão remadores,  
que El-Rei os manda remar.  
— A nossa Infanta levamos,  
mas não lhe queremos mal.  
El-Rei seu padre é quem manda  
que a vamos botar ao mar. —

— Não me leixeis, remadores,  
nas aguas do mar tão só,  
que inda tinha grandes coitas  
que chorar ao meu amor!  
leixae-me viva aldemenos  
até vir rompendo o sol! —

Remando vão remadores,  
e nenhum não contestava.  
Volvem tristes a palacio ;  
a Infanta no mar quedára.  
Mandou seu padre a leixassem  
na veia das negras aguas.

Meia noite os remadores  
escutam chorar o mar!

e é a voz da linda Infanta :  
 — Guai, meu padre natural !  
 meu padre, eu era sem culpa ;  
 vós me mandastes matar !... —

## SCENA V.

EL-REI D. AFFONSO adormecido de todo, e IGNEZ DE CASTRO.

(Quando vê El-Rei a dormir, cessa Ignez a cantilena, levanta-se pé ante pé, e o examina com carinhoso cuidado.)

IGNEZ.

Adormeceu. Bem haja a Dolorida,  
 que assim lhe trouxe algum descanso.

Dorme,  
 meu Rei.

(Beija-o na testa. Depois de pausa, contemplando-o.)

Se tu soubesses que te engano !  
 se soubesses que Ignez é nora tua !...  
 é a mãe dos teus netos ! !...

Basta ; basta ;  
 não quero ver a Pedro. Mas ao menos



uma palavra, meu senhor, deixae-me  
escrevel-a ; a suprema despedida !

(Aproxima-se de uma especie de contador sobre que ha um tinteiro ;  
tira uma penna, um pedaço de papel, e escreve com um modo hor-  
rivelmente firme a carta seguinte, que vai recitando em voz alta e  
aos fragmentos, em quanto a penna corre sobre a pagina.)

Meu Pedro, uma só palavra  
vos deixava  
n'esta carta, que ao escrevel-a  
me matava.

Morra eu, que assim findaram  
os meus dias ;  
o viver é morte, e morte  
em agonias.

Aquesta carta vos diga  
eterno adeus !  
Não penseis em mim ; abasta  
nos filhos meus.

Vivais vós com uma Infanta,  
meu senhor ;  
a mim ser-me-ha companheira  
minha dor.

Meu cavalleiro, ai adeus !  
sè dito o.

Dizer-te o que vai n'est'alma  
não, não ousou.

Cá me vou por esse mundo  
de longada.

Vós ficae, meu bello Infante,  
minh'alma amada.

Cada noite, em qualquer parte  
que estiveres,  
ora por mim, que amei mais  
que mil mulheres.

Mas não me procures não ;  
que vou matada.

Sou a triste Ignez de Castro  
tão coitada !

Para ti vò a minh'alma  
n'este adeus !

Pensa, ai ! n'esses innocentes  
filhos meus.

Pobresinhos dos meus filhos !  
tão sem madre !

sereis vós sua madre agora,  
vós seu padre.

E dizei-lhes que sua madre  
é maridada  
com a loisa da jazida,  
sem tornada.

— Vossa madre é maridada  
co'a jazida,  
e á sombra de algum mosteiro  
é dormida. —

E dizei-lhes que sua madre  
não faz tornada,  
que se é ida a longes terras,  
de longada.

— Vossa madre já não torna ;  
é fugida ;  
vossa madre é maridada  
co'a jazida. —

(Quando Ignez acaba de escrever, fica por alguns momentos absorta sobre o papel, com a cabeça encostada á mão, e o cotovello ao contador. Depois dobra o papel e esconde-o no seio. Envolve-se na capa, e olha para El-Rei com muita tristeza.)

IGNEZ.

Pela ultima vez, adeus, meu padre !  
Perdoae-me ; sois bom. Fui criminosa.

Vou-me orar noite e dia pelo reino,  
que um malfadado amor ia perdendo.

(Vai para sair. Quando abre a porta do fundo, vê-se o anão Belial muito sosegado, com as pernas encruzadas, sentadinho por fora da porta. Ao avistar Iгнеz, levanta-se.)

### SCENA VI.

EL-REI D. AIFONSO adormecido, IGNEZ DE CASTRO  
e o ANÃO BELIAL.

IGNEZ.

Tu !! que fazes aqui?

BELIAL, á pressa e com custo.

Senhora, ouvide ;  
vinha dar-vos aviso; ouvide, ouvide-me.  
Tramam per hi no escuro a perda vossa,  
vossa morte quiçais. Fugir, senhora !  
fugir !

IGNEZ.

A morte minha?

BELIAL.

Assim bradava  
Diogo Lopes aos mais. Eu surpreendi-os  
cajuso alem ; puz-me a escuitar ; ess'ora

fiz-me serpe ; correndo emburilei-me  
na sombra, e vim...

Senhora, perdoae-me !  
que hei-de eu fazer?...

Bem sei que um chocarreiro,  
um bobo vil... ousar... Porem, senhora,  
(deixae que o diga este infeliz) doeu-me  
doeu-me a vossa dor; e a crua sanha  
d'aquelles cavalleiros traspassou-me !  
Não sei o que senti ! que eu tambem tenho  
coração ; tambem amo, e tambem choro ;  
sim, tambem choro ; as minhas gargalhadas  
são quanta vez feitas de pranto !

Embora !

lobrigo (não sei como) uma aventesma.  
a pairar sobre vós. Vós fostes sempre  
para mim como um Anjo ; essas mãos brancas  
tanta vez me furtaram a supplicios,  
que ver-vos em perigo foi tormento  
com que não pude.

Andae, fugir, senhora ;  
querem-vos muito mal.

IGNEZ, atterrada.

Fugir?! para onde?  
ai! mesquinha de mim! Pedro!!

BELIAL.

Senhora,  
adeus, e é para sempre. E lá por longe,  
sicais um'hora o anão vos alembrasse,  
dae-lhe de esmola um pensamento amigo.  
Pobre animal rachitico e disforme,  
eu só vos quiz salvar. De nada sirvo;  
sou um truão; nada sou. Mas o meu sangue,  
todo o meu sangue, se o quereis, dissei-m'o,  
e tel-a-heis, esta vida desprezada  
mas leal.

Adeus pois. O triste bobo  
não se sabe expressar. Mas venha embora  
o azorrague amanhã, ponham-me ao potro,  
á polé... feliz eu se os meus arrancos  
vos poderam salvar!

IGNEZ, no auge da compaixão.

Coitado! sempre  
me hei-de alembrar de ti, meu doce amigo,  
meu pobre Belial, que achaste lagrimas

para dar aos meus negros infortunios !

(Pequena pausa. Ignez enchuga o pranto.)

Um ultimo favor. Leva esta carta  
ao Infante Dom Pedro.

BELIAL, recebendo a carta, e suffocado.

E adeus ! co'os anjos  
volveremos a ver-nos.

IGNEZ.

Adeus, triste,  
menos triste, porem, que esta invejada  
Ignez de Castro !

(Sai o anão, levando a carta. Ignez o fica seguindo com a vista pelo corredor fora em quanto pode. Depois volta á scena. N'este momento abre-se uma porta da esquerda, e apparece o Infante. Ignez exclama :)

Ceos ! o meu Infante !

## SCENA VII.

EL-REI D. AFFONSO adormecido, IGNEZ DE CASTRO  
e o INFANTE D. PEDRO.

(Ao sentir entrar o Infante, Igenez estremece, e aponta para El-Rei (que continúa a dormir), como impondo com o gesto silencio ao Infante. O Infante, sem perceber, estaca olhando para a scena que tem ante os olhos; vai para fallar, Igenez põe o dedo sobre os labios, e vai devagarinho para saír pela direita. Chegando á porta vira-se para traz, diz com a mão e os olhos um tristissimo adeus ao Infante, e sai.)

## SCENA VIII.

EL-REI D. AFFONSO adormecido, o INFANTE D. PEDRO.

(Depois de longa pausa, em que elle fica immovel, extatico, agora olhando para El-Rei, agora para a porta por onde saíu Igenez, diz)

O INFANTE.

Que é isto? vélo ou sonho? Que mysterio  
me cerca?

(Chama em voz muito alta, encaminhando-se rapido para a porta por onde ella desapareceu.)

Igenez de Castro!

(El-Rei acorda.)



SCENA IX.

EL-REI D. AFFONSO, e O INFANTE D. PEDRO.

EL-REI, acordando em sobresalto, e pondo-se em pé.

Quem a chama?

(Repara no Infante.)

Pedro !!

(Ficam ambos petrificados em presença um do outro.)

D. PEDRO.

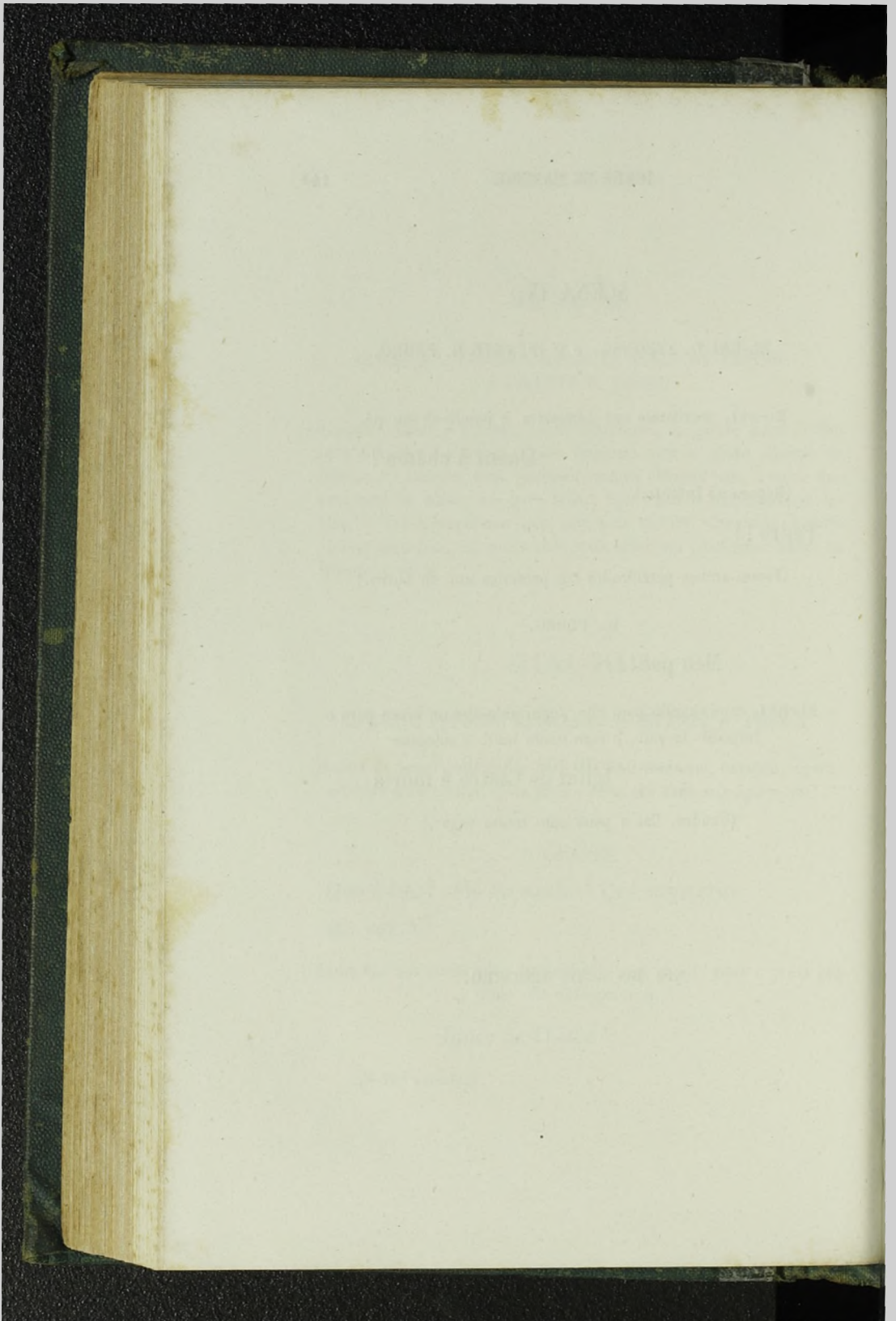
Meu pae !!

EL-REI, caminhando para elle, segurando-lhe no braço para o impedir de saír, e com modo lento e solenne

Ignez de Castro é morta.

(Quadro. Cai o pano com muito vagar.)

FIM DO ACTO TERCEIRO.



## ACTO IV

DIOGO LOPES PACHECO

---

Queria perdoar-lhe o Rei benino,  
movido das palavras que o magoam;  
mas o pertinaz povo, e seu destino  
que d'esta sorte o quiz, lhe não perdoam.

CAMÕES.

ACT IV

SCENE I

Enter King, Queen, and Attendants

## ACTO IV

O mesmo scenario do Acto III, com a differença de que no centro da sala está uma longa meza, com uma das cabeceiras para a platêa, e a outra para o fundo. Esta meza é recoberta de um pano de veludo. Na cabeceira do fundo, e portanto virada para o espectador, a grande cadeira d'El-Rei. Em roda da meza os tamborettes dos fidalgos do seu Conselho, ficando primeira junto d'El-Rei uma cadeira destinada ao Infante D. Pedro. Sobre a meza luzes; candelabros accesos em volta da sala.

---

### SCENA I.

O INFANTE D. PEDRO, trazendo pela mão com grande pressa a D. IGNEZ DE CASTRO, que lhe oppõe resistencia, mas é levada, mau grado seu.

IGNFZ.

Comtigo? e onde me levas?

D. PEDRO.

Vem comigo.

Quero que El-Rei te veja. Por meus olhos

quero ver ; quero ouvir por meus ouvidos.

(Repara em que está deserta a sala.)

Ah ! julguei que em Conselho o encontrasse.  
Aguardarei.

IGNEZ.

Meu Pedro !

D. PEDRO.

Filha, é tempo  
de eu quebrar este duro captiveiro.  
Sou Infante.

IGNEZ.

E que queres ?

D. PEDRO.

Tu não sabes  
o que é partir-se o coração ? nem sonhas  
tudo que eu padeci, quando estas lettras  
me trouxe Belial. Que voz é esta  
que me fallas aqui ? que amor é este  
que voou, como cinza exposta ao vento !  
que lagrimas são estas, que assim choras ?

(Amarrota convulso a carta de Iñez.)

IGNEZ.

Mais um momento, e já me não achavas.

Mais um momento, e todo se esvaíra  
o teu sonho, meu Pedro.

D. PEDRO.

E tu juravas-me  
amor eterno ! amor ! ?

IGNEZ.

Mais um momento,  
e eu tinha-te fugido.

D. PEDRO, horrorisado.

Tu ? !

IGNEZ.

Fugido  
para mais não tornar.

(Pausa ; olhando para o ceo.)

E agora... vi-o,  
Senhor meu Deus ! quebraram-se-me as forças.  
Como lhe hei-de eu fugir ?

D. PEDRO.

Quando eu entrava  
na camara d'El-Rei... (deixa dizer-te  
como foi, tudo) quando entrei na camara,  
meu pae dormia tão sereno ! Vi-te,  
co'o dedo sobre os labios, muda, oppressa,  
impondo-me silencio ; e a passos lentos,

antes que em mim volvesse, te esvaíste  
como espectro aos meus olhos.

Dei um grito !

meu pae surgiu ; deteve-me ; eu convulso  
nem sabia onde estava ; elle abraçava-me,  
e fallou-me de ti. Clamei. Fugiu-me  
a razão. Fallei claro. O pobre velho  
ameaçou-me outra vez.

— « Amaldiçôo-te —  
bradou — « se vais traz ella. » — Fiquei hirto,  
longe de ti. Quedámos horas. Foi-se  
toda a tarde, e nós ambos n'um combate  
que nada apasiguava. Oh ! como custa  
a ser filho ! Sai desatinado ;  
corri ; busquei te. Não te encontro ; avista-me  
Pelial ; vem correndo, e esta tua carta  
me entrega.

IGNEZ.

Carta ? lagrimas.

D. PEDRO.

Dize ora :  
o que era isto ! o que te quiz meu padre ?



o que exigiu de ti? que me fugisses?  
e tu que lhe dizias?

IGNEZ.

Doce amigo,  
socega; a tua Ignez é quem t'ó implora.  
Vais saber como foi.

D. PEDRO.

Dize.

IGNEZ.

A Rainha

odeia-me.

(Gesto de espanto do Infante D. Pedro.)

Entre mim, que tanto a amava,  
e ella, que me quiz sempre (e mas, que muito!  
se ella foi minha mãe!) ... entre nós ambas  
anda agoiro; um phantasma nos separa;  
e eu não vejo o phantasma. Tu bem sabes  
quanto a tua madre á pobre Ignez valia.  
Pois despediu-me esta manhã.

Co'as lagrimas,

co'as orações e a vela d'esta noite,  
resignação dentro em minh' alma entrára,  
exhausta de soffrer. Pensei comigo :

— « Que faço eu n'este reino ? desventuras ;  
« odios ; guerras. Não posso ; não m'ó soffre  
« o coração. Meus filhos, vou deixar-vos ;  
« vou deixar-te, meu Pedro ; vou, que o exige  
« o bem de Portugal. » —

Assim chorava  
minh' alma toda a noite. El-Rei chamou-me  
ao seu quarto. Na fronte veneranda  
vi-lhe tristeza desusada. As barbas  
arrepelou, dizendo-me entre lastimas  
que nem sabia as malfadadas contas  
que daria ao seu Deus do seu reinado ;  
que temia refertas ; que os Conselhos  
o acoimavam de fraco ; e...

Soceguei-lhe  
aquella dor immensa, supplicando-lhe  
para ser monja. Eu era a causa ;urgia  
furtar-me ao mundo, e viva sepultar-me  
n'algum mosteiro triste, onde eu podesse  
orar a Deus por este reino !

Pedro !

Pedro ! teu pobre pae não teve culpa ;  
quem lh'ó pediu fui eu, meu triste Pedro .

peço-t'ó agora a ti; mas...

D. PEDRO.

Basta.

IGNEZ.

Pedro !...

D. PEDRO.

Basta.

E El-Rei que accitava o sacrificio !!  
Que generoso Rei !

IGNEZ.

Pedro !

D. PEDRO.

Não. Nunca.

Nem mais uma palavra.

(Pausa.)

Eu não sabia  
que esquecêreis emfim quem é Dom Pedro,  
o Infante, o herdeiro d'este reino.

(Suprema ironia pungentissima.)

A alma  
assim se lhe arrebatava ! assim lhe arrancam  
fibra a fibra do peito o amor immenso  
que ha seis annos lh'ó enchia !

O pranto, as juras,  
 nada são; não é assim? são nada os gritos  
 que elle soltasse! as maldições, os uivos,  
 os rugidos do pobre esquartejado!  
 Tudo isso nada é!!! Deixal-o! o Infante  
 que importa? o povo breme, oiça-se o povo;  
 tema-se o povo; não é assim? o Principe  
 é villão que se amarra ao poste infame;  
 deixal-o escabujar!! Apesinhemol-o  
 para conter o povo; o triste peito  
 lhe retalhemos todo; amortalhemol-o;  
 o povo assim o quer!!!

(Transição para immensa amargura.)

D'El-Rei, dos subditos,  
 dos amigos, dos bons, dos maus, viesse  
 muito embora o punhal; fosse qual fosse  
 a mão cruel. A mão de Ignez, não; nunca.

(Ironia terrivel.)

Do coração vol-o agradeço, dona  
 que embahir-me soubestes; vamos...

IGNEZ, rompendo.

Pedro!

Já basta de supplicio. E quem deseja  
 o teu mal, vida minha, minha pomba,  
 meu filho!! a tua Ignez?

Ah! não profiras  
blasphemia tal, que a um tempo a ella insultas,  
e insultas o teu Deus. Meu Pedro, os Principes  
devem-se ao bem do povo. Tu não podes,  
que és homem, com o tremendo sacrificio ;  
posso eu, que sou mulher. É força, peço-t'o  
de mãos postas, meu Pedro. Os meus filhinhos  
a ti os eucommendo. Monja, monja  
irei ser. Tu perdôa! Custa muito  
a arrancar um amor de tantos annos ;  
é querer arrancar um cedro. Entendo  
quanto te dilacera; mas é força  
que assim seja ; ha-de ser.

D. PEDRO, com energia.

Não ha-de nunca.

(Transição; ironia.)

Mas... que digo eu ! seja pardeos! embora.  
Sim ; seja. Ides ser monja. O amor eterno  
que me juraveis sempre, era um pellote ;  
despistel-o, e envergais o escapulario.  
Nada mais simples, nobre dona. Asinha  
calcastes um amor de tantos annos ;  
parabens !

(Pausa. Tom muito dolorido.)

Como asinha deslembrado

vai tudo que juravamos ! Levou-as  
o vento, essas palavras fementidas !

Os longos sacrificios, os arroubos  
de bemaventurança, as longas noites  
veladas a pensar em vós, os dias,  
que eram momentos junto a vós, os risos,  
os passeios na varzea, Alcabideque  
co' as suas sombras profundas, a barquinha  
de cortiça, em que outr'ora as vossas letras  
mandaveis aos meus beijos, os suspiros  
que eu tanta vez te adivinhava, as lagrimas,  
os nossos pobres filhos pequeninos,  
todo este paraizo, que em segredo  
vivemos ha seis annos, este doido  
cahos de nadas, que valia mundos...  
tudo era um sopro ! um nada ! um fingimento !  
Obrigado.

IGNEZ.

Meu Pedro, que me matas !

D. PEDRO.

Obrigado. E adeus pois.

IGNEZ.

Pedro !

D. PEDRO, com altanaria.

Que é Pedro?

vosso Infante sou eu.

IGNEZ.

Ai! desgraçada!

D. PEDRO.

Feliz quem tem um coração como esse!  
É de pedra d'Ançã: frio, e desfaz-se.  
Adeus pois. Sede monja. Amanhã, juro  
que ha-de este reino arder em fogo. Juro,  
senhora minha.

IGNEZ, com um grito dilacerante.

Pedro! e tu porfias!!

Pedro!!

D. PEDRO, com explosão.

Ah! meu nobre pae! cuidais que Pedro  
deixa como um sabujo apesinharem-n-o?!  
Vel-o hemos, meu senhor. A um meu acceno  
hei-de erguer (como outr'ora vós) castellos,  
cavallos, e peões, e pôr-me em campo.  
Hei-de vingar-me; socegae; vingar-me!...

IGNEZ.

Pedro! e não vês a tua Ignez! Meu Pedro!

piedade ! piedade ! Farei tudo  
 quanto ordenares ; dize : que faremos ?  
 mas não me cortes mais. Oh ! Deus clemente !  
 Sou perjura ao meu Rei !! Monja ? não ; monja  
 não serei. Viverei contigo, algures,  
 n'algum ninho perdido entre folhedo,  
 onde quizeres, Pedro ! filho ! vida !  
 nem já sei que mais nomes hei-de dar-te.  
 Aqui me tens.

D. PEDRO, commovido, agarrando-a no auge do amor.

Ignez !

IGNEZ.

Aqui me tendes,  
 meu senhor.

D. PEDRO.

Doce Ignez !

IGNEZ.

Vamos !

D. PEDRO.

Sim ; vamos.

IGNEZ, detendo-o de repente.

Ah ! mas quero dizer-t'ó.



D. PEDRO.

O quê?

IGNEZ.

Meus filhos,  
os nossos filhos, Pedro, ainda agora  
me chegaram do nosso esconderijo.

D. PEDRO.

De Alcabideque?

IGNEZ.

Sim. Veio Tareja,  
a caseira da quinta, espavorida  
trazer-m'os em segredo, desfarçados  
em pobres villõesitos. E (não sabes?)  
que linda vinha Beatriz! e um gorro  
que trazia Diniz, que bem lhe estava!  
e o João que alegrias! Mas Tareja  
trouxe-m'os pois, e disse que hoje mesmo  
andou por lá rondando uma figura  
muito estranha : um anão. Cantava ; ria ;  
entrou na quinta ; pediu vinho ; deu-se-lhe ;  
bebeu ; deu de beber a Pedreannes,  
o filho de Tareja ; e embriagado  
que o teve, logrou artes de sacar-lhe  
da bocca o nosso nome, e o teu segredo.

Para melhor captar, fez-se sabido  
em tudo ; perguntou pelos meninos ;  
viu-os ; certificou-se de quem eram,  
e sumiu-se : — « Era um bruxo » — diz Tareja ;  
e eu suspeito... Zebrão.

(Gesto de terror no Infante. Iгнеz continúa.)

Quando chegava  
á portada da cerca, ouviu Tareja  
o anão, que entre o freixedo se sumia,  
silvando descomposta gargalhada,  
que a encheu de pavor. Tremeu por elles,  
pelos nossos filhinhos ; ella é boa,  
que o sei eu ; e correu, toda ella sustos,  
a entregar-m'os em mão. Alcabideque  
é longe ; convem mais uma choupana  
em Coimbra, junto a nós, onde possâmos  
velal-os sempre, sempre. Dize, Pedro,  
que achas d'isto ?

D. PEDRO, que desde que ouviu pronunciar o nome de Zebrão  
ficou attonito, meditativo, e aterrado.

Zebrão ! Alcabideque !  
como farejou elle esse retiro ?  
a ninguem disse eu nunca... Oh ! mas quem sabe ?  
não ; não podia ser ; é fellonia  
que eu não lhe creio.

IGNEZ.

A quem?

D. PEDRO.

Diogo Lopes...

IGNEZ.

Ceos!

D. PEDRO.

Só elle o sabia; hontem fugiu-me  
o segredo... não sei; a confidencia,  
a amizade leal d'esse vassallo...  
desabafei com elle; e agora lembra-me:  
disse-lhe Alcabideque, o esconderijo  
que ali tivera...

IGNEZ.

E os filhos?

D. PEDRO.

Não; dos filhos

não boquejei.

IGNEZ.

Perdida!

D. PEDRO.

O quê?

IGNEZ.

Não ; nada ,  
nada foi. Deus nos tenha em sua guarda,  
meu doce Pedro.

D. PEDRO.

Acaba.

IGNEZ.

Só te digo :  
Pacheco é um traidor.

D. PEDRO, cheio de ira.

Porquê?

IGNEZ.

Silencio.

Fallaremos depois.

D. PEDRO, serenando-a e serenando-se sobre posse.

Tu nada temas  
quanto aos filhos. Terão guarida certa.  
Porem Zebrão. . (não ; não é elle) ; é picaro :  
é maligno quiçá ; mas a tal ponto...  
não ousaria nunca. Emfim : tratemos  
do principal : de ti. Fugir do Paço.

IGNEZ, com susto.

Meu Pedro ! e El-Rei ?...

D. PEDRO.

Volves?

Em mim confia,

ó minha esposa ! Ignez ! Á tua camara  
recolhe-te já já. Manda-me presto  
o meu prudente Almada.

IGNEZ.

Mando.

D. PEDRO.

E ávante,

Rainha Dona Ignez.

IGNEZ.

Adeus, meu Pedro.

Farei tudo que dizes. Nem me atrevo  
a pensar. Sou a tímida creança ;  
tu és o meu senhor ! meu pae ! meu tudo !  
Adeus ! adeus !

(Sai.)

## SCENA II.

O INFANTE D. PEDRO, só, e muito pensativo.

Zebrão ! Diogo Lopes !!  
não pode ser ; não pode.

(Com furia.)

Ah ! que se o fôra ! !...

(Pausa.)

Não é.

## SCENA III.

O PRECEDENTE e DIOGO LOPES, que entra, magnificamente vestido para o Conselho, e ao ver o Infante desfarça mal o muito que fica aterrado.

D. PEDRO, continuando a pensar.

Diogo Lopes !!! Não ; não pode :  
não pode ser. Um servo antigo, um nobre  
dedicado e fiel...

(Avistam-se os dois. Ficam um momento parados, encarando-se. O Infante toma de repente um aspecto risonho, que vai, de phrase

para phrase, degenerando em ironia medonha. Não perde um movimento da physionomia de Pacheco. Este consegue dominar-se, e apresenta-se com um rosto impassivel, e prazenteiro.)

Pacheco amigo,  
não entrais ao Conselho? El-Rei demora-se.  
Vem cá; pois tu não sabes? Conseguiram  
frustrar-me os meus intentos mais queridos.  
Ordens são de meu padre.

Ignez de Castro  
foi um sonho, e fugiu. Desperto e prompto  
me vês alfim. Cerrei as minhas contas  
com o amor, e com Deus.

(Pausa. Transição.)

Não me acompanhas?

DIOGO.

Aonde, meu senhor?

D. PEDRO.

Á serra d'Aire;  
farejo boa caça.

DIOGO.

Meu Infante,  
o Conselho esta noite...

D. PEDRO, com uma gargalhada.

E que me importa

o Conselho ? pois val todo o Conselho  
um javali dos meus ?

DIOGO.

El-Rei...

D. PEDRO.

Meu padre

governe ; eu folgo.

DIOGO.

Os vossos annos verdes...

D. PEDRO.

Aosadas.

DIOGO.

Eu fico.

D. PEDRO.

E não me fallas

de Igenez de Castro ?

DIOGO, ironico.

Igenez! o vosso sonho!

D. PEDRO, terrivel.

Fugiu-nos.

DIOGO.

Quem, senhor ?



D. PEDRO.

Ignéz, repito.

DIOGO.

Rides?

D. PEDRO.

Comtigo não.

DIOGO.

Lá! não entendo.

D. PEDRO.

Aravia fallo eu?

DIOGO.

Mas fallais pouco.

D. PEDRO.

Eu fallarei, bofé! que tu me entendas.

DIOGO.

Se o poder.

D. PEDRO.

Tentaremos.

DIOGO.

E dizieis...

D. PEDRO.

Que Ignéz de Castro nos fugiu.

IGNEZ DE CASTRO.

DIOGO.

Quê!

D. PEDRO.

Monja

para o Vairão.

DIOGO.

Ignez!!

D. PEDRO.

Ignez de Castro.

DIOGO, atterrado.

Monja!

D. PEDRO.

Monja.

DIOGO.

E quem ousa?...

D. PEDRO.

El-Rei meu padre,

que o pode ousar.

DIOGO.

E vós...

D. PEDRO, com um sorriso.

E eu folgo.

DIOGO.

E armados

não tendes mil cavallos? não surgistes  
quando...

D. PEDRO.

Não tenho servos dedicados.

DIOGO.

Senhor...

D. PEDRO.

Tenho uns rufiães por cavalleiros,

DIOGO.

Não só.

D. PEDRO.

Tão só.

(Pausa.)

DIOGO.

E El-Rei não teve em conta  
quanto amor...

Um mosteiro ! Ignez de Castro !!

D. PEDRO.

Dobra a lingua, villão, e dize : a Infanta.

DIOGO.

A Infanta ! ?

D. PEDRO.

Ou a Rainha Iгнеz de Castro.

DIOGO, balbuciando.

El-Rei, senhor, por mal aconselhado...  
bem podeis crer : foi sempre o meu conselho...  
Um mosteiro ! o Vairão ! !...

D. PEDRO, traspassando-o com o olhar.

Que estás ladrando  
tu, miseravel cão ? que balbucias,  
escoria de fidalgos portuguezes ?

DIOGO.

Eu, meu senhor ?

D. PEDRO.

Tu, esqualido intrigante,  
odiento reptil, que atraioáras  
o teu Deus, se o tivesses.

Quantas graças  
lhe não devêras de ser eu Infante,  
e não Rei ! mas espero que algum dia  
hei-de ter n'estas mãos o duro aceiro

que ha-de ser o meu sceptro.

(Transição.)

Mas que digo !

para ti, o azorrague.

DIOGO.

Meu Infante,

esqueceis...

D. PEDRO.

Por teu mal, que nada esqueço.

DIOGO.

Anda entre nós embuste...

D. PEDRO.

Alfim confessas,

adulador, que tanto e tanto tempo  
me soubeste enganar !!

DIOGO.

A consciencia

diz-me...

D. PEDRO.

A consciencia, infame, se a tivesses,  
seria o teu algoz.

DIOGO.

Senhor !...

D. PEDRO.

Vai, tigre!

(Pausa pequena.)

Dize a teu amo que morreu seu filho  
n'esta hora, e que em balde o procurára.

DIOGO.

Onde ides?

D. PEDRO.

Nem acerto o meu caminho ;  
mas socega, villão, que a labareda  
que hei-de atear nos castellos de meu padre  
ha-de allumiar o meu caminho... e o reino.

(Vai para sair, mas volta para traz, e cospe esta phrase a  
Diogo Lopes :)

Cavalleiro Pacheco, és um covarde.

DIOGO, com um grito, e apertando involuntariamente o punhal.

Eu um covarde !!

D. PEDRO, no auge da furia.

Foge-me.

DIOGO.

Sim; fujo.

(Vai para sair. Ao chegar á porta pára, e diz em voz sumida, meio  
virado para o Infante que o não vê.

Satanaz ! Satanaz ! fui descoberto.  
Mas por quem?

Ruge, Infante desgraçado,  
tigre real ferido ! a hervada ponta,  
quanto mais sacudires mais te rasga.  
Implacavel te espero. Ignez é minha.

(Sai.)

#### SCENA IV.

O INFANTE D. PEDRO, só.

Agora eu. Careço armar a subitas  
um troço de cavallos. Pela Beira  
tenho amigos ; virão ao meu reclamo.  
Tenho amigos, pardeos !

(Pára, como se lhe lembrasse de repente alguma coisa.)

E Alvaro Peres  
meu cunhado? sim ; esse é cavalleiro,  
que não ha-de trahir-me, em prol pugnando  
de sua irmã. Mas onde é elle ? a ponto :  
estava em Monte-mór. Um proprio, e lettras.

(Chega á meza, e escreve o seguinte bilhete :)

*Alvaro Peres, bom amigo. É força*

*fallar comvosco, e a sós. Ao romper d'alva  
de amanhã, ver-nos-hemos no Bussaco.  
Lá vos espero. Não faltedes. — Pedro.*

(Fecha a carta muito bem. Toca uma campainha; apparece um pagem.)

Pagem, logo esta carta ao seu destino :  
a Monte-mór. João-Matheus que a leve.

(O pagem inclina-se; o Infante continúa em voz muito alta para  
elle.)

Pagem, sellem n'um prompto os meus cavallos.  
E moços, trombeteiros, e mouteiros,  
que se armem n'um relance. A toda a pressa  
vamos partir. Ha javalis.

(O pagem inclina-se, e sai; cruza-se com elle João Annes de Al-  
mada, que entra.)

## SCENA V.

O INFANTE D. PEDRO e JOÃO ANNES DE ALMADA.

D. PEDRO, correndo para elle.

Bemvindo,  
meu velho tão leal! Eu aguardava-te  
com a alma toda.

Escuta, meu Almada.



Agora nós. Sei quem tu és. O tempo urge. Fizeste guerra aos meus amores, mas guerra leal sempre, e por mandado de um Rei sem coração. Foste no emtanto a Ignez mais do que um pae. Sel-o-has de novo. É decisivo este momento. Trama-se, que o sabes, contra nós. Ordens e rogos d'El-Rei, e (quem n-o crêra!) da Rainha, arrancaram a Ignez o sacrificio de si propria .. a um mosteiro. Vai ser monja; disse-m'o entre soluços ella propria. Soube por ella... (adivinhei-lhe) coisas, que o molino de mim nem suspeitava. Ha contra nós um trama. Um vil Conselho domina El-Rei meu pae; e o vil Pacheco torce o Conselho a seu talante. Ainda me não conhece El-Rei. Vai conhecer-me por digno filho. Aquella mão tiranna quero arrancar Ignez; quero que a subitas Ignez saia d'aqui. Dou-lhe de escolta os meus bravos monteiros, aguerridos em dura fragoa; e a vós a entrego, amigo. Conto comvosco.

JOLÃO ANNES.

O pobre velho é vosso;  
contae com elle.

D. PEDRO.

E conto.

JOÃO ANNES.

Pequenina,  
meu bom senhor, a trouxe n'estes braços.  
Dizia-me seu pae nas horas ultimas :  
— « Sê-lhe pae, tu que irmão me foste sempre. » —  
Vou cumprir a promessa.

D. PEDRO.

Honrado velho,  
se algum dia... Mas vamos. Esta noite  
partís sem mais delonga. Á meia noite  
sereis no Alcabideque. Eu nem atino  
co'as coisas. Dir-vol-o-hei : Alcabideque  
é uma quinta de Ignez. Essa poisada  
foi o meu paraizo ; n'ella a furto  
nos viamos ; ahi meus pobres filhos  
nasceram.

JOÃO ANNES.

Vossos filhos !!!

D. PEDRO.

Sim ; meus filhós ;  
honrado pae, socega ; os filhos d'Ella,  
da tua Infanta Ignez de Castro.

JOÃO ANNES, no maior pasmo.

Infanta?!!!

D. PEDRO.

Infanta. É mulher minha. Desposei-a  
a occultas em Bragança.

JOÃO ANNES.

Oh! Deus louvado!

oh! como eu cria n'ella! oh! meu Infante!

(Abraça-o chorando.)

D. PEDRO, abraçando-o.

Obrigado, meu velho.

(Depois de pausa.)

Agora jura-me

que este segredo...

JOÃO ANNES.

Juro.

D. PEDRO.

Pela vida

de quem te fôr mais caro : pelo sangue  
do teu filho, que, vejas o que vires,  
seja qual fôr o caso... este segredo...

JOÃO ANNES, solemne e estendendo o braço.

Ha-de ir comigo á campa.

D. PEDRO.

Juras ?

JOÃO ANNES.

Juro.

D. PEDRO.

Dá-me essa honrada mão.

JOÃO ANNES, como meditando.

Vil ! vil Pacheco !

D. PEDRO.

É noite. Pretextei que ao romper d'alva  
hei-de estar muito longe, que me aguardam  
os couteiros. Ireis n'esse disfarce,  
protegidos co'a noite. Alcabideque  
abrir-vos-ha suas portas ; é um ninho  
sempre prompto ; é um tecto hospitaleiro.  
A caseira da quinta é uma velha,  
santa, se as ha no mundo. Os meus filhinhos  
criou-os ella como seus. Buscae-a.  
Abrir-vos-ha. Lá poisarcis. Em breve  
eu vos irei no encalço ; e ou partiremos  
para não mais voltar, ou n'este paço  
ha-de sentar-se a Infanta Ignez de Castro  
cerca do throno de meus paes.

Oh ! madre !

como eu te amava !!

Adeus, meu nobre Almada.

Lá te esperam cavallos e homens de armas  
na porta do pomar. Não sereis vistos  
mais que de Deus, que nos protege.

(Vai para saír ; detem-se)

Escuta ;

Ignez vai bem guardada. Alcabideque  
é guarida segura. Os camponezes  
vêm n'ella um anjo tutelar. Não temo.  
Silencio, coração ! silencio, ó lagrimas !

(Pausa ; passeando agitado.)

Tenho amigos ; virão. Alvaro Peres  
ha-de vir. Sim. Careço de vingar-me.

Não posso perder tempo. Os meus valentes  
precisam ver-me. A ti, meu santo velho,  
entreguei-te o thesoiro d'esta vida ;  
e a minh'alma... ao meu Deus. Partir.

(Vai para saír. Detem-se outra vez.)

Esquece-me .

Olha, amigo, os meus filhos (pobres filhos !  
que infancia !) tambem vão.

Tinha-os trazido  
a occultas, hontem, uma serva antiga ;  
vão tambem. Guarda-os bem, meu velho. Tento  
em que a mais pequenina não apanhe  
a cacimba da noite. As hacanêas  
são manças a mais não. E Iгнеz que ponha  
um capuz bem forrado, e se aconchegue  
contra o bravo Janeiro. Olha, o caminho  
é pelos carvalhaes.

E adeus. Julgava  
que inda esquecia... Não.

Levas-me tudo :  
levas mais que a mim proprio. Adeus, e breve  
hemos de ver-nos.

JOÃO ANNES.

Meu senhor ! Deus grande !  
Adeus, meu nobre Infante.

Malfadada  
a hora em que nasci, se o braço honrado  
do velho não fôr guarda á nossa Infanta.

(Abraçam-se. João Annes beija a mão do Infante, que sai logo  
rapido pela esquerda.)

## SCENA VI.

JOÃO ANNES DE ALMADA, só.

Como te dilaceram ! que supplicios  
te dão, senhor !! Porem, n'um Deus confio ;  
n'um Deus que ha lá no ceo, que te está vendo,  
que sabe o que padeces.

(Batendo na testa.)

Occorreu-me

uma ideia talvez. El-Rei, bondoso,  
magnanimo como é... quem sabe ? Ousemos.

(Com intimo prazer.)

Oh ! bemvinda esta ideia generosa !

Salvei-te.

(Vai arrebatadamente para sair ; volta porem á scena, por ouvir que  
dois cavalleiros, que pelo fundo vêm entrando, o chamam.)

## SCENA VII.

O PRECEDENTE, DIOGO LOPES PACHECO, e PERO COELHO.

PERO, chamando.

Sús, João Annes !

DIOGO.

Nobre Almada !

JOÃO ANNES.

Quem me chama? ah ! sois vós ?

PERO.

Somos nós, mano ;  
onde ides ?

JOÃO ANNES.

Eu ? nenhures.

DIOGO.

Vós nenhures ! ?

JOÃO ANNES.

E porquê ?

DIOGO.

Sabeis ?

PERO, mostrando-lhe um papel.

Cartas de Castella..

JOÃO ANNES.

Parabens.

[DIOGO.]

Tudo vai de vento á pôpa,  
Almada amigo.



JOÃO ANNES.

Os meus emboras.

DIOGO, com mysterio, inclinando-se ao ouvido de Almada do lado direito.

Filhos,

Almada mano.

JOÃO ANNES.

O quê?

DIOGO.

Filhos.

PERO, inclinando-se-lhe ao ouvido esquerdo.

Ha filhos.

JOÃO ANNES.

Maravilhais-me; não entendo.

DIOGO, com ironia.

E viva

a virtuosa Iгнеz!

JOÃO ANNES.

Sús, cavalleiro!

DIOGO, como acima.

Jurastes pela cruz da vossa espada,  
cavalleiro João Annes.

JOÃO ANNES.

Juro ainda,  
cavalleiro Pacheco.

DIOGO, atalhando-o, com escarneo.

Oh ! não juredes.

PERO, como acima.

Não ; não.

DIOGO.

Soube-o de fonte que não jura,  
mas que viu.

PERO.

E Castella em o sabendo ?

(Pausa.)

JOÃO ANNES, encarando n'elles, com severidade.

Hemos de ver-nos amanhã, senhores.  
Fallaremos então.

DIOGO.

Como vos praza.

JOÃO ANNES.

Guarde-vos Deus.

PERO, inclinando-se

Senhor!

DIOGO, cumprimentando.

As mãos vos beijo.

(Sai João Annes de Almada.)

SCENA VIII.

DIOGO LOPES e PERO COELHO.

DIOGO, cruzando os braços depois de uma pequena pausa de silencio.

Abém ?

PERO.

Abém ?

DIOGO, com modo significativo.

Coelho amigo, é força  
vencer esta batalha.

PERO.

Inda esta noite  
as letras de Dom João dão bons auspicios.  
Eis a carta.

(Entrega-lh'a.)

DIOGO, ao mesmo tempo que a passa pelos olhos.)

Sabeis que me arreceio  
de traidor entre nós ?

PERO.

Porquê?

DIOGO.

Só digo :  
tento comnosco, Pero mano.

PERO.

A noite  
vai ser tempestuosa no Conselho.  
Vejo El-Rei muito brando.

DIOGO.

É á Rainha  
que o devemos.

PERO.

Maldita !

DIOGO.

É que a bastarda  
soube embruxal-a.

PERO.

Os de Castella insistem  
em todo o promettido : de contado...  
o que sabeis ; mercês ; e um côito certo,  
se d'elle carecermos.

DIOGO.

Põe-me susto  
a attitude do Infante.

PERO.

El-Rei fraqueja.

DIOGO.

Quão mudado acho El-Rei !

PERO.

Que pusillanime !

DIOGO.

Rendido a uma mulher !

PERO.

A uma manceba !

DIOGO.

Morte.

PERO.

E consente El-Rei ?

DIOGO.

Hei-de arrancar-lhe  
o sim.

PERO.

Fallemos claro no Conselho,  
Diogo mano.

DIOGO.

E jogo de encoberta  
com João Annes de Almada.

PERO.

E avante!

DIOGO.

Avante!

Se eu me não vingó!

PERO.

É sempre minha senha  
Castella e Satanaz.

DIOGO.

Às dez da noite  
(não tardará) rebentam os tumultos.

PERO.

Em Coimbra?

DIOGO.

Em Coimbra.

PERO.

Fio d'elles  
que amedrontem a El-Rei. Como o fizestes?

DIOGO.

Populares comprados; malfeitores  
que assalariei. Vel-o-hemos.

PERO.

Mas... vem gente.

Chega El-Rei.

DIOGO.

Valor pois, Coelho mano;

Castella e Satanaz.

### SCENA IX.

OS PRECEDENTES e EL-REI D. AFFONSO, que entra dos seus aposentos em rico trajo, com uma opa roçagente, e seguido do ESCRIVÃO DA PURIDADE, do BISPO DE COIMBRA, do ARCEBISPO DE BRAGA, e do D. PRIOR DE SANTA CRUZ, em quanto pelo fundo entram o REITOR DAS ESCOLAS, o ALCAIDE MÓR DE COIMBRA, e varios outros fidalgos do Conselho, em vestes cortesãs. Todos se inclinam á passagem do senhor D. Affonso. Formam-se em varios grupos. (Uns vão beijar a mão a El-Rei, como se fosse a primeira vez que n'este dia o encontrassem; outros conversam em voz baixa, até se entrar ao Conselho. El-Rei vem com um parecer carregado e triste; entra apressadamente e preocupado.)

EL-REI.

Vivais, vós outros!

Boa noite.

(Percorre os grupos. Falla a Pero Coelho.)

Eh! meu Pero, companheiro  
da jornada da noite!

(Bate-lhe no hombro.)

(A um cavalleiro.)

Dom Ourigo

como vamos ?

(O cavalleiro inclina-se profundamente.)

Adeus, Gutterre amigo.

(Outro dos cavalleiros se inclina.)

Alcaide mór, eu te saúdo.

(Inclina-se o Alcaide mór.)

Salve,

meu Soeiro. Vieste de Lisboa ?

UM CAVALLEIRO.

Sim, meu senhor.

EL-REI.

E vós, Reitor, como ides  
co'os vossos estorninhos ? Ha já muitos  
escolares ?

O REITOR.

Bem mais do que em Lisboa.  
E depois, o socego de Coimbra !

EL-REI.

A mudança foi boa.

(Para Diogo Lopes.)

Meu Pacheco,

bom amigo !

(Diogo Lopes inclina-se.)



Não vejo o meu Almada ;  
que sabes d'elle?

DIOGO.

Senhor, nada.

EL-REI.

Entremos

ao trabalho, Escrivão da puridade.  
Senhores meus, sentae-vos. Ao trabalho !

(Pausa.)

O Infante não assiste. Uma caçada  
o apartou para longe. Aproveitemos  
o ensejo, e no Conselho resolvamos  
hoje, de vez, assumpto que me empenha  
mais que outro algum ; negro, escabroso assumpto.

DIOGO.

Qual, meu senhor?

EL-REI.

A salvação do reino.

(Suspira profundamente. Todos se sentam, conforme as suas precedencias, em volta da meza, depois d'El-Rei se sentar na grande cadeira presidencial. Longa pausa. El-Rei encostou a fronte á mão, e o cotovello á meza. Alguns do Conselho conversam em voz baixa. O Escrivão da puridade foi o ultimo a sentar-se, depois de receber das mãos de um pagem, que sai logo, uma grande pasta vermella cheia de papeis e pergaminhos. Depois de os tirar da pasta, percorrendo-os, escolhendo, etc., levanta-se, e inclinando-se profundamente para El-Rei, comprimenta o Conselho, e diz :)

O ESCRIVÃO DA PURIDADE.

Meu senhor, temos cartas de Castella.

(Vai para começar a ler.)

EL-REI.

Logo.

O ESCRIVÃO DA PURIDADE, tomando outros papéis.

Os povos de Minho representam  
a El-Rei sobre os foraes...

EL-REI.

Veremos logo,

O ESCRIVÃO DA PURIDADE, como acima.

El-Rei João de França...

EL-REI.

Logo.

O ESCRIVÃO DA PURIDADE.

Os moiros  
de Grada...

EL-REI.

Logo, logo.

O ESCRIVÃO DA PURIDADE.

Das comarcas  
de Tralosmontes é chegado aviso

de que o povo insofrido se levanta  
com brados e ameaças, pelo excesso  
a que é chegado o amor do nosso Infante.

EL-REI.

Sim ; que mais ?

O ESCRIVÃO DA PURIDADE.

Outro aviso vem da Beira,  
de identico teor.

EL-REI.

Mais ?

O ESCRIVÃO DA PURIDADE.

Outro aviso  
vem d'Antre Douro e Minho. Eis mais a carta  
do Alcaide Mór de Gaya, em que protesta,  
pelos seus e por si, contra as desgraças  
que nos podem advir de Igenez de Castro.  
Outro aviso em que...

EL-REI, impaciente.

Vonda.

Vós, senhores,  
ouvis pois o que vai. De outros negocios  
não quero hoje occupar o meu Conselho.  
Fallemos só dos meios que me incumbem  
de eu socegar o reino. Harto hei vivido

n'esta amarga incerteza. Quero, e prompto,  
ouvir-vos um por um. Mas de primeiro,  
ouvir-me-heis.

Dona Ignez, que não tem culpa  
d'este importuno amor que ameaça o reino,  
vai ser monja. Eu, eu proprio, no ordenar-lh'o  
cumpri com ella, e mais comigo. Os povos  
depois o saberão. Vou mandar proprios  
socegar a provincia. No entrementes  
praz-me ouvir o Conselho.

(Pausa de silencio.)

O ESCRIVÃO DA PURIDADE, baixo a El-Rei.

Falla agora  
o Arcebispo de Braga.

EL-REI, para o Arcebispo.

Vós, Gonçalo.

(Pausa.)

O ARCEBISPO DE BRAGA, levantando-se, comprimentando El-Rei,  
e fallando com muito vagar.)

Senhor Rei ; quanto é triste e angustioso  
o que passámos ora, a vós o ouvimos ;  
mais o ouvimos aos povos das comarcas  
pelo vosso Escrivão da puridade.  
Mas perol, quem nos diz, que intrometter-se

o Conselho, senhor, n'isto que a um padre  
só pertence, não é levar discordias  
onde a paz, só a paz, reinar devêra ! ?  
A nossa intromissão...

(Diogo Lopes faz gestos de grande insoffrimento ; o Arcebispo  
continúa.)

Eu peço venia  
para dizer : o amor do nosso Infante  
não me parece tal, que (se não forem  
sugestões sullapadas de Castella)  
amedronte este reino. O nosso povo  
em Dona Iгнеz devêra achar um sangue  
proximo ao sangue vosso ; um nome antigo  
ha seculos firmado ; e uma virtude,  
que de um throno real a torna digna.

(El-Rei annue com a cabeça.)

É meu aviso pois : deixar o caso  
entregue a si ; distingo : se o Infante  
quizer sanctificar co'a Madre Igreja  
uma união de escandalo. E se um dia  
o Infante meu senhor houvesse filhos  
da susodita dona, é meu juizo  
que elles em nada empecem os direitos  
do senhor Dom Fernando. *Primo* : entendo  
que se admoeste o Infante com brandura ;  
*secundo* : se promova a queste enlace,

que pode ser a salvação dos povos.

Tenho dito.

(Senta-se. Pausa.)

O BISPO DE COIMBRA, levantando-se, e cumprimentando El-Rei e o Conselho.

Senhor, não me accontenta  
 (com venia o digo) o parecer que ouvimos...  
 a vós, Padre Arcebispo. Os santos canones  
 se lhe oppõem. Parentesco, e a affinidade  
 de ser Ignez comadre ao nosso Infante,  
 tudo barreiras são, que o Santo Padre,  
 e só elle, vencêra. Em taes angustias,  
 meu senhor, um mosteiro, que em suas claustros  
 encerrasse esta dona, nos seria  
 arca santa de incognitas venturas.  
 Ahi na penitencia a nova monja  
 se lavára do escandalo, impedindo  
 espuria successão, que ao vosso reino  
 aspirasse algum'hora. É pois meu voto  
 que se o ordenastes, ordenado fique.  
 Dixi.

(Senta-se. Pausa.)

O ALCAIDE MÓR DE COIMBRA, levantando-se.

Senhor ; discordo inteiramente.  
 Protesto. É tempo de acabar o opprobrio

que a todos nos avexa. O casamento  
fôra um mal ; um mal grande, e sem remedio.  
Vinham filhos (Infantes dentro em pouco) ;  
quem nos segura que o futuro herdeiro,  
o senhor Dom Fernando, não seria  
esbulhado por mãos... que do seu throno  
fizessem alvo a settas assassinas?!  
D'ahi, que multidão de opprobrios novos  
não provinham ao reino ! o casamento  
nunca jamais.

Agora monja. Monja

Dona Ignez !! é não ver que a mão do Infante  
bem presto descerrára essas clausuras.  
Que importam quatro telhas, quatro muros,  
quatro portões, se a lá d'essas barreiras  
ella estivesse !!

Voto pois o exilio.

Desterre-se a mulher que assim porfia,  
contra todas as leis, em pôr um reino  
a pique de perder-se. Preza, e em ferros ;  
e a El-Rei de Castella commettamos  
a guarda d'essa imiga d'este reino.

(Senta-se. Pausa.)

O D. PRIOR DE SANTA CRUZ, levantando-se.

Meu senhor, eu votára que entre ferros,

e longe d'esta terra, a abjecta causa  
de tanto mal jouvesse. E no entretanto,  
não quero escurecer, que n'um momento  
pode a insoffrida mão do nosso Infante  
arrancar-a ao seu justo captiveiro.

Peço que ao Santo Padre supliquemos  
intervenha em tal caso, e que por Bulla  
ordene ao nosso Infante obediencia  
a seu padre, e a si proprio ; e ponha cobro  
a esse amor opprobrioso. Disse.

(Senta-se. Pausa.)

PERO COELHO, levantando-se.

Maravilha-me, aosadas, ver taes homens  
como é o nobre Arcebispo, o senhor Bispo,  
o Alcaide, e o Dom Prior, desconhecere  
quanto El-Rei de Castella, o povo, os grandes,  
reprovam as insolitas branduras,  
que taes barões, senhor, vos aconselham.

O BISPO DE COIMBRA.

E somos nós pupillos de Castella?

PERO COELHO.

Não, Padre Bispo ; não o fomos nunca.  
E no emtanto, entre povos embalados  
no mesmo berço, irmãos das mesmas armas,  
filhos do mesmo sangue generoso,



rivaes na mesma gloriosa liça,  
é dever de barões e cavalleiros  
sempre leal concordia.

(Gestos de assentimento na maioria.)

Esta liança

do nosso Infante é um mal; um mal tammanho,  
que nem quero antevel-o.

Ignez de Castro

ou era esposa, ou não. Se o fosse, o reino  
era seu logo: a nossa immuniidade  
os seus pés calcariam; o seu nome  
movera uma facção de poderosos:  
os Castros; e a coroa ao primogenito  
fôra arrancada. E se não fosse esposa,  
peor. Vós bem sabeis quanto a manceba  
Leonor Nunes de Gusmão cavava  
a ruina em Castella, atropellando  
direitos da Rainha, Infanta nossa,  
vossa filha, senhor. Qualquer dos casos  
é medonho. E é peor que tudo o exemplo  
que assim se dá de rebeldia ás ordens  
de um Rei, de um pae; tal pae, tal Rei como este:  
Por bem do vosso filho o entendo: movam-se  
supplicas...

EL-REI.

Veze mil lh'o hei supplicado.

PERO.

Ordens...

EL-REI.

Já lh'o ordenei...

PERO.

Logo, ameaças.

EL-REI.

Fiz-lh'as.

PERO, com vehemencia.

Então, senhor...

UMAS POUCAS DE VOZES.

Então...

(Pausa.)

PERO, continuando.

No seio

do Conselho d'El-Rei, perante os nobres,  
que me escutam, o Rei, que me reprova,  
Deus, que me vê... lavo entre os innocentes  
as mãos, senhor, da queda d'estes reinos.

(Senta-se. Longa pausa.)

DIOGO LOPES, levantando-se, e comprimentando El-Rei e os  
Conselheiros.)

Depois do que ao leal Pero Coelho  
ouvistes, meu senhor, pouco me resta.

Sei que vos desprazemos ; e que o voto  
dos vossos servidores vai de encontro  
ao vosso coração. Quero louvar-vos,  
e não posso. A brandura é quantas vezes  
fraqueza ! e o fraquejar de um Soberano  
é a morte do povo. Deus bem sabe  
se eu entro n'isto a grado meu ; ordena-m'ò  
a consciencia, e eu cumpro cego e surdo.  
Não oiço os corações, não vejo as lagrimas.  
Cumpro um dever ; tão só. Levo a lanterna,  
que em meio d'estes horridos algares  
guie os passos d'El-Rei. Mostro-lhe o abismo,  
e aponto-lhe a vereda ; El-Rei que escolha.

(Com energia :)

Sim, por Dom Belzebut ! custe ou não custe,  
é-nos mister vencer esta bastarda.  
Cumpre que menos brando, mais ardente,  
o Conselho, senhores, me auxilie  
a apontar o caminho ao Rei. Vós, grandes  
de Portugal, sabeis que El-Rei projecta  
por bem do reino um novo enlace ao Principe,  
a que este amor de Ignez é peia, é estorvo.  
Carece El-Rei de nós, seus conselheiros,  
privados seus, de nós, que a vida, a honra,  
aos pés d'El-Rei com jubilo immoláramos.  
Sim ; carece de vós. E quem mais nobre,

mais bemquisto que vós, nobreza e clero?  
Sirvam tão altos nomes, tal prestígio,  
para salvar o reino. Eu vos conjuro :  
não nos desampareis ; a causa é nossa,  
como vossa é também. Casado o Infante,  
legitimado o seu amor, quem sabe  
se os direitos do filho os não calcaram  
os filhos da bastarda? e em tal tormenta  
que era o reino? a que abismo, a que de opprobrios,  
não iam de rondão as gloriosas  
tradições? E o alto solio dos Affonsos...

(Aponta para os retratos.)

repartido entre um Rei... e uma bastarda!

(Sensação no Conselho. Pausa.)

Senhor Rei, a tal ponto nos levaram  
as loucuras do Infante, e é tal o risco...  
tão perto estais da escarpa... que pressinto  
o esboroar da penha ; e lá por baixo  
o mar sem fim, sem fundo !...

Senhor ! (diga  
Vossa Mercê que eu sou cruel) só morte  
de Dona Ignez nos salvaria.

EL-REI.

Nunca.

VOZES.

Não ! nunca !

OUTRAS VOZES.

Morte ! morte !

EL-REI.

Isso é blasphemia.

VOZES.

Sangue não.

OUTRAS VOZES.

Sim, que é justo.

OUTRAS.

Morte ! morte !

(Alguns mais fogosos dos Conselheiros clamam em pé. El-Rei esconde o rosto entre as mãos. Diogo Lopes, de braços cruzados, permanece em pé, offegante e pallido, no meio do temporal.)

EL-REI, batendo na meza.

Quero attenção, senhores.

(Sentam-se todos, excepto Diogo Lopes. Longa pausa.)

DIOGO, continuando.

Nobre Affonso,  
meu senhor e meu Rei ; tal é o arbitrio.  
Cheios de fé, cheios de amor de patria  
o propomos. Tomae-o, e sereis maximo.

EL-REI.

Matar ! eu !

DIOGO.

Duro officio é hoje o vosso ;  
porem... morre um vassallo, vive um povo.

EL-REI.

A sangue frio !

DIOGO.

El-Rei João de França  
matava, ha pouco ainda, um nobre, um Conde.  
Condestavel do reino, por vendido  
a El-Rei de Inglaterra. Isto é ser grande!...

EL-REI.

Sangue não !

DIOGO.

E seu padre, El-Rei Philippe,  
matou dezoito nobres cavalleiros  
traidôres ao seu rei.

EL-REI.

Remedio triste.

DIOGO.

Triste, e urgente.

EL-REI.

Esses taes eram traidôres.

DIOGO.

E esta não?

EL-REI.

Eram homens.

DIOGO.

Com ser fraca,  
mais que nós pode Ignez.

EL-REI.

Matar sem culpa  
uma mulher !!

DIOGO.

Dom Pedro de Castella  
matava, não ha muito, a infame adultera  
Leonor de Gusmão; e a instancias, dizem.  
da vossa propria filha.

EL-REI, depois de longa pausa.

Um rei é grande  
quando perdoa.

DIOGO, terrivel.

E grande quando deixa  
perder-se um reino antigo.

EL-REI.

Oh! Ceos!

IGNEZ DE CASTRO.

DIOGO, com ironia firme.

Sim ; grande !

PERO COELHO.

Pois morte a Dona Igenez.

VOZES.

Sim ! morte ! morte !

(Levantam-se uns poucos, a medonha maioria, desembainhando os punhaes.)

EL-REI. )

Succumbo. Deus o quer.

(Pausa. Fallam baixo os Conselheiros entre si. El-Rei medita ; depois prorompe :)

E Pedro ! Pedro

que fará ?

DIOGO.

Que obedeça...

VARIAS VOZES.

As vossas ordens.

EL-REI.

E o seu amor ?

DIOGO.

Passa depressa.

EL-REI.

E a guerra



que elle pode mover-me?!

VOZES.

Oh! não!

DIOGO.

O peito

dos vossos nobres vos será baluarte;  
socegae, meu senhor.

(Pausa. El-Rei levanta-se. Todos o imitam.)

EL-REI.

Nada decido.

Quero pensar. Basta por hoje. Basta.  
Ide co'a paz de Deus, senhores, ide;  
e Deus vos allumie.

TODOS.

Amen.

PERO, baixo a Diogo.

Vencemos.

(El-Rei encaminha-se com todos os presentes para a porta do fundo.

Ao chegar a ella cruza-se com El-Rei João Annes de Almada, que o detem, e o obriga a voltar á scena.)

## SCENA X.

TODOS OS PRECEDENTES e JOÃO ANNES DE ALMADA, fora de si, e obrigando El-Rei a retroceder.

JOÃO ANNES.

Justiça meu senhor ! Meu Rei, justiça !

EL-REI.

Para quem ?

JOÃO ANNES.

Para a neta de Monarchas,  
que assassinais, senhor.

EL-REI.

Como o soubestes ?

JOÃO ANNES.

Não córo de o dizer. Tudo escondido  
ouvi, d'alem.

EL-REI.

Não quero vel-a.

JOÃO ANNES.

Embora !

(Dá um passo fora da porta, e volta trazendo pela mão Iñez de Castro, desgrenhada, lacrimosa, vestida de preto, e acompanhada dos seus tres filhinhos.)

## SCENA XI.

TODOS OS PRECEDENTES, D. IGNEZ DE CASTRO.

JOÃO ANNES, para El-Rei, como que atirando-lh'a.

Eil-a.

(Todos os cortesãos encaram Iгнеz com visivel odio, e se afastam d'ella com desprezo, deixando o primeiro plano do palco livre. El-Rei ao mcio, com a cabeça pendida sobre o peito, sem ver nem ouvir. Por traz d'elle, muito commovido, Annes de Almada com a sua veneravel barba branca. Pelo fundo os grupos dos fidalgos do Conselho. Iгнеz de Castro desce o palco a passos vacillantes, e vem com os tres pequeninos ajoelhar perante El-Rei D. Afonso.)

IGNEZ, ajoelhando.

Senhor!

EL-REI, sem poder encarar com ella.

Que queres?

IGNEZ, com voz muito tremula.

O que eu quero?

nada ; o que eu peço ? a vida dos meus filhos!

EL-REI, olhando-os de soslaio.

Meus pobres netos !

IGNEZ, continuando.

Que fiz eu ? que crime

foi o meu, meu senhor? matar sem causa  
 uma pobre mulher!! sois bom, meu padre;  
 não; não me heis-de matar. Mais alguns dias!  
 não para mim, que os não mereço; vêde:  
 é para os vossos netos que os imploro.  
 Que seriam sem madre os meus filhinhos,  
 sós no mundo! Meu padre, havei piedade  
 de mim! não me mateis!!...

Nem sei dizer-vos

o que sinto, senhor! custa-me a morte,  
 não por mim, mas por elles, coitadinhos,  
 que ficam ás escuras n'este mundo,  
 sem a sua triste mãe!...

(Soluça muito; depois diz para os pequeninos, agarrando-os  
 e apontando-lhes El-Rei.)

Vêde, filhinhos!

este é o vosso avô.

(Elles olham para El-Rei com medo, e maneiras de descostume.)

Pedí, pedí-lhe,  
 meus anjos bons, meus anjos innocentes,  
 por vossa triste mãe, que não tem culpa!..

(Pausa)

Meu senhor, estes filhos da minh'alma  
 não vos sabem fallar; mas estes olhos,

estes corpinhos tremulos... (não vêdes?)  
dizem mais do que eu digo.

(El-Rei afasta-se alguns passos. Iгнеz de joelhos arrasta-se atraz d'elle.)

Oh! meu bom padre!

quando outr'ora... (deixae-me recordal-o)  
furiava a guerra n'este reino, e a um lado  
vosso padre, a outro lado vós, pugnando  
deixaveis tudo a arder... senhor, dizei-me :  
não foi o vosso Infante pequenino,  
vosso filho, senhor, meu doce esposo,  
o emissario da paz?

(El-Rei estremece; Iгнеz continúa :)

O vosso padre

não conhecia o neto; e vós mandastes-lh'o  
de Coimbra a Lishoa; e elle só tinha  
tres annos; loiro e lindo! e as innocentes  
fallas (sem o saber intercedendo)  
dirigia ao avô, co'as mil gracinhas  
da sua tenra idade; e o Avô magnanimo  
logo o abraçou, chorando muitas lagrimas;  
e disse: — « Vive Deus! mil santas benções  
« do ceo me vêm com este meu netinho.  
« Meu filho, és perdoado. » — E foi-se logo  
com a Rainha santa offerrecel-o  
a Deus Nosso Senhor na Sé; e as pazes

as firmava o sorriso de um menino.

(Aponta para o retrato d'El-Rei D. Diniz.)

D'acólá (não o vedes?) vosso padre  
intercede por nós ; e a sua benção  
vos mandará do ceo !...

Ai! que me sinto  
morrer ! Deus! que amargura !

(Ignez continúa de joelhos, lavada em lagrimas. Todos os mais immoveis. Depois de um breve intervalo, vira-se El-Rei a subitas para os grupos dos fidalgos, e diz trovejando)

EL-REI.

Que respondem  
esses peitos de bronze a aquestas lagrimas ?  
Que dizeis, carniceiros ?

(Silencio geral. Longa pausa. Ignez permanece ajoelhada. El-Rei percorre a sala, ameaçador. Todos os grupos se afastam ao seu passar. De repente desce ao proscenio.)

Vinde, filhos ;  
ao vosso avô.

(Os tres meninos adiantam-se a medo. El-Rei abaixa-se pondo um joelho em terra, os atrai, os segura, e os abraça. Bello grupo de um velho com tres meninos a treparem-lhe ao pescoço.)

Beijae-me. Eu não sou fera.

Vamos.

(Põe-n-os no chão, e levanta-se.)

Ignez, levanta-te.

(Levanta-se Ignez.)

Aos meus braços  
tambem tu.

(Cai-lhe Iгнеz nos braços, porem meio desfallecida.)

Vive.

E o mais, a Deus pertence.

Perdôo-te. O meu Pedro ha-de esposar-te.

Es Infanta, e serás Rainha um dia.

IGNEZ, com um grito agudissimo.

Pedro !!!

(Com a grande commoção d'este perdão inesperado, cai sem sentidos.

Almada a levanta logo, e ajudado de El-Rei e do Arcebispo de Braga a collocam sobre uma cadeira.)

EL-REI.

É a commoção.

JOÃO ANNES.

Pobre cordeira!

o que tem padecido !!

EL-REI, com um respiro.

É perdoada.

(Começa-se a ouvir lá fora um e mais sinos tocar a rebate; ouvem-se gritos de alarma, e trombetas ao longe.)

JOÃO ANNES, escutando.

O que é isto?

EL-REI, escutando.

Revolta!

Onde está Pedro?

(Pero Coelho corre á janella do lado direito, e abre-a. El-Rei chega a ella. Todos os mais ficam por traz d'El-Rei, olhando para fora. Um clarão subitaneo illumina de vermelho os grupos. Silencio geral.)

DIOGO LOPES, escutando.

Oiço gritos de alarma.

PERO.

Fogo ! fogo !

é no castello !

DIOGO.

Não ouvis trombetas?

EL-REI.

Alcaide Mór, correi.

(O Alcaide sai á pressa.)

O ARCEBISPO DE BRAGA.

Corrâmos todos.

DIOGO.

Chama-nos o dever.

EL-REI, tirando da panoplia um escudo e um montante

Avante !

VOZES.

Ás armas !

DIOGO, para El-Rei.

É o povo, senhor.



PERO.

Os descontentes.

DIOGO, apontando para Ignez, baixo a El-Rei.)

E Ignez é viva.

EL-REI.

As armas ! presto ! ás armas !

## SCENA XII.

TODOS OS PRECEDENTES, A RAINHA D. BRITES.

A RAINHA, entrando apressada pelo lado esquerdo.

Senhores, o que é isto? os populares  
subiram a Almedina, e estão tomando  
o castello !

EL-REI.

O castello !!

(Para a Rainha ; baixo.)

Vós não vêdes?

A maldição do meu grão padre !

(Arrepella os cabellos. Com voz forte.)

Ás armas !

(Nisto a Rainha avista D. Ignez desmaiada; fica attonita, corre para  
ella com João Annes de Almada. Este parece contar-lhe tudo por

gestos; ella ajoelha junto de Iñez, e prodigalisa-lhe carinhos de mãe, amimando-a, aquecendo-lhe as mãos, dando-lhe saes a respirar, etc. Almada entrega-lhe os tres meninos. A Rainha beija-os, e na maior effusão de alegria, exclama : )

A RAINHA.

Os meus netos! os filhos do meu filho!!

### SCENA XIII.

TODOS OS PRECEDENTES, e ALVARO GONÇALVES, MEIRINHO MÔR DO REINO, que entra correndo com modo commovido e irado. N. B. N'esta scena não toma parte a Rainha, nem Annes de Almada, que até ao fim d'ella permanecem a um lado do palco junto de Iñez, conversando por gestos. — Continuam os sinos a correr.

ALVARO GONÇALVES.

Senhores, que fazeis?

EL-REI.

Que é, meu Gonçalves?

ALVARO GONÇALVES.

É o povo que ruge. Um grão tumulto cresce, segundo ouvi, lá para a banda do castello; não sei...

DIOGO.

Coimbra em armas,  
e o paço o ignora!!

PERO, para El-Rei.

Vejo a mão do Infante  
n'isto tudo, sabeis?

DIOGO, baixo a El-Rei.

E a causa é ella.

(Aponta para Iгнеz, que continúa desmaiada)

ALVARO GONÇALVES.

O povo corre ás armas. A nobreza  
protesta. Já Lisboa se aparelha  
para ajudar o povo. Nas provincias  
é geral a anarchia. De Castella  
vêm noticias medonhas. Já não tarda  
que todo o reino a arder em fogo clame  
mais alto do que nós contra a manceba.  
Só então ouvireis, senhor.

DIOGO.

Cumpride,  
senhor Rei ; e senão...

EL-REI.

Senão ! que dizes?  
senão...

DIOGO.

Busquemos Rei que saiba e cumpra.

PERO, para El-Rei, que está confuso e attonito.  
 Senhor, lembrae-vos!

UM CAVALLEIRO, baixo a El-Rei.

Ella morta, e o reino  
 em paz, senhor.

DIOGO.

É o meio.

PERO.

Estes tumultos  
 da plebe descontente hão-de abalar-vos  
 do vosso throno.

DIOGO.

Sêde Rei.

EL-REI, desvairado, e na explosão da maior angustia.)

Eu morro,  
 Senhor Deus! Là! fazei o que quizerdes.  
 Mas pensae, pezae bem quanto me avilta  
 labéo de matador! buscae recurso  
 que não seja...

Encommendo ás vossas almas  
 minh'alma. Em vós confio.

E mas... se ao cabo. .  
 o exige o bem da minha terra... cumpra-se.

Ora súz, cavalleiros!

(Dirige-se para a Rainha, que n'este momento correu para elle. Beija-lhe a testa. Ella abençoá-o com modo firme e serio. El-Rei faz um gesto a João Annes de Almada, que deixa a Rainha, e o acompanha.)

PERO, baixo a Diogo.

Meu Diogo,

vencestes.

DIOGO.

Satanaz, tens a minh'alma.

EL-REI, indo para sair, mas attentando de repente em que está armado com o montante e o escudo que tirára da panoplia.

O que é este montante?! não quero armas.

Vamos nós contra moiros?

(Arroja tudo ao chão.)

ALVARO GONÇALVES.

Mas a turba...

O DOM PRIOR.

O povo solto...

JOÃO ANNES.

E armado...

EL-REI, socegando-os com um nobre gesto de confiança em si proprio.

São meus filhos.

(Sai El-Rei. Todos o seguem de tropel pela porta do fundo. Continuam a ouvir-se até ao fim do acto as campas de Santa Cruz.)

## SCENA XIV.

D. IGNEZ DE CASTRO, desmaiada, a RAINHA D. BRITES, de joelhos aos pés d'ella.

(Depois de breve pausa, Ignez volve a si do desmaio, e a pouco e pouco, gradualmente, vão-lhe tornando os sentidos, e ella acordando, manso e manso, sem saber onde está.)

A RAINHA, com muito carinho.

Ignez! sou eu.

IGNEZ.

Vós! quem?

A RAINHA, abraçando os seus tres netinhos.

Não me conheces?

sou a avó dos teus filhos!

IGNEZ, olhando fito para a Rainha, com os seus olhos azues desvaireados

A Rainha!

A RAINHA.

A tua mãe.

IGNEZ.

E onde está elle?

A RAINHA.

Pedro?

IGNEZ.

Não; El-Rei; o meu padre.

A RAINHA.

Logo volve.

IGNEZ, com grande exaltação.

E Pedro?

A RAINHA.

Mas socega, filha. A vida  
abriu-se para ti. Nascestes agora.  
És minha. Hei-de velar-te; sou tua madre.

IGNEZ.

E nunca mais me quereis mal?

A RAINHA.

Não; nunca.

(Beija-a.)

IGNEZ, delirando.

O que são estes sinos?

A RAINHA, confusa.

Estes sinos...

IGNEZ, como acima.

Sabeis, madre, o que choram estes sinos?

A RAINHA.

Não.

IGNEZ, levantando-se, vacillante, de braços estendidos, e olhos  
esgaseados, em delirio.

Não sabeis? Aquelles sinos choram  
a festa do meu lugubre noivado !  
do noivado da campa as alegrias !...

(A Rainha abraça-a chorando. Ella fica tremula, de braços estendidos  
para a banda da janella. Cai o pano com muito vagar.)

FIM DO ACTO IV.



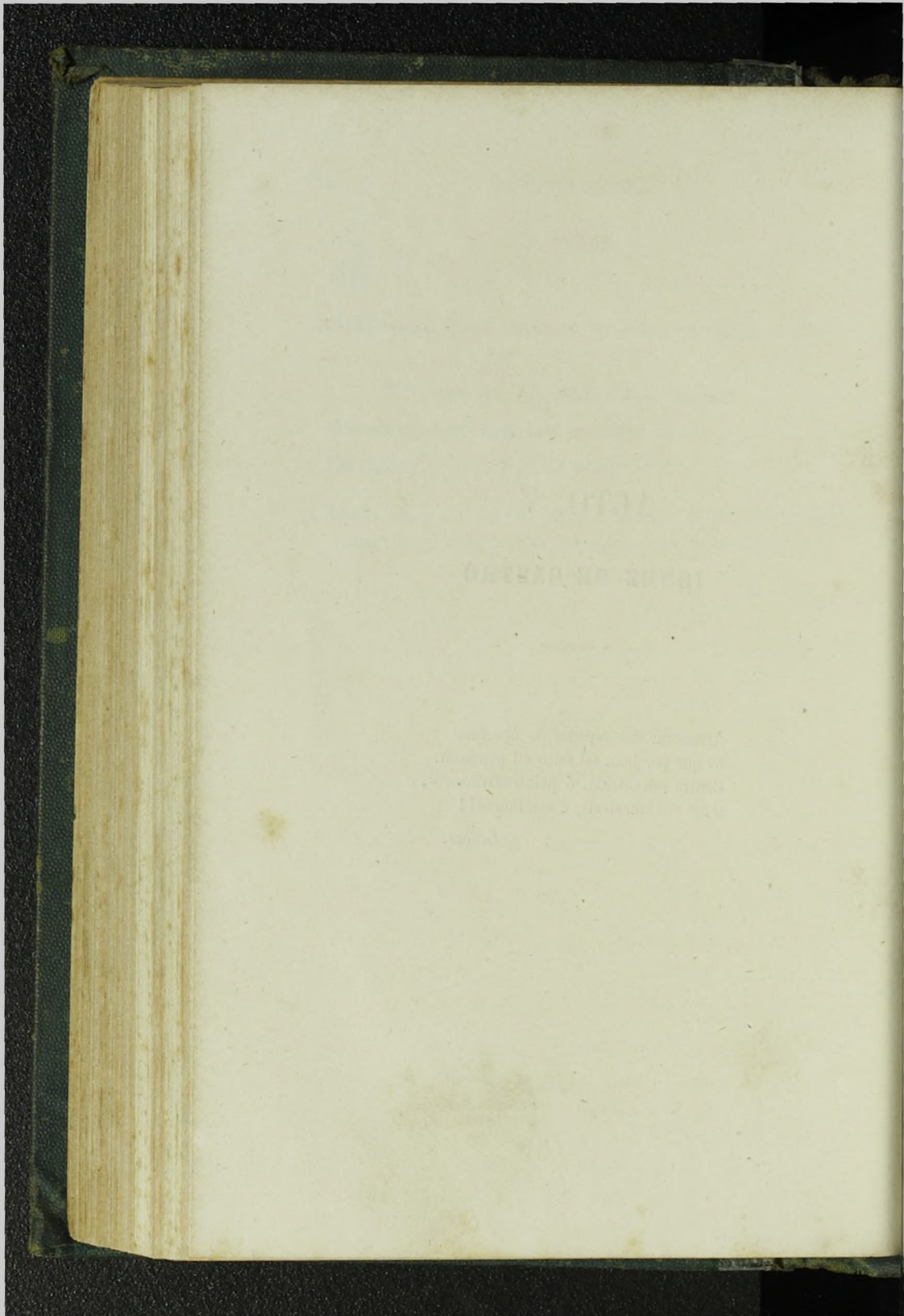
## ACTO V

### IGNEZ DE CASTRO

---

Arrancam das espadas de aço fino  
os que por bom tal feito ali pregoam.  
Contra uma dama, ó peitos carnicheiros,  
feros vos amostrais, e cavalleiros!!

CAMÕES.



## ACTO V

A camara de Ignez. Ao fundo alta sacada gothica bipartida. Mobilia singela no melhor gosto do tempo. Cadeiras almofadadas no primeiro plano. A um canto uma especie de bastidor, com um lavor interrompido. De uma parede pende um formoso retrato de mulher. Sobre um contador de ebano varios livros grandes em pergaminho. A um lado uma alcova. Entrevêem-se, meio envolvidos nas suas cortinas brancas, dois berços. Ao lado opposto uma porta falsa.

É noite. Pela vidraça fechada entra o formoso luar de Janciro; dá de chapa no Mondego, que se vê serpear vagamente. A scena pouco allumiada.

---

### SCENA I.

D. IGNEZ DE CASTRO, JOÃO ANNES DE ALMADA, e logo A RAINHA  
D. BRITES.

(Ao levantar o pano está Ignez, toda vestida de branco, muito pallida e desfeita, deitada n'um banco almofadado ao lado esquerdo do palco, com a cabeça encostada ao braço, e dormindo. Vela-lhe em pé á cabeceira João Annes de Almada, cabisbaixo e melancolico. N'isto, entra cautelosa e pé ante pé a Rainha, com uma longa capa, como de jornada.)

A RAINHA, fallando para fora.

Vou n'um momento.

(Chegando junto de Ignez, contempla-a com muito interesse, e pergunta ao ancião.)

Dorme?

IGNEZ DE CASTRO.

JOÃO ANNES.

Tão serena!

A RAINHA, pondo a mão na testa de Ignez.

A febre declinou.

JOÃO ANNES.

Já n'este somno  
antevejo a saude.

A RAINHA.

Que loucura  
ainda agora! e que de tristes coisas  
lhe ouvimos entre as nevoas do delirio!

JOÃO ANNES.

Graças a vós, senhora, os seus tormentos  
vão dar fim.

A RAINHA, com muito affecto.

Triste Ignez!

JOÃO ANNES.

O que me afflige  
é que assim lhe fujais.

A RAINHA.

Para Lisboa  
é mister que El-Rei saia inda esta noite.  
E eu não devo deixal-o.

JOÃO ANNES.

Sempre a mesma,  
Real senhora!

A RAINHA.

Vós ficais.

JOÃO ANNES.

Não posso.  
El-Rei quer-me em Lisboa. O mais que obtive  
foi partir-me apoz elle. Aguardo o Infante;  
quero entregar-lhe o que elle confiara  
dos meus braços senís : este thesoiro.

(Aponta para Ignez )

A RAINHA , com cuidado.

Mas não m'a deixeis só.

JOÃO ANNES.

Senhora, nunca.

A RAINHA.

E ao meu Pedro direis..... quanto suspiro  
pelo ver. Que importuna esta jornada!  
Mas breve tornaremos. São Francisco  
me traga paciencia, e a Virgem Santa  
valor para ser mãe!

IGNEZ, sonhando.

Não! não me fujas,

Pedro!

A RAINHA.

Ouvís?

JOÃO ANNES.

Sonho eterno da sua alma!

A RAINHA.

Não posso dilatar-me. Á minha espera  
estão todos alem. Meu bom Almada,  
adeus!

JOÃO ANNES, inclinando-se.

Senhora!

A RAINHA.

Já me opprime a ausencia.

(Detem-se olhando para Iгнеz.)

Como ella dorme!

Pobre filha! dorme.

Nós velamos por ti.

(Beija-a na testa.)

Contae-lhe tudo  
quando ella em si volver. Por mim, dizei-lhe  
que sempre lhe quiz muito, e para sempre;  
que é findo o seu martyrio; que renasça  
para os seus, para si; que em breves dias  
não tarda a namorada primavera

co' os sorrisos de Abril, co' as aljofradas  
manhãs de Maio; que virei buscal-a;  
que hei-de ir com ella aos pobres; que preciso  
de a ver agil, serena, restaurada.

JOÃO ANNES.

Não me hei-de esquecer, não.

A RAINHA, continuando.

Que se não fosse  
o dever que El-Rei tem, de ir por si proprio  
acalmar o seu povo, amanhã mesmo  
seria Igenez (protesto) a nossa filha.  
Contae-lhe tudo; sim?

JOÃO ANNES.

Tudo, senhora,  
lhe direi.

A RAINHA.

Boa noite, e adeus. Dizei-lhe  
adeus por mim.

(Volta para junto de Igenez, e a contempla.)

Como ella tem penado!

(Juntando as mãos, com o maior fervor religioso.)

Oh! Padre nosso! oh! meu Senhor divino!  
valeste á tua serva!

(Tornando para o pé de Annes de Almada.)

E Pedro! Pedro!

Em quanto elle não chega, ó nobre amigo,  
velareis vós em meu logar. Confio  
na vossa lealdade.

(Chega ao bercinho dos Infantes; afasta o cortinado; beija-os, e diz na voz mais terna, amimando-os e conchegando-lhes a roupa, sem que elles aliás acordem.)

E vós, meus netos,  
meus pobres pequeninos, na linguagem  
tão pura da innocencia pedi sempre  
por vossa triste mãe! Vós, recémvidos  
do regaço de Deus, velae por ella!  
Deus ouve os pequeninos. Essas vozes,  
esse vagido, esse arrulhar, foi elle  
quem vol-os ensinou; sabem ainda  
á innocencia dos Anjos. Ai meus netos!  
quando eu vos vir crescer.....

(Interrompe-se, e volta ao proscenio.)

Mas..... presto á obra!  
Já não sou mãe; Rainha sou. Lisboa  
estendeu para nós, lá de tão longe,  
os braços supplicantes. A caminho  
ha-de achar-nos a aurora. Assim se cumpre  
o officio de reinar. Não temos trégoas;  
sempre a pé; sempre álferta. Nunca os povos  
invocarão de balde os seus patronos.  
Promptos á voz primeira, o nosso posto



é na torre de vela ; mas se ha risco,  
é no risco maior.

Adeus, e ávante.

(Rebuça-se na capa, e sai rapidamente.)

## SCENA II.

D. IGNEZ DE CASTRO, adormecida, e JOÃO ANNES DE ALMADA.

JOÃO ANNES (depois de ter acompanhado a Rainha até á porta, e de lhe ter beijado a mão, continúa voltado algum tempo para o sitio onde ella desaparece.)

Vai, mulher boa e santa ! Anjo da guarda !  
vai, que o reino t'ó impõe. Mas volta breve.  
Se és esposa, e Rainha, és mãe. Alembre-te  
esta filha, que deixas desvalida,  
orphã dos teus affectos.

IGNEZ, sonhando.

Perdoada !

meu senhor !... Pedro !...

JOÃO ANNES, desce o palco desde que ouve Iгнеz fallar.

Oh ! sonho de ventura,  
sê bemvindo ! acalenta-m'a ; transporta-m'a  
aos dias bons da fresca meninice,

quando ella descuidosa e vagabunda  
 apanhava as boninas da existencia,  
 bebendo os livres ares das montanhas  
 no seu solar natal, quando o seu mundo  
 era uma aldeia, as aias, os seus pobres,  
 algum livro, os seus passaros, e os beijos  
 da sua boa mãe! (Pausa) Dorme; sim; dorme.

(Contempla-a.)

Espero em Deus. O Infante n'esta hora  
 perto ha-de estar. Não tarda já, se o proprio  
 que em sua busca mandei a Alcabideque  
 deu lá com elle. Oh! Deus m'o traga asinha!

(Longa pausa. Annes de Almada passeia devagarinho no proscenio.)

Que importuna partida! E n'este estado  
 todos m'a desamparam! E eu, que havia  
 de a velar toda a noite... eu proprio... a deixo  
 sósinha n'esta casa!

(Chega por dentro da vidraça a examinar o ceo.)

Uma hora passa  
 da meia noite; é a hora da abalada.  
 De veras que me custa.

(Pausa)

Oh! lá vão elles  
 a sair. Estrondosa cavalgada!  
 Vão archotes na frente. Horrenda vista!  
 tem o aspecto feral de um saímento.

Longe o agoiro! Esse ar brando, o ceo purissimo,  
nuncios são de um porvir abençoado.

Sim; quero crer na lingua misteriosa,  
com que às vezes risonha a natureza  
nos dá de um bem futuro os antegostos.

(Encosta-se á janella a contemplar para fora.)

IGNEZ, acordando, e fitando os olhos nos objectos que a rodeiam,  
permanece algum tempo muda e indecisa, com um vago sorriso  
nos labios entreabertos. Por fim exclama de vagarinho.

Almada, fez-me bem dormir.

JOÃO ANNES, descendo para junto de Igenez.

Senhora!

salve!

(Senta-se junto d'ella.)

Mui boas novas. O futuro  
continúa a sorrir.

IGNEZ.

E eu dormi muito?

JOÃO ANNES.

Mais devêreis dormir.

IGNEZ.

Sinto cá dentro  
um socego tão bom! Que paz! que amores  
foi o perdão d'El-Rei; não foi?

IGNEZ DE CASTRO.

JOÃO ANNES.

Por certo.

IGNEZ.

Quero ir ter com El-Rei.

JOÃO ANNES.

Partiu, senhora;  
vai a caminho.

IGNEZ.

E vós não m'o dissestes!  
porque me não chamastes?

JOÃO ANNES.

Nunca; nunca.

IGNEZ.

E a Rainha?

JOÃO ANNES.

Lá foi com elle.

IGNEZ, com afflicção.

Ai! misera!

(Faz um grande esforço, e senta-se.)

Quero ir; acompanhais-me?

JOÃO ANNES.

Acompanhar-vos?

Apoz tão ruim noite, e assim desfeita,

como haverieis de ir? Mas a Rainha, que é boa mãe, chamou-me á despedida, e me incumbiu de vos dizer, que cedo viria ver-vos; que se o bem dos povos lhe impunha n'este lance angustioso não deixar só a El-Rei, cá lhe ficava o coração: no Infante, em vós, e... n'elles.

(Aponta para os berços da alcova.)

IGNEZ, com muita ternura.

Os meus filhos!!!

JOÃO ANNES.

E disse mais: « Contae-lhe  
« esta partida subita; dizei-lhe  
« que a amo sempre; que em breve alegres dias  
« vão raiar para Iгнеz e para Pedro;  
« que o temporal passou. »

IGNEZ.

Mas não podieis  
chamar-me!? Se eu ao menos lhe pudesse  
ter dito adeus!

JOÃO ANNES.

Senhora, vós dormicis  
tão serena! Trouxera-vos á camara  
ella, a propria Rainha; os seus cuidados

conseguiram calmar-vos ; o delirio  
amainara por fim ; e o brando somno  
restaurava esse corpo dolorido.

À hora da partida, aqui tornava  
a Rainha ; entrou muda ; a passos brandos ;  
estava eu só ; dormieis. A Rainha  
depoz na vossa frente um beijo, e disse-me :  
— « Dize-lhe adeus por mim ». —

IGNEZ.

Como ella é boa !

E eu que ousava descreer !....

E El-Rei ?

JOÃO ANNES.

Sombrio

e mui triste ia El-Rei.

IGNEZ, em lagrimas.

E Pedro ? Pedro ?

JOÃO ANNES.

Já volve. Socegae. Velei por elle.  
Crendo-nos a caminho, correu logo ;  
foi para Alcabideque. Mas um proprio  
mandei, que o vai trazer. Hemos em breve  
de abraçar outra vez o nosso Infante.

IGNEZ.

Meu João Annes ! meu pae !

JOÃO ANNES, depois de pausa.

Senhora Infanta,  
vou dizer-vos adeus.

IGNEZ.

Tambem?!!!

JOÃO ANNES.

Senhora,  
foram ordens d'El-Rei que o acompanhasse;  
pedi venia, e fiquei-me alguns momentos,  
por não sei que pretexto. Antes da aurora  
parto porem. Fugir-vos não podia,  
sem ver tornado ao paço o nosso Infante.

IGNEZ.

E quando volve a côrte?

JOÃO ANNES.

Oiço que breve.

IGNEZ.

E eu longe da Rainha!! e Pedro ausente!

(Pausa.)

mas... ide ver... alem... Não sentís passos?  
não, não me engana o coração. É elle!

JOÃO ANNES, espreitando para o corredor.

É o senhor Infante.

IGNEZ.

Hora dos anjos!

## SCENA III.

OS PRECEDENTES, O INFANTE D. PEDRO.

IGNEZ, levantando-se a custo, e caminhando para o Infante.

Meu Pedro!

JOÃO ANNES, inclinando-se.

Meu senhor!

D. PEDRO.

Ignez! João Annes!

que feito foi de vós!

(Repara no rosto descomposto de Ignez)

Ignez!

IGNEZ, abrindo os braços, e caindo nos do Infante.

Vem, Pedro!

vem, filho! unico amor d'est'alma triste!

aos meus braços! vem! vem!

D. PEDRO, apertando-a.

Anjo!

(Para João Annes de Almada.)

Tu, conta-me;

que succedeu? de balde te aguardava;

não vieste.



JOÃO ANNES.

Porem, senhor...

D. PEDRO.

E cumprem-se  
d'esta guiza os mandados de um Infante?

JOÃO ANNES.

Escutae-me, senhor.

D. PEDRO, caindo em si, e estendendo-lhe amigavelmente a mão

A mão.

(Almada beija-lh'a ; o Infante continua.)

Pressinto

novidades ; andae, conta-me tudo.

(Depõe com muito carinho Iгнеz, outra vez meio desfallecida de commoção, nas almofadas onde dormia, aconchega-a, e ajoelha-lhe aos pés.)

A minha pobre Iгнеz! vejo-a tão pallida!  
que tens?

IGNEZ, em voz que mal se percebe.

Que posso eu ter?

JOÃO ANNES, para o Infante.

Cobrae vós animo,  
que todo o mal passou.

D. PEDRO.

Mas... em tumultos

me fallaram....

JOÃO ANNES.

Senhor, tudo é findado.

IGNEZ.

Mercê de Deus!

D. PEDRO.

E que eram?

JOÃO ANNES.

Populares;  
arruaças da noite.

D. PEDRO.

A villanagem!

Contae-m'ô.

JOÃO ANNES.

Eram dez horas. O Conselho findára. De repente começámos a ouvir todos os sinos da cidade n'um carpir, n'um bradar, n'uma agonia horrenda e funeral. Desprecatados chegámos á varanda; um rumor surdo sussurrava das bandas do Castello; e entre rolos de ardente fumarada clarão de incendio illuminava o rio. No ceo torvo e sangrento destacavam-se

as torres de Coimbra ; os campanarios de Santa Cruz ; a fronte acastellada da Sé ; lá no alto os bastiões da Alcáçova. Não havia delongas. N'um só impeto partimos a galope. Em dois instantes chegámos á Portage. A turba-multa corria com archotes ; as suas armas eram piques, e pedras, e fueiros, e enchadões ; a loucura da revolta ! Corremos ao castello ; os malfeitos investiam com elle em grande grita. Era medonha a infrene turba-multa no embater da maré. Já nas ameias firmaram as escadas ; os do Alcaide repelliam o assalto ; entrecruzavam-se os ferros. — « Por El-Rei ! » — clamavam dentro ; — « Pelo povo ! » — os de fora.

D. PEDRO, com tremenda ironia.

Pelo povo!!!

e eu, eu longe de tudo ! Mas qual era o fito dos villões ?

JOÃO ANNES.

O fito d'elles ?

ir no castello armar-se, entrincheirar-se, senhorear Coimbra e Santa-Clara,

e amedrontar El-Rei, que a peonagem  
julgava ainda em Monte-mór.

D. PEDRO, impaciente.

Avante !

IGNEZ, para Almada, apontando-lhe o Infante.

Almada, socegae-o.

JOÃO ANNES.

A villanagem

lograra incendiar no paço velho  
a ala do norte. N'isto, a cavalgada  
desembocou. Foi visto El-Rei. O incendio  
allumiava-o de chapa ; lampejava  
n'aquelle rosto o enthusiasmo antigo  
dos seus vinte annos. Remetteu co'a turba ;  
e o nobre gesto, e o fuzilar dos olhos,  
e o imperioso da voz, faz o milagre :  
aniquila os villões. Como em ceo turvo  
um sopro varre ao longe a tempestade,  
assim a voz do heroe, que, fronte nua,  
assomava, solemne, audaz, e inerme,  
desbaratou n'um prompto os populares.

D. PEDRO.

Deus louvado ! vil povo !

JOÃO ANNES.

O pobre povo  
 não é mau; braço occulto o incita.

D. PEDRO.

Amigo,  
 é Castella quiçá.

JOÃO ANNES.

Nem só Castella;  
 vive entre nós o imigo.

D. PEDRO.

Entendo.

JOÃO ANNES.

O fogo  
 foi vencido; açaimado o populacho  
 por suas proprias mãos. Era de vel-os :  
 corridos de vergonha, rodeavam  
 a El-Rei, que em pé e affeito, se entranhára  
 no maior da referta; e em torno ao chefe  
 — Arraial! arraial! — clamavam todos.

D. PEDRO.

Assim, de tanto fogo e tanto sangue,  
 nada resta?

JOÃO ANNES.

Mercê de Deus piedoso!

D. PEDRO.

E El-Rei?

JOÃO ANNES.

Tornou-se ao paço, apenas quite  
d'esta batalha estranha, e não ha muito  
partiu.

D. PEDRO.

Partiu?!

JOÃO ANNES.

Para Lisboa. Urgia  
srenar lá tambem; só elle o pode.

D. PEDRO, em tom de amarga exprobração.

Ah! meu pae!...

JOÃO ANNES.

Senhor meu, sois perdoados.  
El-Rei é uma alma santa. Eu bem dizia;  
cá dentro um não sei quê m'o affiançava.

D. PEDRO, sem entender.

Quê!!

IGNEZ.

Sim, meu Pedro; El-Rei, que os vís Conselhos  
incitavam, pedindo... a minha morte...

D. PEDRO, tapando-lhe a bocca com a mão.

A nossa morte, filha, a nossa morte.

IGNEZ.

Foi monarcha, e foi pae. Ergueu no collo  
os nossos tres filhinhos ; amimou-os  
cheio do nosso amor ; e com soluços  
me dizia, apertando-me nos braços :  
— Vive ; serás Infanta ; és minha filha.

D. PEDRO.

Que escuto !

IGNEZ.

N'essa hora, eu transportada  
às regiões do ceo, nem atinava  
como lhe agradecer ; beijei chorando  
aquellas mãos ; era um êncanto ! um extase !  
harpas ouvia ! os bandolins celestes  
vinham saudar a nossa boda !... Arfava  
em borbotões de incognitos desejos !...  
Que suaves tangeres dentro n'alma !  
no coração que doidas symphonias !...

D. PEDRO.

Conta-me tudo ; quero saber tudo.  
Não posso acreditar. Dize, o que é isto,  
meu doce amor ?

IGNEZ.

Não te recordas, Pedro,

d'aquella amena tarde, em que, tomado  
de não sei que suavissima loucura,  
me disseste : Sou teu?

D. PEDRO.

Prosegue, embala-me  
n'esses sonhos de amor!

IGNEZ.

Que foi que disse  
tua Igenez? — « As nossas penas foram  
do mandado de Deus, que nos queria  
mostrar depois o que era o ceo dos Anjos. » —  
Fallei verdade?

D. PEDRO.

E eu, miseravel alma,  
Que ousei descrever do meu bom pae!

IGNEZ.

Loucuras  
do muito amor, meu Pedro, não são crimes.  
Já Deus t'as perdeu.

D. PEDRO.

Só elle sabe  
quanto eu andava triste! o desalento  
derrubára-me.

IGNEZ.

Pedro!



D. PEDRO.

Alcabideque

parecia-me um tumulo. Eu pensava  
que tivesses partido. Tive medo  
de que fosses... sem mim; corri no encalce  
da cavalgada, que julguei já longe.  
Cheguei, nenhuma novidade. Aguardei-te.  
Mas ia a noite em meio. Espavorido  
vagava a um lado, a outro; a cada canto  
me apparecia a tua imagem candida.  
Soffrego, impaciente, ia tornar-me  
a Coimbra outra vez, quando lá chega  
um mensageiro teu, Almada; corro  
quasi sem n-o escutar.

JOÃO ANNES.

Bemvindo!

D. PEDRO.

Oh! jubilo!!

Sair do inferno! transportar-me a subitas  
á beira do meu santo paraizo!  
e encontrar-te, co'um dedo sobre os labios,  
a apontar-me, serena e luminosa,  
o caminho dos ceos!!

IGNEZ.

Pedro! meu Pedro!

D. PEDRO.

Bem m'ò dizia o coração. Eu vinha  
co'um arrebol de esp'rança dentro n'alma.  
A noite está lindissima. No campo  
nem sôpro ; o cheiro agreste dos pinheiros,  
e os mochos ; nada mais. A um lado, a outro,  
as campinas, que iuunda a lua cheia.  
Eu vinha caminhando. No silencio  
da noite, ao longe uns vagos sons chegaram ;  
pareciam-me os sinos de Coimbra.  
Mas não podia ser ; a taes deshoras !  
Eram toadas de uma estranha muzica !  
medonha ! diabril ! Parei ; são campas ;  
não ha que duvidar. Já cá mais perto,  
cessaram de tanger. Cheguei, silencio  
pela cidade inteira.

JOÃO ANNES.

Era o rebate,  
com que todas as torres da cidade  
clamavam por El-Rei.

D. PEDRO.

Obra de trasgos  
pensei eu ser, que ás horas aziagas  
vinham mofar de mim.

IGNEZ.

Mofar ? não vinham ;  
antes era um signal das alegrias  
que um Deus bom quiz mandar-nos.

Pedro ! Pedro !

ai ! como estou feliz !

D. PEDRO.

Não tens já nada ?

IGNEZ, com transporte.

Se me sinto opprimida, é de ventura.

(Cai sobre as almofadas.)

JOÃO ANNES.

Com tammanha alegria não podestes,  
senhora Infanta. Socegae, vos rogo.  
Tudo tendes : pae, mãe, o esposo, os filhos ;  
sou de mais. Vou partir.

IGNEZ, com amizade.

E voltaís quando ?

D. PEDRO, admirado.

Fugir-me vós !!

JOÃO ANNES.

Sim, meu senhor ; são ordens

do vosso excelso pae; quer-me em Lisboa.  
Vou-me ainda alcançal-o.

D. PEDRO.

E volta breve,  
meu leal servidor.

JOÃO ANNES.

Deus é que sabe  
se me custa o deixar-vos.

D. PEDRO.

A meu padre  
dizeis que vou tambem. Quero ao seu lado  
encontrar-me nas horas do perigo.  
Parto amanhã. E á minha santa madre...  
dizei... não, não digais. Vou vel-a breve.  
E adeus pois.

JOÃO ANNES, inclinando-se.

Meu senhor!

IGNEZ.

Meu bom amigo,  
adeus. Sou sempre a mesma : a vossa filha ;  
pois não sou ?

JOÃO ANNES, beijando-lhe a mão.

Minha Infanta.

IGNEZ.

Não ; não quero ;

vossa filha, e mais nada.

D. PEDRO, batendo-lhe no hombro.

Até á vista,

meu pae.

JOÃO ANNES.

Senhor, aos ceos vos encommendo.

(Beija a mão do Infante, e sai.)

## SCENA IV.

O INFANTE D. PEDRO, e D. IGNEZ DE CASTRO.

IGNEZ, depois de encarar por algum tempo, e com a alma nos olhos, ao Infante, e puchando-o a si suavemente com a mão.

Oh! que alegria! ao cabo das tristezas  
ver sorrir o meu sol!

(Em tom melancolico.)

Mas tu não sabes?

ha horas de tormento, em que a alegria  
me é supplicio tambem.

D. PEDRO, sentando-se muito junto d'ella.

Vamos! anima-te,

vida da minha vida! abre a tua alma  
a todas as venturas. Já não temo ;  
já não posso temer.

IGNEZ.

Quem nos diria,  
Pedro (quem nos diria?) quando ás vezes,  
no nosso esconderijo melancolico,  
viamos o porvir tão ensombrado  
de medonhas visões, quem nos diria  
que a mão d'El-Rei nos abriria a porta  
dos nossos encantados paraizos ?!

D. PEDRO.

A minha santa mãe devemos tudo.  
Não sabes? em segredo ha tempo largo  
que ella vigia sobre nós.

IGNEZ.

Dizia-m'ò  
não sei que intima voz. Sim, muitas vezes  
havia affagos maternas nas fallas  
com que me ella fallava; e ainda agora...  
(se tu visses!) beijando os meus tres filhos,  
senti por sobre nós como um carinho  
que me envolvia toda; era a penugem,  
era o calor das suas azas brancas.

D. PEDRO.

Era sim.

IGNEZ.

Vejo agora, abranjo inteiro  
um mundo de venturas escondidas  
em cada beijo d'ella!

D. PEDRO, beijando-lhe as mãos.

Anjo da guarda!...

IGNEZ, levantando-se, e amparando-se muito no braço do Infante.

Dá-me o teu braço. Sinto-me tão boa  
desde que tu vieste! Passeemos.

D. PEDRO, dando ambos alguns passos até ao fundo.

Sim; vem ver que lindeza a d'esta noite!

IGNEZ, chegando á janella inundada de luar.

Pedro! que ceo tão lindo! como a lua  
se mira no Mondego! é a confidente  
do nosso amor.

D. PEDRO.

É a branca mensageira,  
que nos trouxe dos ceos a boa nova.

IGNEZ.

Não quero sair mais d'esta Coimbra.  
Estes vergeis de tanta suavidade

vão ser o nosso ninho ; sim ?

D. PEDRO.

De certo,

Ignez.

IGNEZ.

A varzea! o rio! Santa Clara!  
Como eu amo Coimbra!

(Descem o paço sempre de braço dado)

Tu não sabes?  
no meio d'este jubilo, uma coisa  
me atormenta.

D. PEDRO.

E qual é?

IGNEZ.

Não digo. Pensas  
que são agoiros.

D. PEDRO.

Dize.

IGNEZ, parando, e encarando-o.

É não ter visto  
a tua... a nossa mãe na despedida.

D. PEDRO, sorrindo.

Loucura!



IGNEZ.

Eu não dizia ?

D. PEDRO, largando-lhe suavemente o braço

Minha filha,

e eu tambem vou partir.

IGNEZ, aterrada.

Fugir-me !!

D. PEDRO.

A noite

vai já no cabo ; já não tarda a aurora ;  
e eu prometti que a proxima alvorada  
me acharia em Bussaco.

IGNEZ.

Estes fragueiros!

são sempre assim !

D. PEDRO.

Se eu prometti!

IGNEZ , supplicante . pendendo-se-lhe do hombro.

Descança,

meu bello caçador ; quando fôr dia  
irás então.

D. PEDRO.

Não posso.

IGNEZ.

Esses caminhos  
são tão maus!

D. PEDRO.

Deixa-me ir.

IGNEZ, apontando para a janella.

E uma tal noite,  
co'uma lua d'aquellas, não foi feita  
toda só para nós?...

Ai! já esqueceste  
as nossas longas noites, no remanso  
do eirado sobre o rio, quando vinha,  
horas mortas, um lindo cavalleiro,  
embuçado e sosinho, e da varanda  
para elle debruçada uma donzella!...

D. PEDRO, sorrindo.

E elle de pé no arção do seu cavallo  
encostado á muralha...

IGNEZ.

E a lua cheia,  
uma lua como essa, a dar de chapa  
n'aquesta nobre frente!

D. PEDRO.

E o teu Mondego

a murmurar entre os choupaes, e ao longe,  
no silencio vastissimo do campo  
algum ladrido...

IGNEZ.

E ella a dizer-lhe : Pedro !  
que importuna barreira ! vem ; mais perto ;  
vem ; sobe mais !

D. PEDRO.

E elle a temer que os zephyros  
lhe furtassem o archanjo dos seus sonhos ;  
e os zephyros a ondearem-te no manto,  
e a ciciar nos teus cabellos de oiro !

IGNEZ.

E ella a dizer : Meu Pedro ! como eu te amo !

D. PEDRO.

[ E elle calado, a ouvir a melodia  
da tua voz de crystal !

IGNEZ, com innocente malicia.

Como se lembra  
de tudo, senhor mau ! e quer deixar-me  
aqui ! tão só ! n'este ermo !

D. PEDRO, com enthusiasmo.

Lembro ; lembro-me ;  
amo-te, e cada vez com mais affecto ;

IGNEZ DE CASTRO.

e cada vez com mais amor ! Mas, filha,  
prometti. Hei-de ver-me esta alvorada  
com teu irmão.

IGNEZ, atonita.

Com meu irmão !

D. PEDRO.

Mandei-lhe  
aviso, e elle não falta ao prazo dado.

IGNEZ, fitando o olhar no Infante.

E que lhe queres?

D. PEDRO..

Quero...

IGNEZ, depois de pausa.

O que lhe queres  
sei eu, meu Pedro ; e vejo...

(Pausa.)

D. PEDRO.

Que não sabes.

IGNEZ.

Que sei ; mas que é desnecessario.

D. PEDRO.

Embora ;  
mas como eu prometti, que ao romper d'alva  
estaria em Bussaco...

IGNEZ.

Essas promessas  
não se fazem.

D. PEDRO.

Porquê?

IGNEZ.

Pedro, se eu fosse  
contigo de longada até Bussaco!

D. PEDRO.

A tal hora!

IGNEZ.

E que importa?

D. PEDRO.

Inda alquebrada  
como estás, minha Infanta Dolorida!

IGNEZ.

Eu! sinto-me tão bem!

D. PEDRO.

Mas o relento...  
as nevoas do Mondego...

IGNEZ.

N'uma noite  
como esta!

D. PEDRO.

Quatro legoas...

IGNEZ, com um gracioso amuo.

Se deixasses!

D. PEDRO, acariciando-a.

Não, minha Ignez; preciso ir só. Mui breve, amanhã mesmo, tornarei. E a ponto me acode : as tuas servas? vou chamal-as. Não has-de ficar só.

IGNEZ.

Porquê? prefiro. Mandei-as recolher. E mas, vai pouco d'aqui até ser dia.

D. PEDRO.

Como queiras.

E em sendo dia, eu volverei.

IGNEZ.

Quem sabe se os javalis do monte (os teus amores) não te virão tentar...

D. PEDRO.

Não temas.

IGNEZ.

Temo.

D. PEDRO.

E porquê?

IGNEZ.

Porque odeio as montarias;  
aborreço a gineta e a estardiota;  
detesto os javalis; tenho ciumes  
do teu andaluz branco, dos teus perros,  
dos teus lebreos, dos teus falcões...

(Transição.)

E... sabes?

quando te vejo n'essa dura fragoa,  
meu bravo caçador, tremo... se um dia  
te acontece algum mal.

D. PEDRO.

Que mal!

IGNEZ.

Tu dizes

que voltas amanhã?

D. PEDRO.

Digo.

IGNEZ.

Veremos

se amanhã, lá na serra, entre os monteiros,  
co'as tentações das moitas, não te esqueces  
da tua pobre Ignez!!

IGNEZ DE CASTRO.

D. PEDRO.™

Tontinha!

IGNEZ.

Esqueces-te,  
que o sei eu. Mas ao menos...  
(em voz mui triste.)

os teus filhos  
não te esquecem, pois não?

D. PEDRO.

Amanhã mesmo,  
fiados no perdão d'El-Rei, partimos  
para Lisboa.

IGNEZ.

Sim.

D. PEDRO.

Porque o meu posto,  
se ha risco, é junto d'Elle.

(Ignez esconde silenciosa o rosto no seio do Infante; este continúa  
depois de uma pequena pausa.)

Ignez, tu lembras-te  
de uma tarde... saías do mosteiro;  
vinhas tão cheia de oração! nos olhos  
marejava-te o chôro; caminhavas  
como absorta em ti mesma. E eu perguntei-te:  
— « Doce Ignez, porque choras? » — Tu disseste-me:



— « Entrevi negras coisas pavorosas.  
« Tremo ao lembrar-me do porvir. Foi sonho?  
« ou prophecia, Pedro? »

IGNEZ.

Ai! ai! supplico-te :  
não me recordes essa dor immensa!  
Não?

D. PEDRO, animando-a e sorrindo.

Porque não, se tudo é já passado?  
se essas loucuras do teu sonho lugubre,  
minha linda medrosa, hoje o destino  
t'as veio desmentir!

IGNEZ.

Pedro! silencio!

(Horrorisada, e em tom dolente.)

Nunca a noite se esvai, sem que algum sonho  
me traga a branca imagem de Constança!  
Atraioas-me Ignez!

(Esconde o rosto entre as mãos arripiada.)

D. PEDRO.

Agora, ordeno :  
silencio a taes delirios. E o castigo  
é fugir-te.

(Afasta-se.)

IGNEZ DE CASTRO.

IGNEZ, indo atraz d'eile.

Não temo; vês? não fujas!

D. PEDRO.

É tempo; adeus; a lua desce.

IGNEZ.

Pedro!

olha a tua promessa!

D. PEDRO.

Volto breve.

IGNEZ, agarrando a cabeça do Infante com ambas as mãos.

Adeus pois, filho bom d'est'alma! Sinto  
que este adeus me espedaça.

D. PEDRO.

Minha louca!

os teus pressentimentos!...

IGNEZ.

E os teus filhos?

não lhes dizes adeus?

D. PEDRO.

Digo. Louquinha!  
porque choras, amor?

IGNEZ, enchugando rapidamente os olhos.

Eu? não.

D. PEDRO, encaminhando-se com ella até aos berços, e amimando os pequeninos.

Meus filhos,  
meus filhinhos, adeus. Ficae, vós outros;  
e nos vossos chilrados pequeninos  
dizei á vossa mãe... que é uma tonta.

(Abraça-a e beija-a rindo, com a maior effusão de affecto.)

Arranco-me.

IGNEZ.

E eu contigo vou de rastos.

D. PEDRO, desenlaçando-se dos braços d'ella, e correndo.)

Adeus! adeus!

(Sai.)

## SCENA V.

D. IGNEZ DE CASTRO, só.

(Desde a partida do Infante, Ignez permanece immovel no centro do theatro, com o ouvido áleria, e meio inclinada para a porta da saída.)

Adeus!

(Pausa )

O meu Infante!!

Foi-se.

(Pausa.)

Ainda lhe escuto ao longe os passos

descendo a escadaria.

(Pausa.)

Já não oiço.

Sumiu-se tudo.

(Pausa.)

Não; vou vel-o ainda.

(Corre á sacada do fundo, e abre-a; espera alguns momentos; debruça-se cautelosa.)

Lá sai.

(Pausa. Chamando-o.)

Pedro!

A VOZ DO INFANTE, de fora.

Oh! que amavel despedida?

IGNEZ.

Adeus!

A VOZ D'ELLE.

Recolhe-te; olha o frio. -

IGNEZ.

Frio!

A VOZ D'ELLE.

Que noite!

IGNEZ.

Que lindeza!

(Pausa.)

A VOZ D'ELLE.

Que silencio!

IGNEZ.

É luar de Janeiro.

A VOZ D'ELLE.

Vou tangendo

por hi fora a buzina.

IGNEZ.

Hei-de escutal-a

em quanto se podér.

A VOZ D'ELLE.

Custa-me tanto

fugir-te!

IGNEZ.

Sim? pois torna.

(Pausa.)

A VOZ D'ELLE.

Tu não sabes?

aqui, junto da praia, uma barquita  
amarrada aos salgueiros.

IGNEZ.

Meu barqueiro,  
queres fugir comigo?

IGNEZ DE CASTRO.

A VOZ D'ELLE.

Na barquinha  
dorme o remeiro.

IGNEZ.

Sim?

A VOZ D'ELLE.

Que somno aquelle!  
não é somno de Infante.

(Pausa.)

IGNEZ.

Pedro, adoro-te!

A VOZ D'ELLE.

Vamos nós dar um giro no Mondego,  
que está de convidar!

IGNEZ.

Vamos.

A VOZ D'ELLE.

Na volta.

IGNEZ.

Vou contar os momentos.

A VOZ D'ELLE.

Os monteiros

à minha espera estão dormindo.

(Chamando.)

Hou ! Pagens!

(Tange com força a buzina.)

Adeus, formosa castellã.

IGNEZ.

Mil fadas

te acompanhem, meu bello cavalleiro.

Oh! se cada suspiro que eu te mando

te podesse envolver!!...

A VOZ D'ELLE.

*Adios, mi vida!*

IGNEZ.

*Sol de mi vida, adios!*

(Pequena pausa.)

Meu Pedro! Pedro!

espera!

(Ignez dirige-se rapidamente ao bastidor, descose o bordado, enrola-o como pode, torna á varanda, e atira-o para baixo.)

Ahi tens, amor, para lembrança  
d'esta noite de eulevo, aquesta charpa  
que bordei para ti.

A VOZ D'ELLE.

Bemvinda!

IGNEZ.

Pedro,  
traça-a já.

A VOZ D'ELLE.

Pois de certo.

IGNEZ.

Em cada malha  
vai entrançado um pensamento.

A VOZ D'ELLE.

A volta  
fallaremos, amor!

IGNEZ.

*Adios, mi vida!*

A VOZ D'ELLE.

*Sol de mi vida, adios!...*

(O Infante tange a buzina, e parte. Igeez permanece inundada do formoso luar, encostada ao parapeito da varanda por muito tempo. Silencio profundo. Depois de um longo espaço, exclama :)

Fugiu. Sumiu-se.

Estou só n'este mundo.

(Outro longo intervallo. Sai da varanda, e vai contemplar os bercinhos.)

Como dormem

estes bons innocentes! que delicia!

(Pausa.)

Ai! sinto-me tão bem!



(Volta á varanda.)

Todo o socego

que respira esta noite abençoada,  
sinto-o dentro de mim. Na alma reflecte-se  
co'a sua limpidez todo o estrellado  
azul do firmamento. Aquella lua  
voluptuosa e meiga é a testemunha  
calada e melancolica dos extases,  
dos arroubos d'est' alma.

Oh! lua! lua!

não deixes o meu Pedro ; sê-lhe guia  
no meio d'essas serras ; e o teu rosto  
lhe diga, o que eu não posso : que suspiro  
pelo instante de o ver, que o amo sempre,  
que estou longe de Pedro ha já mil seculos.

Lua! oh! lua! tu sabes os segredos  
que a ti só, n'estas noites silenciosas,  
tenho a medo, e baixinho, segredado ;  
sabes, sabes.

(Longa pausa. Encosta a fronte á mão !)

Preciso de descanso,  
e não posso dormir.

(Volta para dentro. Ouve-se de repente a buzina em distancia.)

Ignez estremece de prazer, voltada para a janella.)

Ai! a buzina!

Sim, meu Pedro! cá estou, pensando sempre em ti, que me fugiste.

(Chega á janella, e grita.)

Até á volta,  
Pedro! Pedro!

### SCENA VI.

D. IGNEZ DE CASTRO, e de repente DIOGO LOPES PACHECO, que se vê trepar de fora, pelos rendilhados da varanda, cavalgar, e saltar de um pulo para dentro da camara.

IGNEZ, recuando, no auge do susto.

Que é isto! Santa Virgem!  
Deus do ceo! Pedro!

DIOGO LOPES, avançando para ella, ao passo que ella recua.

Chama embora!

IGNEZ, recuando sempre até ao lado esquerdo do proscenio.

Pedro!

(Permanecem immoveis algum tempo, elle ameaçador, e devorando-a com os olhos; ella hirta, pallida, suffocada. Depois de pausa, dá Diogo uma gargalhada infernal, e diz com a maior ironia, dando alguns passos para a varanda, a sondar com olhos desvairados o arredor:)

DIOGO.

Já te não ouve.

IGNEZ, avançando então para elle.

E que ousadia! entrardes.....

DIOGO, parando, cruzando os braços, e encarando-a.  
Aventesmas da noite. Lobishomens!

IGNEZ, com um gesto de imperial soberbia.

Saí, senhor!

(Pausa.)

DIOGO.

Eu!

IGNEZ.

Vós.

DIOGO, com ironico e affectado galanteio.

Comvosco.

IGNEZ.

Eu grito.

DIOGO.

Que importa! Pedro é longe, e a Virgem Santa  
já não tem que amparar-te.

IGNEZ.

As minhas servas.....

DIOGO.

Nenhuma pode ouvir-vos.

IGNEZ correndo para o berço dos filhos, e cobrindo-o com os braços,  
como uma ave espavorida defende a sua prole.

Os meus filhos!!

Que nos queres, saião?

DIOGO, com fria insolencia.

Senhora, vêdes  
que era inutil clamar. Por quem? a côrte  
já lá vai toda; esta ala do palacio  
está deserta. Aqui só nós. Ouvi-me.

IGNEZ, com asco.

Ouvir-vos eu!

DIOGO.

Sim; vós.

IGNEZ.

Eu! a um covarde.  
que penetra a deshoras, e furtivo,  
como um vil malfeitor, junto a uma dona  
que nada pode!!

DIOGO, sereno.

Serei tudo; tudo;  
pouco me afreima esse imprecар. Não temos  
momentos que perder. Sabei que posso  
em vós tudo. Sois minha. El-Rei o ordena:  
ides morrer.

IGNEZ, aterrada.

Eu! .....

DIOGO.

Tu. Cumprir eu proprio  
quiz as ordens d'El-Rei. Mas se me ouvires,  
se vieres comigo, boas fadas  
vão comnosco. Uma barca nos espera.  
Vem, vem; depois..... tenho cavallos promptos :  
n'um momento alcançamos a fronteira;  
eis-nos a salvo.

IGNEZ.

Ah! vil!

DIOGO, crescendo para ella.

Ignez, é tempo ;  
é tempo ainda. Escuta ; o amor insano  
que te eu voto é meu guia. Arrisco tudo,  
bem vês : o odio d'El-Rei, o odio do Infante ;  
que me importa?! se um dia, longe d'elles,  
contigo a sós, n'um ermo, n'uma choça,  
me chego a ver!

IGNEZ, fugindo.

Não! nunca! nunca!

DIOGO.

Pensa :

tenho entre as mãos a tua vida.

IGNEZ.

Nunca.

DIOGO, depois de breve pausa, e encarando-a com a expressão de ternura que os tigres podem usar.

Não sabes, linda Ignez, quanto hei soffrido!  
 calado! devorando a sós comigo  
 este amor que me roe! que ardentes lagrimas  
 tenho chorado! que insoffridos beijos  
 tenho dado na terra que pisaste!  
 nas flores que deixavas! n'uma luva  
 que achei, tua, uma vez! na tua sombra!  
 no teu nome, que risco pela areia!.....  
 Não; tu não sabes, linda, tu não sabes  
 que amor, que immenso amor, que devorante  
 amor abraza ha muito esta existencia!

(Ajoelha.)

Vês? a teus pés, chorando, amesquinhando-se,  
 vês o perdido..... cuja mão de ferro  
 senhoreia a tua vida.

Vem! supplico-te  
 uma vez; vezes mil; vem; tudo é prestes;  
 é facção que planejo ha largos annos.  
 Vais ceder, ou cair, Ignez.....

(Ouve-se em maior distancia a buzina do Infante D. Pedro.)

IGNEZ, como que refugiando-se no seio do Infante.

Meu Pedro!

não me podes valer!!

DIOGO, supplicando-a de mãos postas.

Não me espedaces,

Ignez! pouco ha me espedaçaste. Ouvi-te,  
mudo, sombrio, arfando de ciumes,  
dizer-lhe aquelle adeus! mandar-lhe beijos!  
e uma charpa!.... Ouvi tudo.

IGNEZ.

Ai! que ouviu tudo!

meus segredos de amor!

DIOGO.

Dentro no barco,

agachado, a tremer, e supitando  
o fôlego, me estava. E elle invejava  
ao barqueiro. Era eu.

IGNEZ, correndo para o fundo.

Pedro!

DIOGO, erguendo-se, e espedaçando de raiva o pellote.

E porfias,

vil mulher!.....

IGNEZ, pondo as mãos, com a maior expressão de angustia, e  
olhando para os berços.

Pobres filhos da minh'alma!

essas mãos pequeninas, que não podem  
brandir um ferro que me vingue!

DIOGO, agarrando-a pelo pulso.

Vinde. ...

IGNEZ.

Deixae-me vós, senhor! Virgem! valei-me'  
não me vedes sosinha e sem defesa  
nas garras da panthera?

DIOGO, quasi arrastando-a.

Vinde! vinde!

a barca nos aguarda. E se a alvorada  
nos acha aqui.....

IGNEZ, debatendo-se.

Deixae-me!

(Com a luta Ignez cafu de joelhos, e desgrenhou-se; põe as mãos e  
implora na maior afflicção a Diogo Lopes.)

Cavalleiro!

vós já não tendes mãe (como a que eu tive;  
como a que alem assiste a esta vergonha)!

(Aponta para o retrato, que pende da parede.)

Vós já não tendes mãe; mas se a tivestes,  
pensae que amargo pranto ella não chora  
'á no ceo, se vos vê!

DIOGO, arrastando-a

Vinde!



IGNEZ, continuando.

Mas tendes

irmã, senhor; pois vêde: que farieis  
se ousassem pôr-lhe mão; se polluissem  
essa triste e indefeza creatura!  
longe de vós!

DIOGO, largando-a, e afastando-se d'ella no maior tormento

Ignéz! que aos dois nos perdes!

IGNEZ, arrastando-se atraz d'elle.

A vossos pés me rójo. Os meus filhinhos  
se podessem fallar!.....

DIOGO, fora de si.

Basta!

(Ouve-se outra vez a buzina, com a sua toadilha namorada e  
tristonha.)

IGNEZ.

Prometto.

juro occultar ao meu senhor Infante  
que viestes aqui.

DIOGO, como mordido de uma áspide

Demonio! e ousastes

fallar-me n'elle!

IGNEZ.

Ceos!

DIOGO.

Supplicio eterno!

IGNEZ, levantando-se e correndo para a janella.  
Vale-me, Pedro! Pedro!

DIOGO.

Oh! traspassado  
te eu visse, e o coração pelas espadoas  
te arrancasse esta mão, damnado Infante!

IGNEZ, ameaçadora.

Miseravel!!!

(Sente-se rumor junto da porta falsa. Ambos ficam immoveis e  
silenciosos, escutando na maior anciedade.)

UMA VOZ, de fora.

Diogo!

DIOGO, depois de pequena pausa.

Pero amigo,  
sois vós?

A VOZ DE PERO COELHO.

Sou eu.

IGNEZ.

Ai! que horroroso transe!  
Se eu pudesse gritar!...

DIOGO, correndo para Iгнеz.

Vês? és cercada.

Impossível a fuga. A acompanhar-me,  
estás salva. Senão...

(Desembainha o punhal. Pausa.)

A VOZ DE PERO COELHO, de fora.

Já rompe o dia,  
cavalleiro; não ouves as calhandras?

DIOGO, correndo atraz d'ella.

E mistér acabar. Ou viva ou morta,  
és minha.

IGNEZ, fugindo-lhe em carreira desordenada pelo quarto, de canto  
a canto.)

Ave Maria! Santa Virgem!  
cavalleiro! piedade! uma palavra!  
uma palavra só!

### SCENA VII.

OS PRECEDENTES e PERO COELHO.

PERO, abrindo cauteloso a porta falsa

Se não avias,  
estás perdido.

DIOGO.

Ignez, vem...

(Segura-a fortemente pelo braço esquerdo; Pero Coelho faz outro tanto pelo direito.)

IGNEZ , debatendo-se.

Nunca! nunca!

miseraveis covardes!

DIOGO , fora de si, apunhalando-a.

Morre! morre,  
mulher por quem fui morto.

IGNEZ , voltando-se supplicante para Pero Coelho.

E vós não vedes?  
acudi-me, senhor! tende piedade!  
Valha-me a minha Santa Senhorinha!  
valha-me São Gervaz!

PERO.

Silencio!...

IGNEZ.

Ai! misera!

(Caindo ferida, e aos gritos.)

Ceos! Pedro! Pedro!

(Ouve-se outra vez a buzina do Infante.)

Meu Infante! acode-me!  
Tu não vês que me matam?

(Arrasta-se a esvaír-se para a banda dos berços, e grita em voz que se extingue.)

Vós, meus filhos!...

Pedro! morrer sem ti!... Pedro!

(Expira, caindo de bruços junto aos berços.)

(Pausa longa de silencio.)

DIOGO, aterrado de si.

Fujamos!

E morta!...

PERO, em tom solemne.

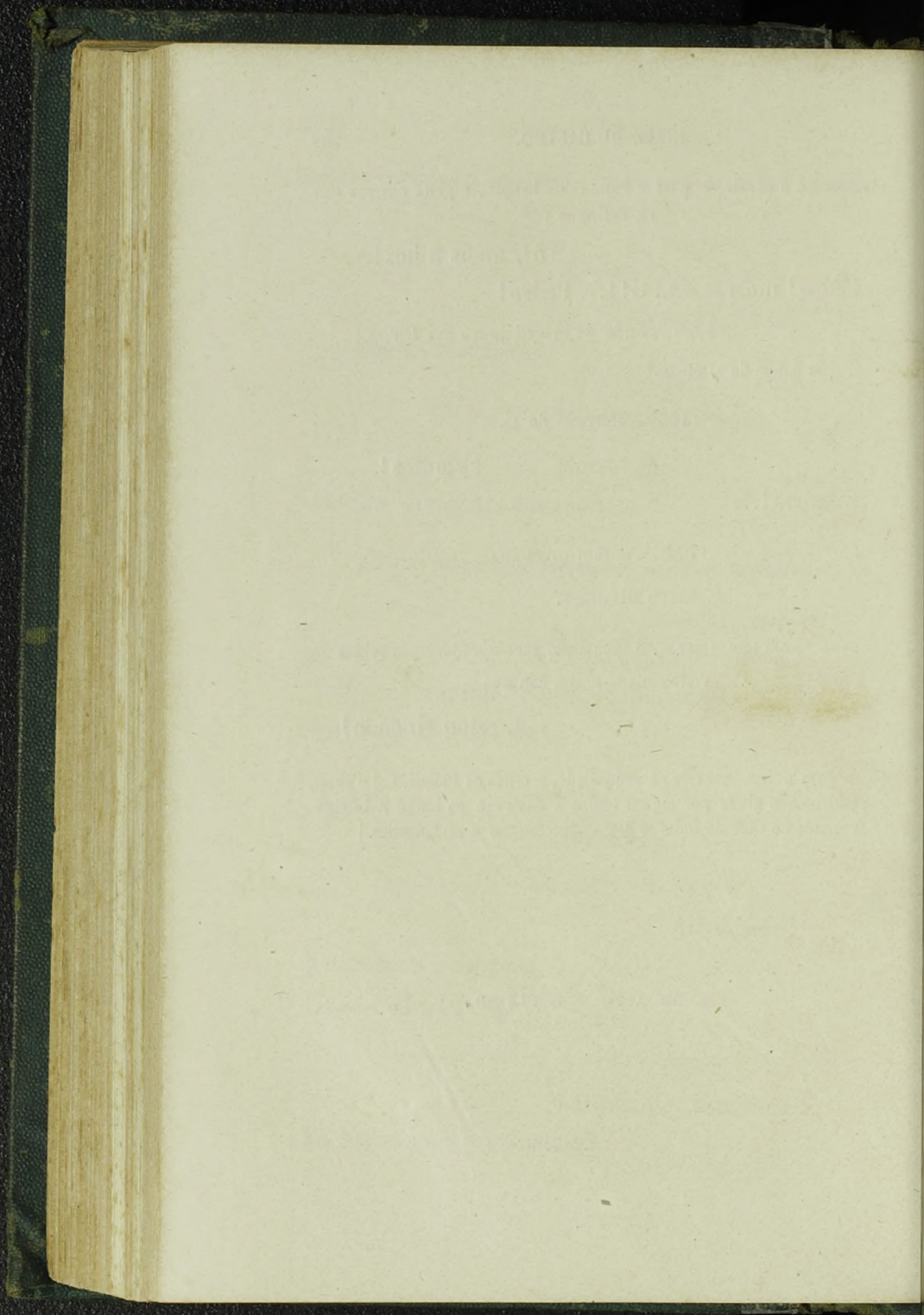
É salvo o reino.

DIOGO, em tom amargo, e apontando para o cadaver, que jaz enovelado a um canto.

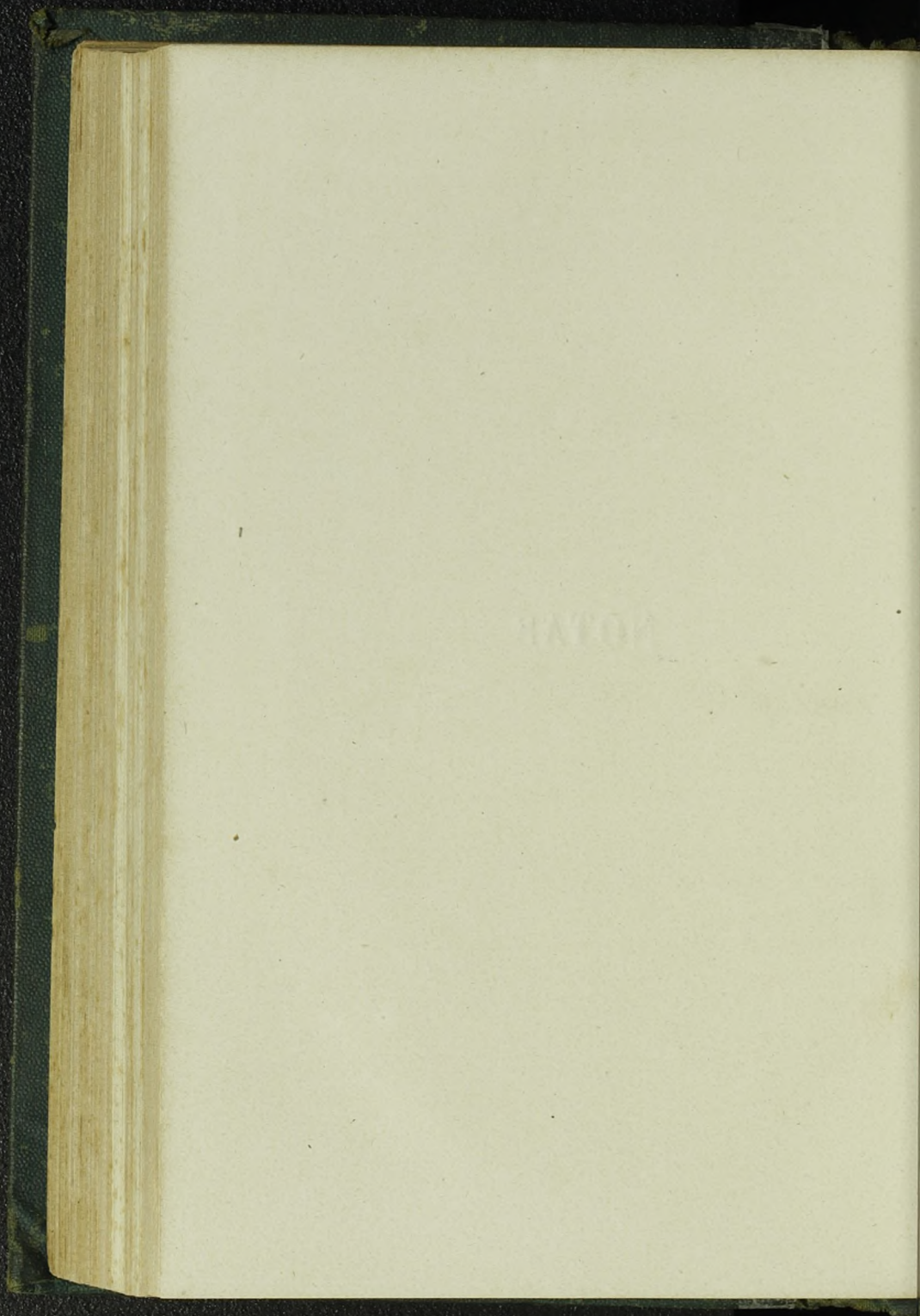
E estou vingado!

(Olha para o ceo, convulso e aniquilado, e cruza os braços. Cai o pano, continuando ainda por algum tempo a ouvir-se ao longe a buzina. tangendo no vago da noite o seu apúpo sereno e melancolico.)

FIM DO ACTO V E ULTIMO.



NOTAS





## NOTAS

---

### I

#### RETRATOS DE D. IGNEZ DE CASTRO

É lastima que Portugal tenha descurado conservar as effigies authenticas dos seus filhos notaveis. Quem procura retratos de antigos portuguezes, só encontra (quando os encontra) sophismas, mentiras sem vislumbre ao menos de verosimilhança.

É correr um por um os nossos Reis; raro será aquelle, de quem possamos affirmar que possuímos o transumpto fiel. Não admira tal mingua a respeito dos antigos Soberanos, que viveram em tempos tão alheios ás artes bellas; nos nossos dias, de Monarchas contemporaneos faltam retratos fidedignos, como é notorio.

O que se dá com varões tão conspicuos na escala social, mais facilmente havia de dar-se com outros portuguezes de somenos estatura. Raros serão dos nossos escriptores, guerreiros, pintores, escultores, descobridores, ou estadistas,

NOTAS.

os de quem a escultura, a pintura, ou a gravura, tenha perpetuado as feições. As figuras aleijadas e ignobeis, que por ahí correm com o nome de alguns, serão tudo, menos retratos.

Esta pobreza nacional sentiu-a o prestante e laborioso Pedro Jozé da Fonseca, autor do livro *Retratos e ellogios de varões e donas*, quando andou armazenando aquella serie de inoffensivas calumnias artisticas em honra de personagens que illustraram Portugal. E tal é a penuria, que alguma coisa se deve ainda assim a esse collecter de arremedos burlescos de physionomias, que andavam dispersos e esquecidos.

Restrinjamo-nos por hoje ao assumpto principal d'este artigo.

A D. Ignez de Castro que lá vem nos citados *Retratos e ellogios* é valiosa pela sua procedencia, por ser copiada de um antigo painel, que existia, ainda em 1817, em casa dos senhores Condes do Redondo. Era (como diz o collecter *um quadro não mui grande, de excellente pintura gothica em taboa*; representava Ignez de Castro *nas feições de viva tanto ao natural, que pareceu acertado preferir-se a outro..... etc.*

Desejámos ver o quadro gothico da casa do Redondo; mas por infelicidade foram baldas todas as diligencias, que obsequiosamente se fizeram por parte dos actuaes illustres representantes d'aquella familia, para descobrir quadro por mil motivos tão precioso. Desappareceu. D'elle só resta pois a alludida gravura (provavelmente infidelissima) desenho de Cunha, gravura de Quinto, e que John Adamson reproduziu em 1820 nas suas *Memoirs of the life and writings of Luis de Camoens*.

Outra effigie existe da mesma Princeza na Academia Portuense de Bellas Artes. Da sua procedencia, valia artistica,

e authenticidade, nada diremos aqui, por andar o erudito e respeitavel escritor o senhor Marquez de Rezende a trabalhar n'uma obra, onde a pessoa e o retrato de Ignez de Castro vêm (segundo nos consta) desenvolvidamente estudados. Aguardamos anciosos o apparecimento do livro, que o muito saber e a constante applicação de S. Ex<sup>a</sup>. nos asseguram dever ser interessantissimo.

Outro mui provavel retrato existe finalmente da misera e mesquinha : é a estatua do seu tumulo em Alcobaga. Para acariadores severos, pouca fé pode merecer aquella rude producção de um obscuro canteiro portuguez do seculo XIV. É o canteiro ainda parente esthetico do escultor e do architecto ; sim ; mas parente arredado, e talvez por bastardias. De crer é porem que se esmerasse o artifice em reproduzir os lineamentos principaes e caracteristicos da formosa *collo de garça*, a tel-a conhecido. É até muito de presumir que seguisse no trabalho alguma pintura, ou desenho copiado do vivo, e que nada ommittisse para tornar tão completa quanto possivel a semelhança. Que milagres não pediria aos ceos o escopro do pobre artista !

Reproduzimos portanto n'este livro (e pela primeira vez que nos conste) a formosa cabeça da estatua funebre ; não só por ser talvez esta a imagem mais antiga da assassinada, no seu traje posthumo de Rainha, com a sua corôa realenga, que ficou sendo uma auréola de martyr ; mas tambem porque pertence ao celebre moimento que á memoria d'ella erigiu o inconsolavel Rei.

Pode bem ser que para um contemporaneo da tragedia de Santa Clara aquella escultura pouco lembrasse da figura e da physionomia da já legendaria dona. Para nós outros, que não temos por onde afferir-lhe ao certo a semelhança, e podemos suppôr não ter sido obra de pura reminiscencia, é aquella figura branca, adormecida ha cinco

seculos nas suas longas roupagens, uma saudade, um reflexo vago do que existiu, uma piedosa reliquia para os visionarios do que lá vai!

## II

## PESSOAS DO DRAMA

Pag. 3, lin. 2.

## EL-REI D. AFFONSO IV.

É curioso aproximar do rapido retrato que bosquejámos ali o que apresenta D. Antonio Caetano de Sousa na Historia Genealogica, tomo I, pagina 312.

*Era El-Rei de aspecto e forma veneravel, de estatura avultada e vigorosa, a testa dilatada mas com rugas, rosto largo, nariz proporcionado, boca grande, cabello castanho claro e crespo, barba partida e larga.*

## III

Pag. 3, lin. 8.

## O INFANTE D. PEDRO.

A Europa portugueza de Manuel de Faria e Sousa descreve-o assim :

*Fue grande de cuerpo, de Real presencia, frente espaciosa, ojos negros y hermosos en la conversacion alegres, cabello rubio un poco escuro, rostro largo. (T. II, part. II, cap. iv, § 25.)*

## IV

Pag. 4, lin. 5.

DIOGO LOPES PACHEGO, 51 ANNOS.

A idade que a este tempo devia ter Diogo Lopes, tirámola de uma phrase da Chronica d'El-Rei D. João I por Duarte Nunes, cap. xxix; diz o autor: *por ser (Diogo Lopes) de idade de oitenta annos, e não se atrever a ir outra vez pelo mundo, como já fizera, determinou vir-se de Castella a Lisboa*, etc. O chronista refere-se ao anno do cerco de Lisboa por El-Rei D. João I de Castella, 1584; o que dá nascido em 1504 a Diogo Lopes, e mostra que em 1555 elle tinha mais de 50 annos. A paixão é pois um tanto serodia; o que aliás bem pode contribuir para dar-lhe aquelle character desesperado, e aquelle azedume e soffreguidões de quem vê fugir a mocidade.

Sæpe venit magno sænore tardus Amor

disse Propercio.

Terminando esta nota, julga o autor dever confessar que, pelas licenças de dramaturgo, entendeu poder apaixonar assim a Diogo Lopes, o qual em realidade era casado com D. Joanna Vasques, filha de D. Vasco Pereira e de D. Ignez da Cunha. Como porem não constava a data d'esse casamento, suppôz-se que se teria realisado depois de 1555; o que a final bem pode ter sido.

O character tenebroso, dob'le, egoistico de Diogo Lopes Pacheco vem sobejamente exposto n'uma memoria especial, em que o autor do presente drama compendiou a vida (tão pouco sabida) d'esse homem notavel, memoria que por suas largas dimensões não coube entre estas notas, mas que brevemente verá a luz.

## V

Pag. 4, lin. 11. "

ALVARO GONÇALVES.

É a Monarchia Lusitana (salvo o erro) quem conjectura ser o Meirinho mór Alvaro Gonçaves filho de Gonçalo Vasques de Azevedo.

## VI

Pag. 4, lin. 15.

D. JORGE, BISPO DE COIMBRA.

Foi o primeiro d'este nome. Já era Bispo de Coimbra em 1538. Governou até 20 de Fevereiro de 1557, dia e anno em que falleceu. Foi sepultado defronte do altar de Nossa Senhora na Sé de Coimbra.

*Catalogo chronologico-critico dos Bispos de Coimbra* pelo Beneficiado Francisco Leitão Ferreira, inserto nas Mem. da Acad. Real de Hist., vol. de 1724.

## VII

Pag. 4, lin. 18.

GONÇALO VASQUES DE AZEVEDO, ESCRIVÃO DA PURIDADE.

Eis o que diz o sabio Francisco Manuel Trigoso de Aragão Morato na sua *Memoria sobre os escrivães da puridade* (inserta no tomo XII das Memórias da Academia):

REINADO DE D. AFFONSO IV. — *Não achando nem nos chronistas, nem nos documentos d'este reinado pessoa al-*

*guma designada com o titulo de escrivão da puridade, só notarei que o autor da genealogia dos Sousas da casa da Barca (impressa em Lisboa em 1748) deixou escrito que Gonçalo Vasques de Azevedo, Senhor do couto de Azevedo, fôra escrivão da puridade d'El-Rei D. Affonso IV.*

É seu descendente o Snr. Francisco Lopes de Azevedo Velho da Fonseca, 1º Visconde e 29º Senhor da villa e couto de Azevedo, na provincia do Minho, escritor muito distincto e conhecido na nossa terra.

## VIII

Pag. 4, lin. 21.

## ZEBRÃO E BELIAL.

Era conveniente, se não indispensavel, o apparecimento dos anões n'um quadro historico do tempo. Que papel não representaram durante seculos aquellas malaventuradas creaturas! e tão generalisado estava este requinte *sui generis* do luxo dos grandes senhores, que até as Rainhas modelos o possuiam. A anã favorita da Rainha D. Brites era Maria Migueis, como se lê no testamento da mesma senhora, que lhe deixou de lembrança trezentas livras, reis 147,000 da nossa moeda de hoje.

## IX

Pag. 6, lin. 9.

## FREY GERARDO, REITOR DAS ESCOLAS.

Acerca d'este personagem podem suscitar-se bem fundadas duvidas. Não é certo se elle entrou para esse cargo em 1350, ou em 1312 (!) Pode ver-se em Leitão Ferreira, No-

ticias Chronologicas da Universidade, pag. 144. O autor d'este drama, desejoso de tratar o Reitor pelo seu nome, accitou das duas versões a que vinha mais proxima ao anno de 1555.

Repetimos : isto não é historia ; é drama.

## X

Pag. 9, lin. 2.

*Descripção do scenario.* — ... O paço de Santa Clara a velha na margem esquerda do Mondego...

Saindo de Coimbra, e enfiando pela ponte, encontrava-se da parte esquerda o mosteiro de Santa Clara (a velha) cujo logar hoje marcam apenas umas pobres ruinas quasi sem feição. A esse mosteiro, fundado de seu principio por D. Mór Dias, nobre dama do seculo XIII, mas concluido, generosamente dotado, e consideravelmente ampliado pela Rainha Santa, eram adjacentes um paço real, e um hospital, tudo fundação da piedosa Soberana.

É no paço que (pela liberdade que teem pintores e poetas) corre a acção do presente drama. N'este seu mosteiro habitou em sua viuvez a Rainha Santa, e na Igreja foi sepultada. Foi este edificio theatro de muitos factos historicos importantes, que omittimos. Só diremos que no paço morou e foi assassinada, e enterrada na Igreja, a Infanta D. Ignez de Castro.

A melancolica fonte dos amores na celebre Quinta das Lagrimas, pertencente ao Digno Par o Snr. Miguel Osorio Cabral de Castro, está hoje pois, á vista das investigações ultimas, defraudada de parte do prestigio que a lenda poetica ha seculos lhe prestava ; o que aliás não rouba a esses logares, já consagrados, o encanto que recebem da solemne paizagem



que os circumda, e o que não fará d'elles certamente uma peregrinação menos devota aos romeiros, que de toda a parte do mundo ali vão contemplar, com tanta fé, o sangue e os cabellos da *miseræ e mesquinha*.

O proprio Sr. Miguel Osorio, cavalheiro instruidissimo, e que por gosto, e quasi por dever de proprietario consciencioso, estudou este assumpto a fundo, tem como certo não ter sido na *fonte dos amores* o desfecho da tragedia, mas sim no proprio paço, como se lê a pag. 197 do livro *Viagem dos Imperadores do Brasil em Portugal* pelos Srs. J. A. Côrte-Real, M. A. da Silva Rocha, e A. M. Simões de Castro, Coimbra 1872. Ah! se descreve a visita com que SS. MM. II. honraram a magnifica residencia hereditaria do Sr. Miguel Osorio, e se menciona a conversação entre S. M. o Imperador e S. Ex<sup>a</sup>.

Acerca do logar d'este assassinio, publicou um estudioso litterato o Sr. Antonio Francisco Barata um bom artigo no *Conimbricense* de 6 de Janeiro de 1872; e o Sr. Doutor Augusto Filippe Simões publicou uma interessante descripção das ruinas do paço e mosteiro, n'um dos primeiros numeros do jornal *Artes et Letras*.

A *Monarchia Lusitana, a Historia da vida, morte, milagres, etc., de Santa Izabel*, por D. Fernando Corrêa de Lacerda, e muitos outros livros, fallam largamente do mosteiro, hospital, e paço de Santa-Clara.

## XI

Pag. 9, lin. 4.

..... ornamentadas com as armas reaes  
de Portugal e de Aragão em duas pallas.

Imaginámos que esse brazão, que por seu pae e seu ma-

rido pertencia á Rainha Santa, poderia adornar n'um ponto ou n'outro a architectura de uma casa, verdadeira fundação de tão nobre senhora.

## XII

Pag. 15, lin. 22.

..... Sangue de Castro e Valladares

D. Ignez (primeiro chamada na cõrte Ignez Pires, e só depois D. Ignez de Castro) filha de D. Pedro Fernandes de Castro (que tem nas chronicas por distinctivo *o da guerra*) foi havida por elle em D. Aldonça Lourenço de Valladares *donzella de sua casa*, como lhe chama o Conde D. Pedro de Barcellos no seu Nobiliario. Abi se pode ver a genealogia de D. Pedro Fernandes de Castro, cuja casa remonta a D. Fernando, filho illegitimo de um Rei de Navarra. Dos Valladares resa o mesmo livro.

## XIII

Pag. 15, lin. 14.

De tamanina a conheci. Dom Pero  
seu pae, era irmão meu, por mutuo affecto.  
..... Foi a mim, foi n'estes braços  
que elle entregava Ignez inda menina,  
quando o destino a trouxe apoz Constança.

É ficticia esta amizade fraternal que ligava o bom Annes de Almada a D. Pedro de Castro, amizade a que o velho portuguez allude com desvanecimento em varios passos d'esta obra; mas é altamente verosimil, visto como D. Pedro de Castro, castelhano de nascimento, foi criado em Portugal por El-Rei D. Diniz, de quem, assim como de seu filho,

recebeu grandes mercês; dil-o Manuel de Faria e Sousa na *Europa portugueza*, tom. II, part. II, cap. III, § 26.

## XIV

Pag. 15, lin. 14.

Dom Pero  
seu pae era irmão meu por mutuo affecto.

Duas palavras a respeito do notavel cavalleiro D. Pedro Fernandes de Castro.

Foi filho do celebre D. Fernando Rodrigues de Castro e de sua mulher D. Violante Sanches filha natural d'El-Rei D. Saicho o bravo, de Castella, e meia irmã da nossa boa Rainha D. Brites. Por morte de D. Fernando acolheu-se D. Violante ao mosteiro das Commendadeiras do Espirito Santo de Salamanca, deixando no seculo, por digno representante seu filho D. Pedro. Creou-se este nobre castelhano, não sabemos por que motivo, na corte de Portugal, e sob os auspícios d'El-Rei D. Diniz. Já cá estava quando em 1309 veio sua tia D. Brites desposar o Principe D. Affonso, depois Rei. O exemplo dos nossos cavalleiros, com quem de certo conviveu e se amestrou, e as tradições gloriosas de D. Fernando Rodrigues de Castro, a tanto lhe elevaram os brios de guerreiro, que pelo seu espirito valoroso, e pelas muitas refregas em que se achou, mereceu dos contemporaneos que o denominassem *o da guerra*.

Parece que já se achava ao serviço de Castella quando em 7 de Setembro de 1312 succedeu o Rei menino D. Affonso XI a seu pae D. Fernando IV. Teve D. Pedro Fernandes de Castro (mancebo de vinte e tantos annos quando muito) que padecer com os euredos de emulos, quem sabe se por causa das ambições desenfreadas dos varios pretendentes á Re-

gencia na menoridade do Soberano! Tornou-se a Portugal, confiscados os seus haveres em favor de D. Alvaro Nunes de Osorio, haveres que a final veio a recuperar por morte de D. Alvaro, assassinado á traição.

Occorreu por este tempo o famoso duello, em que tres dias, de sol a sol, pe'ejaram D. Ruy Paes de Viesma antepassado dos Condes de Monterrey e Payo Rodrigues de Avila, tronco dos Marquezes de las Navas; duello medonho que só deu fim por ordem e expressa interposição do Rei, sem vantagem conhecida para qualquer dos contendores.

Nas côrtes de Valladolid se reconheceu El-Rei D. Afonso XI capaz de reinar por si mesmo. Parece que eram já desvanecidos os embustes que afastaram para longe a D. Pedro de Castro, porque ao acto com que em 1551 em Burgos se coroou solememente o Rei, depois de armado cavalleiro em Santiago de Galliza, assistiu o mesmo D. Pedro, e na cerimonia recebeu provas de alto apreço.

De então em diante vêmol-o sempre acompanhar o Monarcha em todas as jornadas contra moiros, e ajudal-o com o seu conselho, com a sua experiencia, e com o seu valor. Achou-se nomeadamente em Outubro de 1540 na batalha do Salado, e veio a fallecer cercando Algesiras em 1545.

Foi casado duas vezes, segundo diz na folha 24<sup>a</sup> o *Livro velho das linhagens*: a primeira vez com D. Beatriz so-brinha d'El-Rei D. Diniz; sem geração; a segunda com D. Izabel Ponce de Leão, da qual teve D. Fernando Rodrigues de Castro e D. Joanna de Castro, que em segundas nupcias casou com o Rei D. Pedro de Aragão.

De Aldonça Lourenço de Valladares, donzella nobre da casa de D. Izabel Ponce, houve D. Pedro fora do matrimonio a Alvaro Pires de Castro, que veio a ser o nosso Conde de Arayolos, bem conhecido nas chronicas, e a Ignez Pires, protagonista d'este drama.

A maioria d'estas noticias foram tiradas do livro intitulado *Della Nobiltà dell' Italia* por D. Francesco Zazzera; Napoles, 1615.

## XV

Pag. 16, lin. 12.

Pois não hei-de lembrar me! inda a estou vendo,  
a Rainha Izabel, a esposa santa  
do meu Rei Dom Diniz!

Que doce refrigério da alma não é pensar n'aquella angelica Soberana! Quiz o autor d'este drama commemorar-lhe (inda que só de fugida o podesse fazer) a longa vida austera e santa, estrada ingreme, porem tão segura, da sua bema-venturança.

O resplendor das virtudes extraordinarias da Rainha Izabel ainda hoje cõa na alma do povo, que foi tão seu, um suavissimo clarão. O seu culto não é só o culto official com que a Igreja de Roma lhe consagrou a heroicidade, a fé, a constancia, a abnegação, o desprendimento, a doçura, a caridade; o seu culto celebra-se espontaneo entre bençãos no intimo de todos os corações.

Vem muito a proposito citar os fragmentos da lenda da santa transcriptos pelo Snr. Visconde de Figanière nas notas do seu consciencioso e eruditissimo livro *Memorias das Rainhas de Portugal*, que infelizmente não passou do primeiro volume.

## XVI

Pag. 16, lin. 14.

.... Dom Diniz (que em paz descance  
no seu grande moimento de Odivellas).

A duas leguas de Lisboa, n'um dos sitios mais amenos

d'estes arredores, se levanta, no extremo de uma populosa freguezia, o mosteiro historico de S. Diniz de Odivellas, fundado por El-Rei D. Diniz. Por traz da capella mór, no sitio onde se vêem os ultimos vestigios da primitiva architectura do templo, um gothico formosissimo que faz lembrar Alcobaga, visita algum raro curioso, a quem os sacristães permittam (em hora de bom humor) essa veleidade ociosa, o venerando moimento onde dorme o grande Rei Lavrador, pae das nossas letras. É um sanctuario historico de alta valia, menos bem tratado porem dos homens, que dos seus trabalhados cinco seculos.

## XVII

Pag. 17, lin. 1.

..... a nossa Rainha, sua nora,  
segue de perto o exemplo.....

E como não o havia de seguir! A Rainha Santa Izabel foi, porque assim o digamos, a segunda mãe da Rainha D. Brites, desde que esta, Infanta ainda e muito moça, pois só contava dezasseis annos, veio para Portugal em 1509 ser esposa do herdeiro do reino o Infante D. Affonso, depois Rei. Foi a companheira constante, e a discipula em Christo da virtuosa Rainha, que hoje veneramos nos altares. O retrato que do character da senhora D. Brites fazemos n'este drama é verdadeirissimo, ousamos affirmal-o; e comnosco o attestariam os que estudaram e vida e as acções d'esta inclyta Princeza, que de sua mãe Maria de Molina, para sempre memoravel na revoltosa historia de Castella, herdou com o sangue as grandes prendas do officio de reinar.

Diz D. Fernando Corrêa de Lacerda a pagina 76 de sua Vida de Santa Izabel o seguinte, que bem comprova o que affirmámos: *Á Infanta D. Brites se não deu casa por ser*

*n'aquelle tempo muito menina; a Rainha Santa tomou á sua conta a sua educação; e como de mãe substitua o logar, não faltou a algum encargo do logar que substitua.*

## XVIII

Pag. 19, lin. 8.

Não n-o ousará; seu padre é Rei.....

Em muitos passos d'este drama, se encontram as palavras *padre* e *madre*, e n'outros *pae* e *mãe*. Poderá alguém atacar isso como incoherencia. Responderemos o seguinte.

Na linguagem dos personagens d'este livro quizemos empregar um portuguez valente, e quanto possivel rico. Tomámos por typo a lingua opulenta dos bons escritores do seculo XVI, visto que a genuina algaravia portugueza do seculo XIV seria inintelligivel para hoje. Commettemos de certo (somos promptos em confessal-o) um anachronismo linguistico; mas desenganemo-nos: era o unico expediente adoptavel. Quantos anachronismos não commetteu a pintura!

Quanto pois ás palavras *padre*, e *pae*, *madre*, e *mãe* usadas promiscuamente pelos mesmos personagens, só notaremos que os grandes quinhentistas Barros, Sá de Miranda, Gil Vicente, etc., usaram *madre* e *mãe*, *padre* e *pae*; o que prova que ainda no tempo d'elles o publico empregava esses vocabulos indistinctamente. Hoje a accepção de *padre* e *madre* é muito mais restricta do que então era, posto que (sem o cuidarmos) dizemos *um padre* (sacerdote) querendo significar um *pae* espiritual; *padre* *nosso*; os *santos padres*; os *padres da Igreja*; o *padre santo*; os *padres conscriptos*; *padre espiritual*; a *madre Igreja*; a *madre de Deus*; as *madres* do convento; etc., etc.

## XIX

Pag. 25, lin. 11.

Novo enlace, que pode acaso um dia  
roubar o throno ao Infantinho.....

Este Infantinho era o Infante D. Fernando filho do Infante D. Pedro, e depois El-Rei D. Fernando. Tinha nascido em 1545 ; tinha pois em 1555, nove annos.

## XX

Pag. 25, lin. 19.

. . . . . os ciumes  
que poseram em fogo o nosso reino,  
por El-Rei D. Diniz e o Infante Affonso ;  
por Affonso, hoje Rei, e Affonso Sanches,  
o Senhor de Albuquerque.

Allude-se primeiro ás porfiadas desavenças d'El-Rei D. Diniz com seu filho, depois Rei, por varios motivos, entre elles os ciumes que este nutria de seu irmão bastardo Affonso Sanches Senhor de Albuquerque. Allude-se depois ás guerras dos mesmos dois irmãos, depois do Infante D. Affonso ter subido ao throno.

## XXI

Pag. 24, lin. 8.

. . . . . O Duque  
de Penafiel Dom João Manuel, o sogro  
do Infante, não soffria esta alliança.

Era o pae da Infanta D. Constança Manuel, primeira mulher do Infante D. Pedro. Foi este D. João (segundo um bom



genealogista o Sur. João Carlos Feo na sua *Resenha*) Príncipe de Vilhena, Senhor de Escalona e Penafiel, Adiantado mór da fronteira e do reino de Murcia, Mordomo mór, etc.

## XXII

Pag. 26, lin. 15.

Em vinte annos, Lisboa rompe a cerca  
da Lissibona velha. . . . .

Foi prophesia a phrase da camareira. Em 1575, a 30 de Setembro (dezoito annos depois d'esta scena ficticia) dava El-Rei D. Fernando principio á sua cerca, a segunda que Lisboa teve, de que inda tantos vestigios nos restam, e que antes de tres annos era concluida.

Era urgente a necessidade de uma muralha abrangendo a parte oriental de Lisboa, que extravasara pelo oiteiro da Alcaçova, e alastrava já de casaria nova aquellas encostas até para alem do *recio*. N'esse arrabalde viviam extra-muros os mais abastados, gozando a um tempo a boa sombra da cidade, e as auras livres do campo.

Quando, em tempo d'El-Rei D. Fernando, El-Rei D. Henrique de Castella marchava em som de guerra sobre Lisboa, diz o bom Fernão Lopes que *os de Lisboa... foram postos em muito cuidado, por a gram perda que de receber entendiam, porque a cidade era toda devassa e sem nenhum muro, hu havia mais gente; e nom tinha outra guarda nem defensom, salvo a cerca velha, que é des a porta do ferro até porta d'Alfama, e des o chafariz d'El-Rei até porta de Martim Moniz, e toda a outra cidade era devassa, na qual moravam muitas gentes avondadas de grandes riquezas e bens, etc., etc.*

A essa invasão castelhana de 1575 deveu pois Lisboa a sua segunda cerca de muralhas.

Que diriam Aldonça e Heloiza se lhes mostrassemos que hoje Belem, Pedroiços, Campo-lide, Xabregas, são quasi Lisboa !

## XXIII

Pag. 26, lin. 21.

. . . . . a ermida  
que El-Rei Affonso Henriques pôz aos martyres.

Onde hoje se levanta a Igreja de Nossa Senhora dos Martyres era a capella fundada em honra aos guerreiros mortos na tomada de Lisboa martyres da Fé, e erecta no sitio mesmo que servira de cemiterio aos sitiantes.

## XXIV

Pag. 26, lin. 24.

Dizei-me, cavalleiro, eram já findas  
as obras lá na Alcáçova?

Os paços da Alcáçova de Lisboa foram, como é sabido, fundados por El-Rei D. Diniz, e eram uma residencia muito querida d'El-Rei D. Affonso IV. Não admira pois que no mesmo paço andassem por esse tempo algumas obras. Posêmos esses versos na bocca de Aldonça para de algum modo alludir ao augmento que principiavam a ter as construcções em Lisboa.

## XXV

Pag. 50, lin. 5.

O João Matheus, e este o Lourenço Palos.

É historico isso. Eram dois *trombeiros do Infante, com suas trombas de prata*; dil-o Acenheiro.

## XXVI

Pag. 30, lin. 23.

... Amadiz de Gaula, que ora chega  
de correr mil cançadas aventuras  
no seu cavallo branco...

Poderá á primeira vista parecer ao leitor anachronismo em 1555 esta menção do celebre romance de cavallarias, que tanto azo deu e dará para discussão de doutos. E no emtanto, não é grave o anachronismo, ou se o é estriba-se em opiniões. Fôra longo e improprio, e excederia as posses do autor do presente drama, debater n'estas notas fugitivas a grande questão da prioridade dos Amadizes. Não queremos contestar ao Lobeira a sua gloria; reconheçamos porem que esse interessante livro não saíu engehado, coordenado, e perfeito, do tinteiro de um só autor; foi a synthese de muitas lendas populares, foi o echo de muitas vozes. Era narrado, antes de girar impresso, e até antes de manuscrito. O heroe era já typo; e pela metade do seculo XIV não fôra estranho talvez ouvir-se a phrase que deu motivo a esta nota, antes mesmo que o autor castelhano, o autor francez, ou o autor portuguez (fosse elle quem fosse) tivesse aparado a sua penna immorredora.

Suppondo que elle fosse Vasco de Lobeira, é tão vaga a existencia d'esse cavalleiro escritor, que uns o fazem contemporaneo d'El-Rei D. João I, outros d'El-Rei D. Afonso IV, outros d'El-Rei D. Diniz; incerteza que (n'uma obra só dramatica) pode servir de argumento ao autor, mormente n'um ponto accidental como este.

## XXVII

Pag. 51, lin. 22.

O Infante D. Pedro em magnifico traje  
de caçada.

Para entrajá bem a nobre figura do Infante, ha muito que ver e estudar no capitulo XVIII do *Livro da ensinança de bem cavalgar toda sella* por El-Rei D. Duarte. É curioso observar como o espirito do Escriitor coroadado se compraz em descer a pormenores infimos, e a motiva-los, como prudente ensinador que é. Nada lhe esquece; tudo o desvela; para elle não ha minucias inuteis. Este livro, e o outro seu instructivo passatempo litterario, bem mostram que boa alma, que bom sabedor, e que *leal conselheiro* de si proprio era esse Principe, tão prematuramente roubado á patria, depois de um viver alanceado de revezes.

## XXVIII

Pag. 55, lin. 5.

Um moiraz bravo  
que andava a cumprir fado na figura  
de um cerdo, e quiz romper comigo lanças.

Se alguém taxasse de menos verosimeis as peripecias do longo combate, que ali se narra, do Infante D. Pedro com o javali, poderia responder-se-lhe que no viver dos nossos maiores figuravam os episodios de caça como aventuras usuaes a um bom cavalleiro. As montarias nobres eram ás raposas, aos lobos, aos porcos montezes, e até aos ursos, que nos primeiros seculos da monarchia infestavam as nossas serras. Recommendamos aos curiosos a esplendida relação de um

combate do Infante D. João filho de D. Ignez de Castro com um urso e um javali, feita pelo grande chronista Fernão Lopes no capitulo XCIX da sua Chronica d'El-Rei D. Fernando. Ha quasi sempre que aprender em Fernão Lopes; e onde não ha que aprender, ha sempre, e muito, que admirar.

## XXIX

Pag. 57, lin. 4.

. . . . . Em boa hora  
 és vindo, meu Almada, meu bom velho.  
 Dêste conselhos a meu pae, meu dono  
 ouviu-los; mais que os dois careço eu d'elles.

Tinha razão o Infante em dizer que já seu pae El-Rei D. Affonso, e seu avô El-Rei D. Diniz, tinham ouvido os conselhos do bom João Annes de Almada. Este veneravel cavalleiro viveu cento e dezanove annos. Foi védor da fazenda d'El-Rei D. Pedro I, e d'El-Rei D. Fernando. Casou com D. Urraca Moniz, que entra tambem n'este drama, e teve d'ella a Vasco Lourenço, que instituiu o morgado dos Almadás.

## XXX

Pag. 47, lin. 22.

Iguaes mensagens  
 já m'as trouxe Coelho; a cada hora  
 ordens, intimações.

Essa embaixada dos privados d'El-Rei D. Affonso ao Infante D. Pedro tem muito fundamento historico; o drama só alterou os nomes dos emissarios.

Diz Fernão Lopes no capitulo 179 da Chronica d'El-Rei D. João I: *Poisando o Infante n'aquelles paços de Santa*

*Clara, mandou lá El-Rei a Diogo Lopes Pacheco... e mestre Johanne, que era do seu conselho, pelos quaes lhe mandou dizer, etc., etc.*

## XXXI

Pag. 48, lin. 4.

. . . . . Mas poude outr'ora  
Dom Sancho, um Rei, casar-se baixamente,  
como lhe prougue, e o seu amor lhe impunha.

Esta tradição de haver El-Rei D. Sancho II casado *baixamente* (como dizem os chronistas) com D. Mecia Lopes de Haro, tradição seguida por Acenheiro, Duarte Nunes, o Nobiliario do Conde D. Pedro, Manuel de Faria e Sousa, etc., etc., acha-se combatida, por D. José Barbosa no *Catalogo das Rainhas*, de pag. 161 a 205. Adoptámol-a aqui, pondo-a na bocca do Infante, interessado mais que ninguem em tomar por argumento aquella acção de um tio bisavò. Hoje é que não pode deixar de julgar-se provado aquelle casamento Real, depois do que diz o Snr Alexandre Herculano a paginas 370 e 502 e seguintes do Tomo II da sua Historia.

## XXXII

Pag. 61, lin. 5.

. . . . . Tinha eu vinte annos.  
Era Agosto..., etc.

O casamento do Infante D. Pedro com a Infanta D. Constança Manuel foi, segundo prova D. Jozé Barbosa a pag. 295 e seg. do seu *Catalogo das Rainhas*, em 1340.

Diz Ruy de Pina no capitulo XLVII da sua Chronica d'El-Rei D. Affonso IV o seguinte :

*No mez de Agosto do dito anno trouxeram mui honradamente a dita Infanta (D. Constança) a Lisboa, que foi recebida grandemente, e onde se fizeram suas bodas com o dito Infante D. Pedro que era de idade de vinte annos, nas quaes houve grandes festas e muitos praseres, que El-Rei geralmente mandou tambem fazer por todos os logares do reino.*

## XXXIII

Pag. 61, lin. 22.

. . . . . Maior linhagem  
 não a sei. Já de Castro o honrado nome  
 trouva nas Hespanhas, quando ainda  
 nem nascera este reino.

É imitação talvez do que diz Ignez de Castro na scena I do acto I da tragedia de Ferreira :

Da antiga casa Castro em toda Hespanha  
 já d'antes do real sceptro d'este reino  
 por grande conhecida, inda meu sangue  
 do real sangue seu tinha grã parte.

## XXXIV

Pag. 63, lin. 23.

. . . . . Mentem  
 os que assacam a morte de Constança  
 aos ciumes, ao odio.

O autor engeitou, por menos verosimil, essa versão, e escolheu a que segue, entre outros, D. Jozé Barbosa no *Catalogo*, isto é : de que a Infanta D. Constança falleceu depois do parto do Infante D. Fernando, a 13 de Novembro de 1545.

A Monarchia Lusitana, P. VII, L. X, C. VI, diz que a Infanta falleceu de parto de sua filha D. Maria, mas ralada de desgosto.

É muito accumular. O autor d'este drama (repitamol-o) engeitou essas versões. Fallecer de parto e morrer de ciumes são coisas pouco parentas.

## XXXV

Pag. 64, lin. 17.

. . . . . e vós que amaveis  
como filha a gentil *collo de garça*.

Era a graciosa alcunha que na cõrte poseram a D. Ignez de Castro.

*Su rara hermosura le avia dado el renombre de CUELLO DE GARZA. Eur. port., Tom. II, Part. II, cap. III, § 45.*

*COLLO DE GARÇA intitulava a D. Ignez sua belleza, ou porque sobresaie entre os das mais aves, ou porque da fermosura da garganta recebiam sustento as perfeições do rosto. (Mon. Lusit., Part. VII, pag. 456.)*

## XXXVI

Pag. 67, lin. 9.

o quer que era de vós.

O autor poderia ter posto em vez d'isso ist'outro :

o que quer que é de vós ;

seria mais correcto ; preferiu porem ao horrivel cacophaton, em sitio onde tudo deve ser brando e mavioso, uma ligeira incorrecção, que é desculpada pelo uso. Quem pronuncia essa phrase na conversação rapida elimina o primeiro *que*, e diz effectivamente : *o que quer que era*.



## XXXVII

Pag. 69, lin. 24.

. . . . . E n'essa orla  
que teu grã Bisavò cingiu nas Quinas, etc.

Foi El-Rei D. Affonso III, segundo é fama, quem cercou o campo de prata, onde assentavam as Quinas desde El-Rei D. Affonso I, com uma orla ou bordadura de vermelho carregada de castellos de oiro lavrados de preto, com as portas e frestas azues, em memoria da sanguinolenta conquista do Algarve. Ferreira disse na se na n'co Acto I da Castro :

. . . . . o grande Affonso,  
no nome de Bolonha celebrado,  
que novas torres ajuntou ás Quinas.

## XXXVIII

Pag. 71, lin. 20.

. . . . . De Castella só recebo  
novas negras da minha pobre filha.

Allude-se aqui á Infanta D. Maria filha dos nossos Reis, e Rainha de Castella pelo seu casamento com El-Rei D. Affonso XI. É sabido que o viver domestico da nossa Infanta era tão desgraçado, em razão das escandalosas ligações de seu marido, que obrigou El-Rei D. Affonso IV a tomar d'isso estreitas contas a seu genro.

A este tempo já esta Rainha de Castella enjuvara, e se acolhera a Portugal, onde veio a fallecer em 1556. O drama porem pode não curar d'essas minucias.

## XXXIX

Pag. 78, lin. 19.

. . . . . Já não invoco  
esse grão tão chegado, que vincula  
meu sangue ao vosso.

Ignez de Castro era nada menos que filha de um sobrinho da Rainha D. Brites, e por consequencia sobrinha neta da mesma Rainha; porque D. Pedro Fernandes de Castro pae de D. Ignez era filho de D. Fernando de Castro e de D. Violante Sanches filha bastarda d'El-Rei D. Sancho de Castella pae da dita Rainha D. Brites. Era pois Ignez prima em segundo grau (ou sobrinha) do Infante D. Pedro de Portugal.

Alem d'isso, a outra Rainha D. Brites, mulher d'El-Rei D. Affonso III de Portugal, era tia da mulher d'El-Rei D. Affonso IV; tia avó de D. Pedro Fernandes de Castro; e tia bisavó de D. Ignez; sendo ao mesmo tempo bisavó do Infante D. Pedro; o que prova que D. Pedro e D. Ignez tinham por trisavó commum a El-Rei D. Affonso X de Castella; elle por sua mãe, ella por seu pae.

*Sic genus amborum scindit se sanguine ab uno,*  
disse Virgilio.

## XL

Pag. 80, lin. 9.

... meu padre, morto em Algesiras.

D. Pedro Fernandes de Castro morreu no cerco e tomada de Algesiras aos moiros por El-Rei D. Affonso XI de Castella, a 25 de Março de 1344.

## XLI

Pag. 84, lin. 12.

... Abem vós, meus olhos bellos,  
como vamos por cá ?

N'esta phrase, e em toda a scena, se revela a respeitosa e intima doçura das relações conjugaes dos dois Soberanos ; facto que pode mui bem coadunar-se com a indole austera d'El-Rei. Diga-se para abono de quem tão injusta e cruamente tem sido julgado pela posteridade : foi El-Rei D. Afonso d'entre todos os nossos antigos Monarchas o unico, que não fez incursões aventurosas para fora das fronteiras matrimoniaes.

## XLII

Pag. 85, lin. 12.

. . . . . Dar-se-hia  
que meu sobrinho Pedro de Castella  
pedisse...

El-Rei D. Pedro o Crú, de Castella, sobrinho neto da nossa Rainha.

## XLIII

Pag. 88, lin. 18.

Hoje por noite, estava  
Em Montemór.

O assassinio de D. Ignez foi a 7 de Janeiro. N'esse dia, diz a tradição, chegara de Montemór El-Rei; na vespera pois estaria n'essa villa; a 5 porem ainda estava em Coim-

bra, onde assignou uma carta concedendo varias isenções e privilegios á Universidade na pessoa dos seus magistrados, como se lê em Leitão Ferreira, Noticias chronol. da Univ. de Coimbra. Foi pois imprevisita e abruptamente que El-Rei marchou sobre Coimbra. Deixámos nos versos consiguada essa circumstancia.

## XLIV

Pag. 89, lin. 11.

São na Almedina os bravos de Castella?

Era a porta de Almedina uma das da cerca antiga da cidade; os veneraveis portões de ferro entendeu um certo município que lh'os havia de arrancar e destruir! Hoje é um arco de communicação da cidade alta com a baixa.

## XLV

Pag. 89, lin. 15.

O arco da traição.

A porta (ou arco) da traição ficava n'uma travessa ao cimo da Couraça de Lisboa. Foi demolida depois de 1854. Chamava-se no tempo dos moiros porta da Genicoca.

## XLVI

Pag. 91, lin. 5.

Gasta grão cabedal de suas rendas.

E podia gastal-o, que para isso era Pero Coelho homem de teres, segundo consta; esse verso pois tem sua razão de ser.

A Europa portugueza tom. II, part. II, cap. iv, § 4 dá-o

como muito rico. Na confiscação foram os seus bens para Vasco Martins de Sousa Chanceller mór.

Tambem era rico Diogo Lopes Pacheco. Entre outros seus haveres mencionaremos a quinta *da fonte da pimenta* em Cadafaes, citada pelo Snr. Augusto Soares de Azevedo e Barbosa de Pinho Leal no seu rico Diccionario *Portugal antigo e moderno*; e mais a celebre quinta de Bellas, pertencente hoje ao Snr. Marquez de Bellas. D'esta trata amplamente o Snr. Ignacio de Vilhena Barbosa no Archivo Pittoresco.

## XLVII

Pag. 91, lin. 10.

. . . . . A loisa  
talhei-a eu mesmo; já me aguarda, e breve,  
lá na Sé de Lisboa. . . . .

Ainda ali jazem aos dois lados da capella mór, não nas primitivas campas, mas em mausoleos de estilo modernissimo, El-Rei e a Rainha. Cuidado porem com um inflexivel Cerbéro municipal que lá está de atalaia; nem ler deixa os epitaphios o benemerito funcionario!

## XLVIII

Pag. 91, lin. 19.

Não tirou inda a brica de suas armas;  
seu banco de pinchar não é meu throno.

Em heraldica a palavra *brica* significa a peça accessoria posta no escudo dos fidalgos de cota de armas que não são chefes de linhagem; ora essa differença, ou quebra, nos Infantes de Portugal, que são fidalgos natos de cota de armas, é o chamado *banco de pinchar* de oiro; de dois pés no

herdeiro da corôa, ou Príncipe real; e de tres pés, com um escudete das armas maternas encostado a cada pé, nos outros Infantes. Assim, essa phrase d'El-Rei significa ser ainda seu filho mero Infante, pois não tirou ainda das suas armas a differença, ou quebra, ou distinctivo, ou *brica*, como o havia de fazer se fosse já Rei, isto é chefe da casa portu-gueza.

## XLIX

Pag. 92, lin. 11.

Mau filho? fui. Mas quê? não me arrastaram  
mil falsas suggestões? não fui trahido?  
Mal haja o trahidor.

Essas tristes discordias entre o grande Rei D. Diniz e o Infante D. Affonso nasceram de sizanias. Ruim praga é essa, que bastas vezes infesta as côrtes. Não lancemos pois toda a carga á conta do Infante rebelde; demos a seus donos os quinhões que pertencerem a D. Estevão, Bispo de Lisboa, e a outros enredadeiros. Chegaram a persuadir ao moço Infante de que á Santa Sé pedira secretamente El-Rei D. Diniz outorga para succeder no reino seu filho natural Affonso Sanches. Para tal intriga, lá tiveram elles os seus motivos, mais ou menos confessaveis. Pelo que d'ahi seguiu, e pela maneira insolita por que o feroso Infante, que se creu esbulhado, reivindicou de armas na mão o seu direito, não seremos nós que o applaudamos; que lhe atenuemos o crime, sim, que bem o merece.

São para consultar os extractos das Bullas que traz o *Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal*, tomo IX, pag. 507, 527, 528, e 551. Ahi se vê o nobre papel conciliador que n'isto coube á Santa Sé.

## L

Pag. 97, lin. 19.

..... A pobre Ignez é uma cordeira.

Este nome, que hoje destôa talvez, é-lhe dado pelos nossos bons e ingenuos chronistas, e até pelo erudito Ferreira. O curioso é que no antiquissimo francez a palavra *moutonne* foi usada na mesma accepção commiserativa. Uma canção sobre Joanna d'Arc, que lemos algures, traz estes versos :

Elle estoit très douce, amiable,  
Moutonne, sans orgueil, envye,  
Gracieuse, moult serviable.

A verdade é que a opinião tradicional da maioria dos portuguezes venera em Ignez de Castro um symbolo dos mais sinceros amores victimas da tirannia, e faz d'esta legendaria figura uma como santa profana (perdoem a expressão), e santa martyr. É esta a crença geral, e consagrada.

Ha porem nas provincias do norte, segundo me contou o meu bom amigo Simão Paes de Faria Pereira, um dixote popular muito significativo, e que se atreve a arrostar a corrente: chamam em certos sitios a uma mulher intrigante, astuta, e perversa, *uma Dona Ignez de Crasto*.

É curiosissimo isso; resto semi-apagado dos odios com que a perseguiram os seus inimigos, odios fomentados depois pela politica, em tempos do Mestre de Aviz.

O mesmo succedeu á tão calumniada ingleza Anna Boleyn, de quem o nosso povo em sua phantasia engendrou uma entidade, mixta de mulher e de serpe, a temivel *Anna Bolena*, o eterno typo de todas as mulherinhas viperinas e embusteiras.

## LI

Pag. 105, lin. 4.

*Descripção do scenario.* — Pendem das paredes os retratos em pé dos seis Reis predecessores do senhor D. Affonso IV.

Se alguém estranhasse que em tempos tão antigos, e tão atrasados em relação ao nosso, pudesse o pequenino reino portuguez ter a tal ponto aliçada a arte da pintura que existissem já retratos de todos os Reis, responderíamos á observação, remetendo o leitor ao curioso estudo sobre o *Cláustro do silencio do mosteiro de Alcobaça*, inserto no nº 5 do vol. IX do *Archivo Pittorresco*. Ali, sob o titulo de *As Artes no reinado de D. Diniz*, traz o erudito autor e nosso amigo o Sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, que é um dos mais profundos sabedores das antiguidades nacionaes, um quadro notivel do estado artistico de Portugal nos primeiros reinados. Transcreveremos, com a devida venia, um parographo :

... Quanto á pintura, achava-se no mais deploravel atraso, em um estado de verdadeira barbaridade, quando D. Affonso III legou o throno a seu filho. El-Rei D. Diniz não creou uma escola de pintura, nem n'esse tempo se pensava n'isso em qualquer das côrtes da Europa, apesar de alguns esforços que já então se faziam na cidade de Florença. Tambem não se poderá dizer que lançára os fundamentos d'ella. Mas é certo que animou e protegeu essa arte, dando-lhe emprego e honrando-a; no primeiro caso, pelos paineis que mandou fazer para algumas Igrejas, e raras então os possuíam, e por certas obras que ordenou para adorno dos seus paços das Alcaçovas; no segundo caso, fazendo-se retratar, e a sua esposa a Rainha Santa Izabel. Foi o primeiro dos nossos monarchas que



*teve esta idéa, cujo exemplo seguiu seu filho El-Rei D. Affonso IV, que não somente se fez retratar, mas também mandou fazer os retratos dos Reis seus predecessores. Esta preciosa collecção, preciosa certamente, não obstante a imperfeição do trabalho, decorava as salas do paço das Alcaçovas. Durante a usurpação de Castella, foram levados estes quadros para Hespanha.*

D'esse depoimento do Snr. Vilhena Barbosa se vê pois, que não foi ao acaso que imaginámos no paço os retratos dos nossos Reis. Toda a liberdade de dramaturgo se cifrou em transportar essa galeria de avoengos para as salas do acanhado paço provinciano de Santa Clara.

## LII

Pag. 105, lin. 14.

Leal barão és tu ; filho de Lopo,  
que me foi tão leal.

A Rainha allude n'este passo a que Diogo Lopes Pacheco é filho do insignissimo Lopo Fernandes Pacheco, Senhor de Ferreira, Chanceller da mesma Rainha. Falleceu Lopo em 22 de Dezembro de 1348, e jaz (não sabemos em que sitio) na Sé de Lisboa

## LIII

Pag. 108, lin. 14.

. . . . . Mas, cavalleiro,  
a linhagem de Ignez é de Monarchas.

Na Castro de Ferreira, que sentimos sempre prazer em citar, diz na scena III do acto I o Infante D. Pedro :

De um sangue nos formou a natureza ;  
Real é, de Reis vem, de Reis é digno.

## LIV

Pag. 108, lin. 18.

. . . . . a bastardia  
veio dar mate em brilho ás arruelas.

Eram em campo de oiro seis arruelas de azul em duas pallas as armas de D. Ignez, como ramo bastardo da casa de Castro, cujas armas puras eram treze arruelas, que ainda hoje usam alguns morgados.

Considerações, explicações, e investigações sobre este ponto dá-as por exemplo a Monarchia Lusitana, tomo VII, pag. 560.

## LV

Pag. 108, lin. 22.

Dom Pero  
em Aldonça Soares, dama sua,  
houve a bastarda Ignez.

Em muitos pontos d'este drama trepidou o autor ao escrever certas asserções, temendo lhe notassem a inconveniencia de as proferirem os personagens no recinto de um paço real. A que serve de motivo a esta nota entrou no numero.

Fallava Diogo Lopes de bastardias ; adduzia isso contra a alliança do Infante com D. Ignez. Ser-lhe-hia licito fazelo perante quem, como a Rainha D. Brites, era mulher do neto de uma bastarda? effectivamente El-Rei D. Affonso IV era neto de uma filha illegitima do Rei de Castella e Leão Affonso o Sabio. Pareceria talvez um desprimor improprio de um homem de côrte, e intoleravel hoje, se não reparassemos na maior liberdade com que então se fallava, e em que,

só trinta annos depois; perante um bastardo, como era o Mestre de Aviz, menoscabou quanto poudo o grande João das Regras a bastardia de D. Ignez. Esse argumento decisivo obrigou o autor d'este drama a não retirar a palavra ao Pacheco, e a deixal-o discorrer como lhe aprouvesse sobre o assumpto, sem o chamar á ordem, nem tocar a campaiulia.

Uma palavra mais : quanto a essa illegitimidade do nascimento de D. Ignez, entende um bom averiguador da nossa historia patria D. Antonio Caetano de Sousa na grande Historia Genealogica, tomo I, pagina 578, e *com fundamento não leve*, (como elle diz, e é de crer) ser a mãe da Castro, D. Aldonça (ou, segundo outros, D. Berenguella) Soares de Valladares, *legitima mulher* de D. Pedro Fernandes de Castro; *porque* (accrescenta o sabio escriptor) *em um livro que tenho da casa de Villa-Franca, que imprimiu o Padre Frey Jeronymo de Sousa, a folha 158, fallando em D. Aldonça tem uma nota de Salazar de Castro, que D. Pedro de Brito Coutinho, que foi um dos maiores genealogicos que teve este reino, referindo a D. João de Angulo, cavalleiro de Cadiz, a quem D. Pedro Fernandes de Castro setimo Conde de Lemos Viso-Rei de Napoles, dissera que mandou abrir o tumulo onde estava enterado D. Pedro Fernandes de Castro, e achara em elle o seu testamento, em que affirmava haviu casado com D. Aldonça Soares de Valladares filha de Lourenço Soares de Valladares Rico homem, fronteiro mór d'Entre Douro e Minho, e de sua mulher D. Sancha Nunes de Chacim.*

O autor da *Europa portugueza* inclina-se tambem a essa opinião.

## LVI

Pag. 115, lin. 17.

Alcabidequo. . . . .

Ha uma tradição muito vaga entre o povo coimbrão, de que D. Ignez de Castro possuía uma casa, ou quinta, em Alcabideque, a pouca distancia de Coimbra. O autor d'este drama aproveitou-a. É verdade ter tido Ignez alguns bens de raiz na nossa terra, pois do testamento d'El-Rei D. Pedro I consta que lhe pertencia a *quinta do Canidello*: *Item mandamos que entreguem aos filhos da Infanta Dona Ignez, que outro si foi nossa mulher, a quinta do Canidello, que era sua, etc. Feito foi dentro no Moesteiro de S. Francisco Destremoz, Domingo dezassete dias de Janeiro sendo já alto serão na noite em que se seguia a segunda feira, era de mil e quatro centos e cinco annos.* (Era de Christo 1567.)

Vem este testamento nas provas da Historia Genealogica.

Diz Frey João de Sousa nos seus *Vestigios da lingua arábica*, que Alcabideque significa em arabe o *encontro no apertado*, encontro, embate, em paragem estreita.

## LVII

Pag. 127, lin. 7.

Das mãos de Deus que tremebundo encargo  
aos hombros me caiu, quando meu padre  
em Santarem soltava o ultimo alento!

Vê : sete de Janeiro ! e ha já trinta annos ! !

El-Rei D. Diniz falleceu em Santarem a 7 de Janeiro de 1525. Havia pois ao certo trinta annos.

## LVIII

Pag. 157, lin. 21.

..... n'aquella grande abobada  
que eu conheço tão bem, onde meu padre  
dorme, e dorme o meu filho.

Já n'uma nota do Acto I mencionámos o mausoleo d'El-Rei D. Diniz em Odivellas ; o filho a quem El-Rei D. Affonso allude n'esse passo é o Infantinho D. João, cuja ossada pequenina lá está na companhia gloriosa de tão illustre Avô, e no mesmo tumulo.

## LIX

Pag. 158, lin. 20.

## XÁCARA.

O autor preferiu compôr assim em toantes semsaborissimos essa pobre xácará, para lhe dar mais feição antiga. A carta que adiante vai, essa ainda foi mais afinada na melopêa lugubre da lyrica primitiva.

Pôr á moderna a rouquenha poesia dos cancioneiros vellos seria tornal-a de certo mais brilhante, e mais aceita aos nossos ouvidos sybaritas ; mas confessemos que seria anachronismo cruel. Fugiu-se-lhe pois. Bem bastam os inevitaveis anachronismos do resto do drama.

## LX

Pag. 162, lin. 8.

..... a barquinha  
de cortiça, em que outr'ora as vossas lettras  
mandaveis aos meus beijos.

Fôra impossivel deixar de mencionar, n'um relance ao

menos, a poetica tradição do encanamento de agua, de que o Infante fazia correio para esta sua correspondencia amatoria.

No seu interessante *Guia historico do viajante em Coimbra*, pagina 259, cita muito a proposito o Snr. Augusto Mendes Simões de Castro a Faria e Sousa (Rimas de Camões, p. II, pag. 57) o qual dizia : *El Principe no podia hablar a Doña Ines todas las veces que lo deseavan ambos, porque siendo ella dama de la Reyna su madre, era menester recato. Valiase para esto de aquella agua y de aquellos aqueductos, porque por ellos y por ella le embiava los papeles que le escribia.*

## LXI

Pag. 183, lin. 4.

Infanta. É mulher minha.

Inclinámo-nos, por muitos e valiosos argumentos, a adoptar, d'entre as duas versões oppostas acerca do casamento do Infante D. Pedro, aquella que elle jurou em Cantanhede, na presença de grandes do Reino, e tornou a jurar á hora da morte, como se vê do seu testamento; elle, cujo austero character, em tão solemnes instantes, e em assumpto de tão tristes recordações, nos apparece como a maior prova, a decisiva, da legitimação do seu amor.

É aquella depois do competente estudo, a nossa opinião pessoal; e ufanamo-nos de ver-nos n'este ponto ao lado de historiadores mestres.

Manuel de Faria e Sousa, por exemplo, na Europa portugueza, tom. II, part. II, cap. III, § 44, declara factó positivo o casamento clandestino do Infante; e diz n'outra parte (cap. IV, § 24) : *El-Rey solemnemente con juramento suyo*

*y de testigos afirmó que si. Adonde pues consiste la duda o el escrupulo?*

Em muitos passos do cap. vii do liv. X da part. VII da Monarchia Lusitana se declara abertamente Frey Raphael de Jesus a favor da validade do casamento, assim como em muitos outros pontos importantes dos capitulos seguintes; e diz a pagina 559 do mesmo volume: *Se nas côrtes de Coimbra o famoso discipulo de Baldo João das Regras pretendeu offuscar a clareza do matrimonio, foi com allegações de procurador, sem a legalidade de citar a parte para as impugnar; e sem duvida as refutara a contrariedade.*

Segue a mesma trilha D. Antonio Caetano de Sousa no tomo I, pagina 365 e seguintes da sua monumental Historia Genealogica da Casa Real.

Pensa do mesmo modo Ignacio Barbosa Machado a pagina 96 dos seus *Fastos politicos e militares da antiga e nova Lusitania.*

Finalmente (no *Catalogo*) o erudito D. José Barbosa declara-se entusiastico defensor da legitimidade d'este combatido matrimonio, e diz isto a pagina 354: *O casamento do Infante D. Pedro com D. Ignez de Castro, não se pode com justiça negar, porque foi certo e indisputavel, e todos os que o duvidaram foram reos sacrilegos da magestade que o affirmou.*

Larrea, citado por este autor, disse: *Instar sacrilegii esset de Principis assertione dubitare.*

Conclue o mesmo escritor a admiravel replica juridica verberada em trinta paginas contra o longo e sophistico arasoado de João das Regras (tão extensa e energicamente relatado em Fernão Lopes), por estas palavras: *Assentemos pois que D. Ignez de Castro foi legitima mulher do Infante D. Pedro, não só pelas rasões em que se funda esta*

*verdade, mas pela irrefragavel prova do juramento do mesmo Infante, já Rei.*

O maior inimigo que teve D. Ignez de Castro não foi, quanto a nós, nenhum dos tres assassinos; foi João das Regras, que trinta annos depois da morte d'ella, tanto combateu o ter a infeliz sido mulher legitima do Infante. Desculpe-se a boa intenção do patriotico doutor, a cuja palavra (talvez) deveu Portugal o seu maior Soberano, e devemos todos a suspirada independencia.

## LXII

Pag. 196, lin. 14.

..... E vós, Reitor, como ides  
co'os vossos estorninhos?...

É preciso dizer, em abono da verdade, que a Universidade de Lisboa só foi mandada passar para Coimbra por provisão de 6 de Dezembro de 1554. Em principio de Janeiro de 1555 é pois duvidoso que o Reitor aturasse já em Coimbra os estorninhos de que lhe falla El-Rei.

É preferivel porem commetter esse anachronismo, a ver os sinceirae do Mondego viuvos d'aquellas aves chilradoras, tão queridas d'essas paragens. Coimbra sem o bulicio e o ir e vir dos estudantes não é Coimbra, nem o era já então.

## LXIII

Pag. 198, lin. 12.

El-Rei João de França....

João II, filho de Filippe VI.



## LXIV

Pag. 200, lin. 13.

. . . . . Falla agora  
o Arcebispo de Braga.

Apenas podémos indicar n'este grande lance a nobre figura de D. Gonçalo Pereira Arcebispo de Braga. É conhecido o papel conciliador que representou n'estes amores, e a affeição que dedicou ao Infante D. Pedro, a quem conheceu desde pequenino.

## LXV

Pag. 202, lin. 8.

..... Os santos canones  
se lhe oppõem. Parentesco, e a affinidade  
de ser Ignez comadre ao vosso filho,  
tudo barreiras são..., etc.

Referem os antigos historiadores, que para levantar eterna barreira entre seu marido e D. Ignez de Castro, determinára a Infanta D. Constança que Ignez fosse madrinha do Infante D. Luiz. É sabido que antes do Concilio de Trento havia para o matrimonio muito mais impedimentos do que hoje.

## LXVI

Pag. 205, lin. 15.

..... Vós bem sabeis quanto a manceba  
Leonor Nunes de Gusmão cavava  
a ruina em Castella.....

Esta mulher, que El-Rei D. Affonso XI de Castella amou perdidamente, foi causa de grandissimas desgraças publicas, e dos dissabores domesticos da Rainha de Castella, filha do nosso Rei D. Affonso IV.

## LXVII

Pag. 210, lin. 9.

..... El-Rei João de França  
matava, ha pouco ainda, um nobre, um Conde,  
Condestavel do Reino.....

O Conde de Guines.

## LXVIII

Pag. 210, lin. 16.

..... E seu padre El-Rei Philippe  
matou desoito nobres cavalleiros  
trédôres ao seu Rei.

Philippe VI de Valois.

## LXIX

Pag. 211, lin. 12.

..... Dom Pedro de Castella  
matava, não ha muito, a infame adultera  
Leonor de Gusmão.....

Fôra isso em 1551; era pois caso recente, e que devia andar na memoria de todos. Sanguinoso tempo aquelle!

## LXX

Pag. 216, lin. 10.

..... Custa-me a morte,  
não por mim, mas por elles, coitadinhos.  
que ficam ás escuras n'este mundo,  
sem a sua triste mãe!...

Talvez imitação paraphrastica dos dois concisos e sentidissimos versos da Rubena de Gil Vicente :

Que me duele su dolor  
mas que mi desventura !

## LXXI

Pag. 217, lin. 5.

..... Oh ! meu bom padre !  
quando outr'ora (deixae-me recordal-o), etc.

Tudo que D. Ignez abi recorda a El-Rei é rigorosamente historico. Oicamos a sincera prosa de um chronista. Depois de mencionar as desavenças entre El-Rei D. Diniz e seu filho D. Affonso, diz no seu *Supplemento* á chronica d'El-Rei D. Pedro I por Fernão Lopes o Padre José Pereira Bayão, a pag. 405 : *Achava-se El-Rei D. Diniz n'esta occasião em Lisboa, e ainda que desgostado do filho, alegrou-se e festejou muito o nascimento do neto; e muito mais folgou de o ver, quando depois, passados tres annos, apaziguadas já as discordias, e contentado o Príncipe, lh'o remetteu a Lisboa para que o visse e lhe desse a sua benção, e se firmasse com isto muito mais a amisade. Não o tinha visto por causa das desavenças passadas; e foi tanto o gosto e alegria que recebeu d'esta visita, como explica ao mesmo filho, em uma carta que lhe escreveu de mão propria, dizendo : « Estimei tanto a prenda com que me segurais a satisfação da divida, que sua vista bastou para desterrar da minha lembrança alguma reliquia de agravo, se de vós me tinha vindo; que sua innocencia e formosura pedem e alcançam por vós mais, do que soubestes querer; e me levam mais, do que tive tenção de dar, etc... » No dia seguinte se foi El-Rei com a Rainha*

*Santa á Sé da mesma cidade offerecer o neto a Deus Nosso Senhor, etc., etc.*

## LXXII

Pag. 225, lin. 17.

. . . . . Cumpride,  
Senhor Rei; e senão....

A tradição attribue esse dito a um dos membros do conselho, mas não diz ao certo a que Rei foi dirigido; o autor escolheu a versão que o attribue a um dos privados d'El-Rei D. Affonso IV, fundando-se no que refere Manuel de Faria na Europa portugueza, part. II, cap. III, § 5.

## LXXIII

Pag. 224, lin. 17.

.... Mas pensae.... quanto me aterra  
labéo de matador; buscae recurso  
que não seja... Encomendo ás vossas almas  
minh'alma. Em vós confio....

Estas trepidações foram talvez suggeridas pelos versos que em situação ana'oga Ferreira põe na bocca do Monarcha :

Vós outros sois meus olhos, que eu não vejo;  
vós sois minhas orelhas, que eu não ouço;  
minha tenção me leve; ella me salve.

## LXXIV

Pag. 255, lin. 20.

. . . . . São Francisco  
me traja paciencia.....

Esse Santo não foi ahi mencionado por acaso, se não porque a Rainha D. Brites lhe tinha grande devoção. Era

professa da terceira Ordem franciscana, e obrigou a serem-n-o seus filhos, como tudo especifica o Padre José Pereira Bayam no seu supplemento á Chronica d'El-Rei D. Pedro, pag. 508, e se depreheende de varias clausulas do testamento da mesma veneravel Rainha, que vem nas Provas da Historia Genealogica da Casa Real, livro II, n. 26.

## LXXV

Pag. 346, lin. 20.

. . . . . um rumor surdo  
sussurrava das bandas do castello;

Pag. 247, lin. 3.

..... os bastiões da Alcaçova ;

Pag. 248, lin. 8.

. . . . . a villanagem  
lograra incendiar no paço velho  
a ala do norte.....

Alem do paço de Santa Clara, onde corre este drama (com alguma inexacção historica, visto que a esse tempo nem El-Rei nem a Rainha ali habitava, e só D. Iguez de Castro), havia em Coimbra o castello, testemunha da heroicidade legendaria de Martim de Freitas, e demolido pela picareta inexoravel e tanta vez barbarissima do Marquez de Pombal ; e um paço chamado *d'El-Rei*, habitação dos nossos primeiros Reis até El-Rei D. Affonso III, que ali tinha ainda a sua côrte; edificio doado para as escolas; ainda hoje ellas conservam como reliquia a denominação de *paço*.

## LXXVI

Pag. 276, lin. 19.

. . . . . Fugiu. . . . sumiu-se.  
Estou só n'este mundo.

Muito lembraram ao autor, quando escrevia esta scena, aquelles admiraveis versos do admiravel e nunca assaz relido Amadís de Gaula de Gil Vicente :

Cuando ahora se partiò  
a buscar sus aventuras,  
quedè como quien quedò  
en un desierto á oscuras  
adò nunca amaneciò.

## LXXVII

Pag. 284, lin. 18.

Vós já não tendes mãe (como a que eu tive).

A mãe de Diogo Lopes era D. Maria Gomes Taveira, filha de Gomes Lourenço, e de D. Margarida filha de Martim Annes.

## LXXVIII

Pag. 285, lin. 2.

. . . . . Mas tendes  
irmã, senhor; pois vede que farieis  
se ousassem pôr-lhe mão!

Tinha Diogo Lopes uma irmã, que Ignez de Castro devia conhecer de perto. Chamava-se (segundo o livro velho das linhagens, folha 10<sup>a</sup>) Violante Lopes. Casou primeiro com Martim Vasques, ou Valasques da Cunha; casou segunda

vez com Diogo Affonso, filho de Affonso Diniz (o irmão d'El-Rei D. Diniz) e de Maria Paes Ribeira.

## LXXIX

Pag. 288, lin. 12.

Valha-me a minha Santa Senhorinha!  
valha-me São Gervaz!

Foram muito intencionalmente invocados por D. Iñez de Castro n'este lance angustioso os santos da sua predilecção. Eis o que diz a Historia Genealogica do grande D. Antonio Caetano de Sousa, a pag. 226 do tomo XII :

*A Rainha D. Iñez de Castro foi mui devota d'estes santos irmãos (S. Gervaz e Santa Senhorinha de Basto, ascendentes, digamol-o em parenthesis, ascendentes e singular ornamento da nobilissima casa dos Sousas de Arronches); e mandou fazer uma capella a S. Gervaz, onde se conserva o seu sepulchro; para o que concorreu El-Rei D. Pedro seu marido com a mercê que fez aos abbades d'esta Igreja de lhes dar sempre os frutos da parochia de Santa Maria de Salto em terra de Barroso, com obrigação de Missa quotidiana, e tres alampadas, que estivessem, a primeira diante da imagem de Christo crucificado, que ainda ali se conserva, bem antiga; a segunda defronte da sepultura de Santa Senhorinha; e a terceira diante da de S. Gervaz, a qual (mercê) foi feita em Valença de Riba-Minho a 15 de setembro da era 1598, que é o anno de 1560.*

## LXXX

P. S.

Algumas palavras em additamento á nota sobre o retrato de D. Iñez de Castro.

Como retrato, não é a figura que se acha sobre a sepultura de Alcobaça tão pouco digna de credito como á primeira vista poderia julgar-se da obra de um canteiro do seculo XIV. É preciso notar que, pelo lado da arte, são aquelles dois sepulchros e aquellas duas figuras as obras mais perfectas, mais estudadas, mais conscienciosamente acabadas, da escultura portugueza até áquelle tempo. E não se julgue que tomamos só para nós, hospedes na materia, a responsabilidade de uma tal opinião; invocamos entre outros o testemunho auctorisado de um critico imparcial, distinctissimo pintor e nosso amigo, o Snr. João Christino da Silva, Lente da Academia de Lisboa. O Snr. Christino tem visto as duas estatuas de Alcobaça, e tem-n-as comparado para seu estudo com as outras esculturas da nossa terra até áquelle seculo.

A gravura que apresentamos, copia fiel de um contorno feito ha annos, na presença do tumulo, pelo citado artista, tem pois, até certo ponto, presumpções de semelhança com a Princeza que representa. Restaurámos apenas o nariz, que na estatua se acha mutilado; para essa restauração, seguimos com escrupulo a mesma linha indicada pelo fragmento que ainda resta.

Aquella physionomia (confessemol-o) não pode ser engendrada ao acaso, nem tão pouco de pura reminiscencia; tudo o faz crer. Ha muita verdade n'aquellas feições; ha um cunho de grandiosidade e pouco vulgar elegancia n'aquelles lineamentos. A *collo de garça* revela-se-nos ali com a sua feminina magestade. Pode ser que nos enganemos; é certo porem que, desde o lavor subtil dos arrendados na caixa tumular, até á composição e ao desenho da figura de D. Iguez, e á intenção da physionomia e dos panejamentos, tudo nos indica o ingenuo e consciencioso lavor do escopro, inspirado de perto pela verdade.



## LXXXI

## NOTA FINAL

D. IGNEZ DE CASTRO, COMO ASSUMPTO.

Não será descabido terminar estas notas com a lista de algumas das obras, quer historicas, quer dramaticas, quer artisticas, inspiradas ha seculos, mais ou menos directamente por este assumpto, já agora universal, da tragica morte de Ignez de Castro. Prevenimos o leitor, de que, por muito extensa que julgue esta relação, ainda se não contém n'ella tudo. O que falta não o sabia o autor d'este livro; e como o presente catalogo, feito por mera curiosidade, não tem pretensões a bibliographia com regra, merece desculpa nos pontos em que falhar. Para commodidade, vai alphabetico. É este o logar de agradecer ás pessoas que auxiliaram o autor na composição d'esta lista de obras; merecendo especial menção o contingente prestado pelo erudito redactor do *Conimbricense* o Snr. Joaquim Martins de Carvalho, cuja larga instrucção historica se acha sempre prompta para auxilio aos estudiosos; pelo nosso antigo amigo e mestre o Snr. Conselheiro Jorge Cesar de Figanière, escriptor e collecter instruidissimo de verdadeiras preciosidades bibliographicas; e finalmente pelo insigne autor do mais util monumento das letras portuguezas, o Snr. Innocencio Francisco da Silva.

**Historia.**

BARATA (Antonio Francisco). — *Aonde foi assassinada D. Ignez de Castro*, artigo no jornal *O Conimbricense* de 6 de Janeiro de 1872.

BARBOSA (D. Jozé). — *Catalogo das Rainhas*.

- BARBOSA MACHADO (Ignacio). — *Fastos politicos e militares da antiga e nova Lusitania*, pag. 36. No fim d'esse artigo vem um bom catalogo de obras relativas.
- BARCELLOS (D. Pedro, Conde de). — *Nobiliario*.
- BEIJAMÃO AO CADAVER DE IGNEZ DE CASTRO. — Artigo do *Almanack de Coimbra*, para o anno de 1858, pag. 49.
- CAMARA MUNICIPAL DE COIMBRA. — *Reflexões juridicas offerecidas pela... na causa que move contra o digno Par do Reino Miguel Osorio Cabral de Castro*. Coimbra, 1867.
- COELHO GASCO. — *Conquista, antiguidade e nobreza de Coimbra*, pag. 145.
- CORTE-REAL (José Alberto). — Vide *Viagem dos Imperadores do Brazil em Portugal*.
- DENIS (Ferdinand). — *Histoire du Portugal*.
- FARIA E SOUSA (Manuel de). — *Europa portugueza*.
- FARIA E SOUSA (Manuel de). — *Os Lusíadas de Luiz de Camões... commentados*. Edição de Madrid, 1659, tom. II, commento ao episodio de Ignez de Castro, pag. 175.
- FARIA E SOUSA (Manuel de). — *Rimas varias de Luiz de Camões... commentadas*. Edição de Lisboa, 1689, commento a pag. 57 da secção v.
- FERRERAS (D. Juan de). — *Historia de España*, parte VIII.
- HISTORIA DE PORTUGAL, — composta em inglez por uma sociedade de litteratos, trasladada em vulgar com as addições da versão franceza e notas do traductor portuguez Antonio de Moraes e Silva. No tomo I vem na secção III a narração extensa dos amores de Ignez de Castro.
- JESUS (Frey Raphael de). — *Monarchia Lusitana*.
- LA CLÈDE (M. de). — *Histoire générale de Portugal*. No liv. VIII falla largamente de D. Ignez de Castro.
- LAROUSSE (Pierre). — No seu grande *Dictionnaire universel* vem no artigo *Inès* larga menção de D. Ignez de Castro.
- LEQUIEN DE LA NEUFVILLE. — *Histoire générale de Portugal*, liv. II.
- LOPES (Fernão). *Chronica d'El-Rei D. Pedro I e chronica d'El-Rei D. João I*.

- MARIANNA (Juan de). — *Historia general de España*, liv. XVI, cap. XII et XX.
- MARIZ (Pedro de). — *Dialogos de varia historia*. 2ª edição, começada em Coimbra em 1598, e acabada em Sernache dos Alhos em 1599, o que se lê a pag. 109 e 109 verso.
- MARTINS DE CARVALHO (Joaquim). — No numero 2784 do *Conimbricense* de 31 de Março de 1874 demonstra o engano em que, levado da tradição, caiu o Snr. Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho Leal, no seu dicionario *Portugal antigo e moderno*, e como este muitos outros escritores, que dizem que D. Ignez de Castro foi assassinada na quinta das lagrimas, quando o foi, sem a mais leve duvida, nos paços mandados fazer pela Rainha Santa Izabel junto ao antigo mosteiro de Santa Clara, e que tinham a principal serventia *para a banda da cidade*.
- MAUGIN. — *Abrégé de l'histoire de Portugal*, cap. IX.
- MENDES SIMÕES DE CASTRO (Augusto). — *Guia historico do viajante em Coimbra e seus arredores*. — O capitulo *Fonte dos amores*.
- MENDES SIMÕES DE CASTRO (Augusto). — Vide *Viagem dos Imperadores do Brazil em Portugal*.
- MONIZ BARRETO CÔRTE-REAL (Antonio). — *Bellezas de Coimbra*. 1 vol. N'este livro ha um capitulo intitulado : *A quinta das lagrimas*, e outro : *A fonte dos amores*.
- NUNES DO LEÃO (Duarte). — *Chronicas dos senhores Reis de Portugal*.
- OLIVEIRA CHAVES e CASTRO (Manuel de). — *Analyse juridica do accordão proferido pela Relação do Porto em 16 de Agosto de 1867 sobre a servidão publica da quinta das Lagrimas, offerecida aos rectos e illustrados cavalheiros do Supremo Tribunal de Justiça, e a todos os portuguezes que amam a justiça e a verdade, e respeitam as glorias, os monumentos, e as tradições nacionaes*. Coimbra, 1868.
- OSORIO CABRAL DE CASTRO (Miguel). — *Reflexões juridicas offerecidas na 1ª e 2ª instancia por... na causa que contra elle move a Comara Municipal de Coimbra, pretendendo que se lhe mantenha uma servidão para a Fonte das Lagrimas, que é propriedade do reo*. Coimbra, 1867.

- PEREIRA BAYAM (Padre Jozé). — *Supplemento á Chronica d'El-Rei D. Pedro I de F. Lopes.*
- PINA (Ruy de). — *Chronicas.*
- PINHEIRO CHAGAS (Manuel). — *Historia de Portugal, escrita segundo o plano de F. Denis.*
- RODRIGUES ACENHEIRO (Christovão). — *Coroniquas dos Senhores Reis de Portugal.*
- SCEFFER (Henrique). — *Historia de Portugal.*
- SILVA ROCHA (Mannuel Antonio da). — *Vide Viagem dos Imperadores do Brazil em Portugal.*
- SILVA TULLIO (Antonio da). — *A fonte dos amores*, artigo no N. 57 do vol. III do *Archivo Pittoresco*, acompanhado de gravura.
- SIMÕES (Augusto Philippe). — *Ruinas da Igreja de Santa Clara de Coimbra*, artigo (com gravura) publicado no N.º de Outubro de 1872 do periodico *Artes e Lettras.*
- S. LOURENÇO (P.º D. Marcos de), Conego de Santa Cruz de Coimbra. — *Commentario aos Lusíadas*, obra manuscrita citada pelo Snr. Visconde de Juromenha nas suas *Obras de Luiz de Camões.*
- SOARES DE AZEVEDO BARBOSA DE PINHO LEAL (Augusto). — *Portugal antigo e moderno*, dictionario historico, chorographico, genealogico, heraldico, etc., ainda em via de publicação, pois se acha apenas em meio do 4.º volume. Nos artigos *Coimbra*, *Geographia litteraria*, e em varios outros, trata o autor o assumpto Igncz de Castro.
- SOUZA (D. Antonio Caetano de). — *Historia genealogica da Casa Real.*
- TROXY (Jozé Adolfo). — *Questão acerca da fonte dos amores, na quinta das Lagrimas, entre a Illma. Camara Municipal de Coimbra e o Exmo. Par do Reino Miguel Osorio Cabral de Castro* Lisboa, 1869.
- O autor é Lente cathedratico da Universidade, e era advogado do reo n'esta causa.
- TUMULOS DE D. IGNEZ DE CASTRO E DE D. PEDRO I, *no mosteiro de Alcobaça*. Artigo no N. 8 do vol. II do *Archivo Popular*, acompanhado de gravura.

VIAGEM DOS IMPERADORES DO BRAZIL EM PORTUGAL, por J. A. Corte-Real, M. A. da Silva Rocha, e A. M. Sinões de Castro. A pag. 193 falla da *Quinta das lagrimas*, e de Iñez de Castro.

VILHENA BARBOSA (Ignacio de) — *Mausoleos de D. Pedro I e de D. Iñez de Castro*. Artigo no N. 29 do vol. V do *Archivo pittoresco*, com gravura.

#### Obras dramaticas.

ADAMSON (John). — *Dona Iñez de Castro, a tragedy from the portuguese of Nicola Luiz*. Newcastle, 1808.

AGNÈS DE CHAILLOT. — Parodia-franceza á *Inès de Castro* de Houdar de la Motte, representada em... nos theatros de Pariz.

ARAÚJO DE AZEVEDO, Conde da Barca (Antonio de). — *Nova Castro*, tragedia.

— N. B. Parece, segundo diz o Snr. Innocencio Francisco da Silva, que ficou manuscrita, e se extraviou.

ARNAULT (Lucien Emile). — *Pierre de Portugal*, tragedia representada em Paris em 1825.

AZEVEDO DE SOUSA DA CAMARA (Jozé Pedro de), Dezembargador. — Traducção portugueza da *Inès de Castro* de Houdar de la Motte.

BARCA (Conde da). — Vide ARAÚJO DE AZEVEDO.

BERMUDEZ (Jeronimo), Frade gallego. — *Nise lastimosa, e Nise laureada*; duas tragedias, publicadas sob o pseudonymo de Antonio da Silva em 1577. Vêm no 1º volume do *Tesoro del Teatro español*, de D. Eugenio de Ochoa.

BERTOLOTTI (Davide). — *Ines di Castro*, tragedia, Milão, 1826.

BRAY. — *Iñez de Castro*, tragedia em inglez.

DIDOT (Firmin). — *La reine de Portugal, tragédie en cinq actes, représentée pour la première fois sur le second Théâtre français, le 20 octobre 1825*. Vem no volume que tem por titulo: *Les chants de Tyrtée traduits en vers français, suivis de la reine de Portugal, etc.* Paris, etc., 1826, 8º, 1 vol.

FEITH (Rhinvis). — *Iñez de Castro*, tragedia hollandeza. 1795.

FERREIRA (Antonio). — *Castro*, tragedia. 1ª edição, Lisboa, 1597;

2ª, *ibid.*, 1598; 5ª, *ibid.*, 1598 (data falsificada; edição do século XVII); 4ª, *ibid.*, 1771; 5ª, *ibid.*, 1829; 6ª, Pariz, 1865; 7ª, *ibid.*, 1875.

FIGUEIREDO (Manuel de). — *D. Ignez de Castro*, tragedia. Vem no tomo VII (?) do seu Theatro.

GOMES (João Baptista). — *Nova Castro*, tragedia. 1ª edição, . . . 17. . .; 2ª, Lisboa, 1813; 5ª, *ibid.*, 1815; 4ª, *ibid.*, 1817, etc. Segundo aponta o Snr. Innocencio, esta celebre tragedia é fundada servilmente sobre a de Domingos dos Reis Quita.

GROUCHY (Nicolas de). — Traducção franceza da *Castro*, de Ferreira.

GUIRAUD (Pierre-Marie-Thérèse-Alexandre), poeta tragico francez fallecido em 1847. — *Inès de Castro*, tragédie.

HOUDAR DE LA MOTTE (M.). — *Inès de Castro*, tragédie en cinq actes. Vem no 4º vol. das suas obras. Pariz, 1754.

HOUDAR DE LA MOTTE. — Vide LA MOTTE.

HUGO (Victor). — *Inès de Castro*, tragedia feita quando o autor era pequeno. Vem (como curiosidade) transcrita no livro *Victor Hugo raconté par un témoin de sa vie*, sob o gracioso titulo de *Bêtises que faisait M. Victor Hugo avant sa naissance*.

IGNEZ DE CASTRO (D.). — *Comedia famosa. Reinár depois de morrer*. Manuscrito da Bibliotheca de Evora. Será traducção da de Luiz Vellez de Guevara? ou *vice versa*?

LA MOTTE (M. de). — *Ignez de Castro*, tragedia, posta em versos portuguezes. Lisboa, 1792, 8º.

LUIZ (Nicoláo). — *D. Ignez de Castro*, tragedia de cordel. Lisboa, 1772.

— É traducção, ou imitação, do original hespanhol de Guevara.

MALLET (David). — *Elvira*, traducção ingleza em verso da *Inès de Castro*, de Houdar de la Motte, representada com exito em Londres (?), e impressa em 1765.

MOORE MÜSGRAVE (Thomas). -- *Ignez de Castro a tragedy by Antonio Ferreira, translated from the portuguese*. London, 1825, 12º. Este traductor foi-o tambem dos *Lusiadas*.

PAIVA (Manuel-José de). — *Só o amor faz impossiveis*, comedia. Lisboa, 1764. 2ª edição, 1790.

REIS QUITA (Domingos dos). — *Castro*, tragedia. Saiu no 2º vol. das suas obras poeticas. Lisboa, 1781, Nota o Snr. Innocencio Francisco da Silva que d'esta tragedia tirou J. B. Gomes assumpto para a sua famigerada *Nova Castro*.

ROSS NEIL. — *Inez, or the bride of Portugal*. London, 1871, 8º.

SABINO (Joaquim Jozé). — Tragedia de *D. Iñez de Castro*. Londres, 1812.

SILVA (Antonio da). — Vide Bermudez.

SODEN (Julius Graf von). — Tragedia em allemão. Berlim, 1791.

THELO (F. H.). — *Ines det Castro*, tragedia allemã. Zurich, 1808.

THOMPSON, Esq. (Benjamin). — *Iñez de Castro, a tragedy in three acts written, by Don Domingo Quita, translated, etc.* London, 1800.

TRADUCCÃO allemã da tragedia de Manuel Jozé de Paiva.

TROTTER (Catherine). — *Agnès de Castro, a tragedy as it is acted at the Theatre Royal by His Majesty's servants, written by a young lady (Mrs Catherine Trotter, afterwards Mrs Cockburne)*. London, 1695, 4º.

— Foi composta em 1695, tendo a autora 16 annos, e representada no mesmo anno em Londres.

VELLEZ DE GUEVARA (Luis). — *Reinar despues de murir*, comedia hespanhola sobre o assumpto Iñez de Castro.

WITTICH (Alexandre). — *Nova Castro de João Baptista Gomes, traduzida em verso alemão*; foi impressa (segundo o Sur. Innocencio F. da Silva) na *Illustração jornal universal*, tom. I, 1845, pag. 56.

#### Obras lyricas e coregraphicas.

BAILADO intitulado: *Iñez de Castro*, representado em 1820 e tantos no Theatro real de Copenhagen (Dinamarca).

PAESIELLO (Giovanni). — *Ines di Castro, tragedia per musica in tre atti da rappresentarsi nel regio teatro di S. Carlo. Lisbona, 1799. Nella stamperia di Simone Taddeo Ferreira*. A lettra italiana é de Angelo Talassi.

PERSIANI. — *Inès di Castro*, opera italiana em 3 actos, representada em Napoles em 1855; em Genova em Fevereiro de 1857,

e no theatro italiano de Pariz em 24 de Dezembro de 1839. O grande dictionario de Larousse (ainda em publicação) analysa esta opera no artigo *Inès*. Esta mesma opera foi representada em Lisboa em 1858.

PREFUMO (Antonio). — Drama *Ignez de Castro*. Vide Santos (Manuel Innocencio Liberato dos).

SANTOS (Manuel Innocencio Liberato dos). — *D. Ignez de Castro, drama tragico para se representar no Real Theatro de S. Carlos em o faustissimo dia 8 de Julho, anniversario da entrada do exercito libertador no Mindello*. Lisboa, 1839. A lettra é de Antonio Prefumo.

TALASSI (Angelo). — *Inès di Castro*, opera. Vide Paesiello.

#### Poesias soltas, e fragmentos.

ALMEIDA GARRETT (Visconde de). — *Camões*, poema. No canto 7º vem um episodio relativo a Ignez de Castro.

AZEVEDO (Manuel de). — Vide Lara (D. Maria de).

BARBOSA DE BOCAGE (Manuel Maria). — *Cantata á morte de D. Ignez de Castro*.

*Longe do caro esposo Ignez formosa.*

— Saíu impressa em Lisboa por João Nunes Esteves.

BOCACCIO. — *Soneto á morte de Ignez de Castro*. Isto diz Larousse.

CAMÕES (Luiz de). — Episodio de Ignez de Castro nos *Lusiadas*. Viu pela primeira vez a luz em 1572.

CAMÕES (Luiz de). — *Ignez de Castro, episodio extrahido do canto III do poema epico Os Lusiadas, de...*, edição em quatorze linguas. Lisboa, imprensa nacional, 1875.

Alem do original portuguez tem sido esse episodio de Ignez de Castro traduzido até hoje em 15 linguas. As traducções apresentadas n'aquella rica edição specimen da imprensa de Lisboa são dos seguintes autores :

— *Latim*; — Fr. Thomé de Faria, edição de Lisboa, em 1745.

— *Hespanhol*; Don Lamberto Gil, edição de Madrid, em 1818.

— *Italiano*; Felice Bellotti, edição de Milão em 1862.



- *Francez*; O 1º Duque de Palmella, D. Pedro de Sousa Holstein, edição de Coimbra, em 1855.
- *Inglez*; Edward Quillinan, edição de Londres, em 1855.
- *Allemao*; J. J. C. Donner, edição de Stuttgard, em 1854.
- *Hollandez*; Guilherme Bilderdyk, edição de Amsterdam, em 1808.
- *Sueco*; Nils Lovén, edição de Lund, em 1852.
- *Dinamarquez*; H. V. Lundbye, edição de Kjöbenhavn, em 1828.
- *Hungaro*; Greguss Gyula, edição de Pesth, em 1865.
- *Bohemio*; Bog. Pickla, edição de Praga, em 1856.
- *Polaco*; Jacek Przybylski, edição de Cracovia, em 1790.
- *Russo*; Alexandre Dimitrief, edição de Moscow, em 1788.

CARVALHO (Antonio Bernardino de). — No livro de poesias publicadas em 1822 por A. B. de C., estudante do segundo anno juridico (evidentemente Antonio Bernardino de Carvalho natural de Ovar, estudante de mesmo segundo anno em 1822), e impressas em Coimbra na imprensa da Universidade, se vê a pag. 64 um soneto dedicado a D. Iñez de Castro que começa :

*Nem ver tenros filhinhos pranteando,  
nem ver pura innocencia retratada  
de Iñez na linda face tão rosada  
impedem os crueis, oh! caso infando!*

A pag. 65 vem outro soneto acrostico, tambem a D. Iñez de Castro.

CASTELLO BRANCO (Camillo). — No numero 9 da publicação mensal *Noites de insomnia*, traz este distincto escritor e erudito collector de antigalhas um artigo intitulado : *O palco portuguez em 1815*, onde vem inclusa uma *Carta escripta a um amigo em 3 de Fevereiro 1815 sobre a chegada dos comicos italianos, com algumas reflexões sobre os theatros portuguezes*. N'esta carta, cujo autor o Snr. Camillo Castello Branco ignora, vêm considerações sobre a tragedia portugueza, e nomeadamente sobre o assumpto Iñez de Castro, analyse succinta de algumas tragedias, etc... É documento consultavel.

CASTILHO (Antonio Feliciano de). Episodio de Iñez de Castro na sua colleção de poemetos *A Primavera*. Coimbra, 1822.

CORONA (La), tragica de *D. Iñez de Castro*, impressa em Lisboa, por Mateo Piñero, Año 1628.

CORREIA DE LACERDA (Fernão), *Imperio Lusitano*, poema heroico em 12 cantos, com 1295 oitavas, inedito existente na Bibliotheca Publica de Evora. O canto 10º tem por titulo : *Por morte de D. Constança se descobrem os amores entre D. Ignez de Castro e o Infante D. Pedro... El-Rei persuadido dos do seu Conselho vem de Monte-mor-o-velho a Coimbra; matam D. Ignez de Castro; conta-se o sentimento do Infante D. Pedro.*

COSTA PERESTRELLO (Pedro da). — Poesia intitulada *Exclamação á morte de Donna Inez de Castro, quando o sogro a veio matar, fielmente traladada do original antigo.*

Depois segue uma narraçãosinha em prosa, e logo uns versos que o autor põe na bocca do Infante D. Pedro, e depois outra narração em prosa, outra peça de versos, e termina com um fecho em prosa.

Esses versos que diz o Infante intercalou-os o Sr. Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho Leal no seu dictionario *Portugal antigo e moderno*, tom. III, pag. 269, mais como curiosidade litteraria, certamente, do que por acreditar-os em verdade composição do Infante D. Pedro.

COUTO MONTEIRO (Antonio Maria do). — No numero da *Revista Universal Lisbonense*, de 28 de setembro de 1845, vem uma poesia d'aquelle autor, intitulada : *Coimbra*, na qual se lêem os seguintes versos :

*Moram ternas saudades gemedoras  
nos verdes salgueiraes, que as margens vestem  
do teu placido rio.*

*Quantas vezes sosinho ali vagando  
maguas do peito suspirando exhalo !*

*Quantas vezes na lira desditosa  
em sentidas canções, em versos tristes,  
choro minha ventura !*

*Só de me ouvir, mais triste a rola geme,  
aprendeu-me o carpir, chora comigo,  
ouve a fonte de Ignez minhas endeixas,  
e suspiram de ver-me os altos cedros,  
que o sitio enluctam co'os funéreos ramos ;  
memorias da infeliz meus ais lhe acordam.*

ESCODECA DE BOISSE (J.-A. d'). — *Luiz de Camões, episodios de Ignez de Castro e do Adamastor, extrahidos dos cantos III e*

*V dos Lusíadas, com a traducção em versos francezes por...*  
— Lisboa, imprensa Nacional, 1865.

FERNANDES DE OLIVEIRA LEITÃO DE GOUVEIA (Padre Jozé). — N'uma das suas odes diz :

. . . . . Até da Castro  
vimos com maguas as cinzas  
e os tenues fios de oiro pelos evos  
té ali não profanados,  
á discrição dos Notos, que suspensos  
ficaram, té que as Nymphas  
aos peitos com ternura os transportaram.

FONSECA E AMARAL (Antonio da). — A oitava de Camões : *Estavas, linda Ignez, posta em socego* glosada em oitavas; manuscrito da Bibliotheca Publica de Evora.

FREIRE DE SERPA PIMENTEL (Jozé), Visconde de Gouveia. — Poesia á morte de Ignez de Castro. Vem no jornal *O Pharol* de 1848.

GONÇALVES CRESPO (Antonio Candido). — Soneto intitulado : *Á beira do Mondego*, devaneio sobre Ignez de Castro. Vem na collecção de versos do autor, *Miniaturas*. Coimbra, 1872.

GOUVEIA (Visconde de). — Vide Freire de Serpa Pimentel.

LAMENTOS DE D. PEDRO. — Glosa á estancia de Camões : *Estavas, linda Ignez, posta em socego* : Vem no periodico litterario *O Historiador*: Lisboa, 11 de Abril de 1840, N° 11.

LARA (D. Maria de). — *Saudades de D. Ignez de Castro*, impressas varias vezes com o nome de Manuel de Azevedo. Esta senhora era filha do Duque de Caminha, e nasceu em 1610.

LEMS DE SEIXAS DE CASTEL-BRANCO (João de). — No seu *Livro de Elysa*, vêm uns versos que principiam :

*Como a fonte de Ignez soluça ao longe !  
parece inda chorar-lhe a morte escura,  
osculando na pedra eternas manchas  
do sangue espadanado.*

MANUEL (D. Francisco). — *Sonetos por varias acciones en la muerte de la señora D. Ignez de Castro*. Lisboa, 1628.

OSORIO CABRAL (Jozé Maria). — Soneto recitado pelo autor na

presença do Senhor D. Miguel, durante a visita que este Príncipe fez á quinta das Lagrimas, em 24 de Outubro de 1832. Principia :

*De meigas Nymphas lagrimas formaram  
a fonte que contemplas, Rei amado;  
da miseranda Ignez o acerbo fado  
tão saudosas, com tanta dor choravam.*

Por esta occasião offereceu o dono da celebre quinta ao illustre Visitante alguns dos cabellos de D. Ignez, tirados quando o exercito de Massena arrombou o tumulo em Alcobaca. Tudo isto vem no N° 258 da *Gazeta de Lisboa*, de 31 de Outubro de 1852.

PALMEIRIM (Luiz Augusto). — Vem na collecção das suas *Poesias* uma intitulada : *Ignez de Castro*.

REZENDE (Garcia de). — *Trovas á morte de D. Ignez de Castro, que El-Rei D. Affonso o quarto, de Portugal, matou em Coimbra, por o Príncipe D. Pedro seu filho a ter como mulher, e pelo bem que lhe queria não queria casar, 1516*. Vem no Cancioneiro de Rezende.

RIBEIRO DOS SANTOS (Antonio). — Diz n'uma sua poesia :

*Aqui da linda Ignez a formosura  
acabou; crueis mãos morte lhe deram.  
Inda signaes do sangue que verteram  
estão gravados n'essa penha dura.*

SOARES DE PASSOS (Antonio Augusto). — Vem na collecção das suas *Poesias*, uma intitulada : *A fonte dos amores*, dedicada ao caso de Ignez de Castro.

SONETO que principia :

*Debaixo de altos cedros enlaçados,  
que em vão de penetrar o sol porfia.*

Julgamos ser inedito. Foi recitado pelo antigo Conservador da Bibliotheca publica de Lisboa Barbosa Marreca, ao seu collega e nosso bom amigo Silva Tullio, que o inseriu a pag. 289 do 3° volume do *Archivo Pittoresco* n'um artigo sobre a *Fonte dos amores*. Não foi composto por Barbosa Marreca; conservava-o elle de memoria desde os seus tempos de estudante na Universidade, não se recordando já do autor.

SONETOS á tragica morte de D. Ignez de Castro. São tres; o primeiro principia :

*Estas penhas que vês, ó passageiro.*

O segundo :

*Soltos cabellos, soltos os vestidos.*

O terceiro :

*Melancolicos cedros, que assombrando.*

Vêm anonymos estes sonetos a pag. 24 do vol. III do *Ramalhete*, jornal recreativo (1840).

SOUSA QUINTANILHA (Jozé Thomaz de). — *Soneto* acerca de D. Ignez de Castro, dedicado a Marcia pelo poeta; principia :

*Não, suspirada Marcia, não; não leias  
da triste Dona Ignez infausta historia.*

É inedito, segundo creio, mas eu possuo copia d'elle, dada por meu Tio o Sr Jozé Feliciano de Castilho.

VIALE (Antonio Jozé). — No seu *Bosquejo metrico dos acontecimentos mais importantes da historia de Portugal* vem logo no canto I varias oitavas mencionando o caso dos amores de D. Ignez de Castro.

#### Romances e narrativas.

AGNÈS DE CASTRO, *nouvelle portugaise, par mademoiselle \*\*\*. A Amsterdam, chez Pierre Savouret, dans le Kalver-Straat. 1688.*

DURDENT (J.-R.). — *Beautés de l'histoire du Portugal. Paris, 1816.* N'um capitulo d'esta obra a pag. 102 vem a historia dos amores de Ignez.

GENLIS (Madame de). — Um romance, cujo titulo ignoro, sobre Ignez de Casfro.

#### Obras de desenho, pintura, escultura ou gravura.

CHRISTINO DA SILVA (João). — *A fonte dos amores*, quadro pintado em 1858; pertence a S. M. El-Rei D. Fernando.

Outro quadro do mesmo assumpto, feito pelo mesmo tempo ; pertence ao Snr Doutor Antonio Maria dos Santos Brilhante.

Outro de mesmo assumpto pintado em 1871 ; esteve na exposição de Madrid ; foi gravado na *Illustração* hespanhola.

Desenho de uma gravura no N° 57 do vol. III do *Archivo Pittoresco* feita pelo Snr. João Pedroso.

ESTATUA de Ignez de Castro no seu tumulo de Alcobaca.

FONSECA (Antonio Manuel da). — Retrato de Ignez de Castro, na edição rica do episodio dos *Lusiadas*, impressa em Lisboa, para a exposição de Pariz de 1867, com traducções em varias linguas. Gravura em madeira.

FORBIX (Conde Luiz Nicoláo Filippe Augusto de), pintor francez celebre. Quadro da coroação de Ignez de Castro, pintado em 1819.

GONÇALVES (A.-A.). — *A fonte dos amores*, lithographia no jornal *O Zephyro*, de Coimbra, N° 5, de 15 de Abril de 1872.

INSCRIPÇÃO gravada por um curioso anonymo n'um dos cedros grandes junto á *fonte dos amores*, na quinta das Lagrimas :

*Dei sombra a Ignez formosa.*

METRASS (Francisco). — Ignez de Castro no momento de pressentir os seus assassinos, abraça-se cheia de terror aos filhos ; quadro de figuras do tamanho natural. Pertence ao pae do autor.

NOGUEIRA DA SILVA. — *Mausoleos de D. Pedro e D. Ignez*, gravura em madeira no N° 29 do vol. V do *Archivo Pittoresco*, acompanhada de artigo historico, por Ignacio de Vilhena Barbosa.

RETRATO de Ignez de Castro (a oleo), existente na Academia Portuense de Bellas Artes.

RETRATO de Ignez de Castro nos *Retratos e ellogios de varões e donas*, Gravura em cobre. Foi copiado de uma pintura gothica em taboa, que pertencia á casa do Redondo. O original perdeu-se. Vem reproduzida a gravura no estudo sobre Camões por Adamson.

SENDIM (Mauricio Jozé). — *Apotheose das senhoras Rainhas de Portugal elevadas ao templo da immortalidade*. Lithographada em Lisboa, em 1852. Contem retratos de 24 Rainhas ; entre ellas, D. Ignez de Castro.

TRANT (Nicolau), Coronel inglez. — No tempo da guerra peninsular mandou este militar erigir uma lapide junto á nascente proxima ao tanque grande das Lagrimas, com a oitava gravada de Camões

*As filhas de Mondego a morte escura.*

TUMULOS de D. Ignez de Castro e de D. Pedro I, no mosteiro de Alcobaca. Gravura em madeira no N° 8 do vol. II do *Archivo Popular*.

VIEIRA PORTUENSE (Francisco). — Quadro sobre Ignez de Castro. No Tom. VIII do *Archivo Pittoresco*, diz o Snr. Innocencio Francisco da Silva, no seu *Esboço biographico* sobre o mencionado pintor, o seguinte :

« Estes quadros (o desembarque de Vasco da Gama na India, e Ignez de Castro ajoelhada com os filhinhos perante El-Rei D. Affonso ámbos pintados expressamente para a galeria real) « foram depois de 1807 transportados com outras pinturas para o Rio de Janeiro, e pertencem hoje a S. M. I. o Senhor D. Pedro II. Existem collocados em uma sala do palacio de S. Christovão no denominado *torreão da prata*. Ao nosso bom amigo o distincto pintor e poeta brasileiro o Snr. Manuel de Araujo Porto Alegre (hoje Barão de Santo Angelo) » que muitas vezes os examinou, tivemos a satisfação de ouvir dizer que *são ambos de um acabado maravilhoso*.

D'este quadro de Ignez de Castro diz Taborda :

« Parece que o artista empenhou aqui todos os preceitos da arte para representar uma scena, que ainda hoje commove os corações mais frios e insensíveis... Tudo n'este magestoso quadro é digno do seu autor ; tudo proprio do assumpto que representa, despertando no animo dos espectadores os sentimentos mais ternos e compassivos. »

#### P. S. Á NOTA PRECEDENTE

ALMEIDA GARRETT (Visconde de). — *D. Ignez de Castro*, tragedia em verso, composta expressamente para a insigne actriz portugueza D. Emilia das Neves. O autor só concluiu o primeiro acto.

BARBOSA DE BOCAGE (Manuel Maria). — Soneto sobre o caso de D. Ignez de Castro, terminando com este terceto :

*Tu es copia de Ignez, encanto amado;  
tu tens seu coração, tu tens seu rosto;  
ah! defende-te o ceo de ter seu fado!*

CASTILHO (Antonio Feliciano de). — No quinto acto de seu drama *Camões*, liberrimamente fundado sobre uma obra franceza de Victor Perrot e Armand Dumesnil, recitam em scena Camões e D. Catherina de Athaide o episodio de Ignez de Castro nos Lusíadas.

CASTILHO (Antonio Feliciano de). — Na biographia da nossa eminente actriz D. Emilia das Neves traz o autor, quando trata da estada da mesma grande artista em Coimbra, um trecho sobre Ignez de Castro encarada como assumpto theatral, e considerada mais propria ao drama do que á tragedia.

COLLECÇÃO de gravuras em cobre sobre o assumpto Ignez de Castro. São antigas; não posso n'esta occasião verificar os nomes do desenhador e gravador, que julgo francezes.

LEGRAND (C.) — Lithographia feita em Lisboa. É o retrato de D. Ignez de Castro, visivelmente imitado do dos varões e donas; tem na parte inferior a scena das supplicas de D. Ignez a El-Rei.

THOMAS (Napoléon). — Ha d'este mesmo autor duas collecções de lithographias coloridas sobre o assumpto Ignez de Castro. Uma em quatro, outra em seis estampas. São muito modernas.

Libro 6-6-921



## AO SENHOR LEEDOR

*Atequi chegua a Tragedia da muy alta e desuenturosa Dona Ynés de Crasto, molher do Ymfãté Dom Pedro; foy imprimido este presente Vollume em a muy nobre Cyldade de Pariz de Frãosa per Simão Raçon imprimidor, e acabouse a dita emprimissão hua segunda feira vii dias de Dezembro da era de Mill deccccxii que he o anno da Graça de Noso Senhor de Mill Dccc Lxxiv, bom Rreynante em Portugall Rey Dom LVIS ho primeiro deste Nome, vigesimo octavo dos Senhores Reys de Portugall; e a dita Tragedia per seu autor sacada foy das Coroniquas uelhas do Rregno, ho Setembro de Mill dccclxxi termo do muy antigo e Real Moesteiro de Donas que se chama de Sam Dyonisio de Odiuellas; e o autor pouco acrecentou de sua fantasia ao que lhe os Coronistas dos Senhores Reys em suas breuiações leixarão per memoria escripto; como ysto tudo ueraa ho pio leedor. Esta deccratoria se aqui deve poer, que se saiba ho trabalho do autor, e nom tome louvor alheo.*

LAVS DEO.

## ERRATA

PAGINA	LJNHA	ERROS	EMENDAS
50	4	covardes	prudentes
53	5	Infante,	Infante.
76	4	E um conto	É um conto
55	5	monte. Um moiraz	monte; um moiraz
42	21	fita-o atonito	fita n'elle os olhos atonito
181	18	Aquella	Aquella
195	9	roçagente	roçagante

## INDICE

DEDICATORIA. . . . .	vii
PROLOGO. . . . .	ix
PESSOAS DO DRAMA. . . . .	5
Acto I. . . . .	7
Acto II. . . . .	55
Acto III. . . . .	101
Acto IV. . . . .	155
Acto V. . . . .	231
NOTAS. . . . .	295
AO SENHOR LEEDOR. . . . .	357

